

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ  
DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*  
MESTRADO EM FILOSOFIA**

**O PERCURSO DO DESCENTRAMENTO DO SUJEITO DO  
INCONSCIENTE NA TEORIA FREUDIANA, O DESAMPARO E A  
REVISÃO ÉTICA QUE O ACOMPANHA.**

**CURITIBA**

**2006**

**MARLY ALVES DAÓLIO**

**O PERCURSO DO DESCENTRAMENTO DO SUJEITO DO  
INCONSCIENTE NA TEORIA FREUDIANA, O DESAMPARO E A  
REVISÃO ÉTICA QUE O ACOMPANHA.**

Dissertação apresentada à banca examinadora da Pós-Graduação *Stricto Sensu* mestrado em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como exigência parcial para a obtenção do grau de mestre em Filosofia.

Orientador: Francisco Verardi Bocca.

**CURITIBA**

**2006**

*“O ego não é o amo em sua própria casa”*

Freud, 1970-1977, p.178.

## SUMÁRIO

<u>RESUMO.....</u>	<u>v</u>
<u>RÉSUMÉ.....</u>	<u>vi</u>
<u>APRESENTAÇÃO.....</u>	<u>1</u>
<u>PERCURSO I: DA CONSCIÊNCIA PARA O INCONSCIENTE.....</u>	<u>11</u>
<u>PERCURSO II: A QUESTÃO DO EU .....</u>	<u>36</u>
<u>PERCURSO III: AS PULSÕES.....</u>	<u>58</u>
<u>CONSIDERAÇÕES FINAIS: DESCENTRAMENTO E DESAMPARO.....</u>	<u>85</u>
<u>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</u>	<u>103</u>

## RESUMO

O sujeito humano que a obra de Freud colocou em questão encontrou-se órfão de suas principais referências tradicionais. Ele não é mais “senhor em sua própria casa”. O desmentido que a descoberta de Freud traz para a humanidade pode se juntar aquelas de Copérnico e Darwin. Pretendemos assim, tentar compreender o que mudou fundamentalmente a partir do desmentido e da desilusão que Freud nos infligiu e analisar a problemática do sujeito do inconsciente, seu descentramento e seu desamparo. O objeto desta contribuição é precisamente o de refazer os caminhos teóricos freudianos, desde a noção de inconsciente no final do séc XIX até seus últimos escritos em 1939, pertinentes para a questão do descentramento do sujeito em psicanálise. A seguir, retomaremos a discussão sobre o conflito constitutivo do sujeito do inconsciente face ao desamparo, pois veremos que o conceito de pulsão incidirá sobre as dificuldades que o caráter indomável da natureza humana apresenta a qualquer espécie de civilização e, que o mal estar constitutivo da sua condição subjetiva está justamente em organizar uma existência aceitável, sob a forma de compromisso, tanto do ponto de vista do prazer, quanto da moralidade e da civilização. Assim, articular a ação do sujeito com o desejo inconsciente que a habita será tratar da especificidade da pulsão e de sua satisfação, o que nos remeterá a uma ética do desejo, onde o estatuto da possibilidade de satisfação parcial e de verdade parcial do desejo comportará sempre uma ausência irremediável e um domínio inacessível. Concluiremos que a ética em psicanálise se distancia de um código normativo, e que cabe a ela denunciar que, na impossibilidade de se remover por completo a situação de desamparo, resta ao sujeito mover-se como pode em torno desse destino. Para a psicanálise a humanidade do homem, ou o sujeito dentro da moralidade, só poderá se constituir a partir do conhecimento de si mesmo. A psicanálise se coloca como uma condição de possibilidade de efetuar esse conhecimento.

## RÉSUMÉ

Le sujet humain que l'oeuvre de Freud a mis en question se retrouve orphelin de ses principales références traditionnelles. Il n'est plus "maître dans sa propre maison". Le démenti que la découverte de Freud apporte à l'humanité peut se joindre à celles de Copérnico et Darwin. Nous prétendons ainsi, tenter de comprendre ce qui a changé fondamentalement à partir du démenti et de la désillusion que Freud nous a infligé et analyser la problématique du sujet de l'inconscient, son décentrement et son état de détresse. L'objet de cette contribution est précisément celui de refaire les chemins théoriques freudiens, depuis la notion de l'inconscient à la fin du XIXème siècle jusqu'à ses derniers écrits en 1939, pertinents pour la question du décentrement du sujet en psychanalyse. Ensuite, nous reprendrons la discussion sur le conflit constitutif du sujet de l'inconscient face au état de détresse, car nous verrons que le concept de pulsion surviendra sur les difficultés que le caractère indomptable de la nature humaine présente à n'importe quel type de civilisation et, que le malaise constitutif de sa condition subjective est justement d'organiser une existence acceptable, sous la forme de compromis, autant du point de vue du plaisir, que de la moralité et de la civilisation. Ainsi, articuler l'action du sujet avec le désir inconscient qui l'habite sera de traiter de la spécificité de la pulsion et de la satisfaction, ce qui nous renverra à une éthique du désir, où le statut de la possibilité de satisfaction partielle et de vérité partielle du désir comportera toujours un manque irrémédiable et un domaine inaccessible. Nous concluons que l'éthique en psychanalyse se distancie d'un code normatif, et qu'il lui revient de dénoncer que, dans l'impossibilité de se remettre complètement la situation du l'état de détresse, il revient au sujet de se bouger de la meilleure manière autour de ce destin. De la psychanalyse l'humanité de l'homme, ou le sujet dans la moralité, pourra seulement se constituer à partir de la connaissance de soi-même. La psychanalyse se place comme une condition de possibilité d'effectuer cette connaissance.

## APRESENTAÇÃO

A proposta deste trabalho consiste em destacar a emergência de um sujeito do inconsciente no discurso freudiano e retomar o percurso de seu descentramento, delineando, a partir dessas articulações, as implicações éticas da psicanálise, enquanto um pensamento e uma experiência diferenciada de uma ciência da moral, aqui compreendida como um conjunto de convicções a respeito das relações do homem com o Bem e conseqüentemente em sua busca de verdade e felicidade.

É com base em uma efetiva distinção entre corpo e alma que Descartes desenha a certeza do *cogito*. Para Descartes, o pensamento é a certeza da existência, então podemos considerar este pensar como consciência de si, ou seja, o sujeito é – porque pensa - assinalando a emergência da subjetividade, não como um sujeito, mas como uma universalidade do espírito, como fundamento do cogito. Aqui se trata de uma natureza humana, de uma essência universal.

Para Freud em oposição a Descartes, o pensamento é inconsciente, logo *onde eu não sou como consciência é onde penso e sou* como sujeito do inconsciente, do desejo. Trata-se aqui do sujeito não da desrazão e sim do inconsciente. Freud aponta a consciência não como lugar da verdade, mas da distorção, do ocultamento, da ilusão, colocando assim a razão sob suspeita por considerá-la essencialmente enganosa. Foi considerando esta problemática e suas conseqüências que Freud vai produzir um descentramento da razão e da consciência, colocando a psicanálise, enquanto uma prática teórica e uma prática ética, onde o inconsciente e seus efeitos serão o objeto da investigação psicanalítica.

Freud propõe um modelo de funcionamento psíquico, o qual estaremos descrevendo nos capítulos subseqüentes, no qual não há posição privilegiada em que localizar o sujeito, quer na consciência, quer no âmbito do inconsciente

dinâmico. Cada maneira de ser inconsciente é experimentada por via de seus efeitos na consciência, ou seja, na maneira como a experiência perceptível, conscientemente registrada é formada, interrompida, intensificada, lacunizada, contextualizada. Assim, desde a perspectiva psicanalítica, o homem não pode mais vivenciar a si mesmo como o “soberano absoluto” de sua mente. O sujeito que pensa, sente, fala, age, está descentrado da auto evidência de sua experiência de consciência.

O conceito de inconsciente, colocado como um pilar da psicanálise enquanto produção de saber, resulta numa clivagem da subjetividade, que deixa de ser entendida como um todo unitário, identificado com a consciência e sob o domínio da razão, permitindo a partir daí que se possa perguntar pelo sujeito do desejo que o racionalismo recusou.

Para retrarmos a contribuição freudiana para a teoria da subjetividade e suas implicações éticas e apreendermos o sentido do descentramento e do desamparo do sujeito segundo a psicanálise, elaboramos um caminho que, nem sempre se apresenta em linha reta, pois, sabemos que o sentido do descentramento do sujeito na obra freudiana foi marcado por décadas de elaborações e reorganizações teóricas, da introdução de novos conceitos privilegiando uma ou outra questão clínica, fazendo com que seus escritos não apareçam como uma construção clara, unívoca, coerente e homogênea ao longo de sua obra.

A necessidade de privilegiar um eixo argumentativo, o do descentramento, será como uma bússola para navegar nos textos freudianos e nos propiciar um percurso estratégico frente a seus escritos, permitindo além de uma análise dos momentos teóricos importantes para a questão do descentramento, a possibilidade de acompanhar o movimento do pensamento criativo de Freud.

Desta maneira, a proposta será de cartografar, mantendo uma fidelidade temática e conceitual aos textos freudianos, o percurso do descentramento,



desde o surgimento da noção de inconsciente no final do séc. XIX até os últimos escritos por volta de 1939, descrevendo o processo pelo qual, a centralidade do eu consciente foi sendo substituída pelas descobertas de outras instâncias da vida psíquica.

No primeiro percurso, da consciência para o inconsciente, constatamos que, se antes de Freud o sujeito era identificado com a consciência, será a partir da primeira tópica, com a explicação esquemática dos fenômenos psíquicos e com a formulação da instância do inconsciente e sua articulação com o consciente, que as idéias de Freud começarão a produzir uma outra concepção de subjetividade. Veremos também que Freud empreende um caminho no campo da representação, a partir das teorias estabelecidas em sua época, que reconheciam os fenômenos de divisão da consciência e na expansão do psíquico até o inconsciente.

No segundo percurso, a partir da segunda tópica e da elaboração da teoria estrutural do aparelho psíquico, é que se produzirá um deslocamento radical na questão do sujeito, marcando assim a ruptura definitiva com as formulações da filosofia do sujeito centrado na consciência. Para isto, Freud refaz o desenho do psiquismo a partir da constatação de que o eu se constitui por identificações que são inconscientes e de que somos 'vividos' por forças desconhecidas e indomáveis.

Esta outra concepção de subjetividade que começará a ser delineada colocará em questão o *cogito* cartesiano, pois se Descartes apresenta o eu como uma entidade original, como o lugar do sujeito da verdade e da ciência, como dito acima, Freud irá questionar esse lugar do eu, identificado com a totalidade da pessoa e mostrar que o lugar do sujeito é um lugar de ocultamento, pois, '*onde isso estava, eu deve advir*', ou seja, de que no início o que há é uma massa biológica que só será psiquismo por força do investimento do outro que acredita haver ali um eu possível, dando chance a que, virtualmente, possa surgir um sujeito.

Em seguida, o terceiro momento da teorização freudiana mostrará que o descentramento vai implicar no deslocamento das formações psíquicas inseridas na representação, ou seja, na consciência, no inconsciente e no eu, para uma formação que estaria em seu interior, à pulsão. O que o conceito de pulsão vem fundar é a descrição de um sujeito fugidio, descentrado, fragmentado em um corpo pulsional, cuja função é capturar as intensidades pulsionais e organizá-las.

A pulsão foi a maneira conceitual de o pensamento freudiano colocar a articulação do corpo com o psiquismo. Podemos dizer que a problemática da pulsão é a problemática de Freud por excelência, no sentido da tentativa freudiana de unificar a ordem do somático com a ordem da representação para falar do psiquismo.

Mas, veremos também que o conceito de pulsão permitiu a Freud elaborar uma pulsão sem representação, que é a pulsão de morte, fazendo com que a representação perdesse o privilégio teórico que tinha nos ensaios metapsicológicos, onde o campo das representações poderia ser aquele em que se revelaria a natureza do sujeito e do inconsciente.

Com isto, concluiremos que, se Freud insistia em afirmar que a psicanálise fazia parte da ciência e que compartilhava de uma visão de mundo (*Weltanschauung*) científica, foi o conceito de pulsão que afastou Freud de inscrever a psicanálise no campo da ciência e o aproximou do campo da ética.

O conceito de pulsão propiciou a discussão sobre as dificuldades que o caráter indomável da natureza humana apresenta a qualquer espécie de civilização, pois a especificidade da pulsão e de sua satisfação remeteria à questão de uma ética do desejo, pois o estatuto da possibilidade de satisfação parcial e de verdade parcial do desejo comportaria sempre uma ausência irremediável e um domínio inacessível.

Explicitar a lógica do inconsciente e o desejo que a alma é tratar da especificidade da questão ética na experiência psicanalítica, ou seja, da articulação da ação do sujeito com o desejo inconsciente que nele habita.

Assim veremos que a ética em psicanálise se distancia de um código normativo, e que cabe a ela denunciar que, na impossibilidade de se remover por completo a situação de desamparo, resta ao sujeito mover-se como pode em torno desse destino.

A questão ética surge em toda sua extensão quando Freud retoma a elucidação do que ele entende por 'desenvolvimento da cultura' colocando como princípio fundamental que este último está submetido ao mesmo processo daqueles que regem a gênese do sujeito. Freud chama a atenção para a similaridade entre o processo cultural e o desenvolvimento libidinal do sujeito: a cultura se edifica sobre a renúncia pulsional, sobre a não satisfação, sobre a repressão e o recalçamento das pulsões.

Esta abordagem econômico-dinâmica sublinha a questão imperativa do desejo associada à ação da pulsão de morte; direção do aniquilamento do desejo apresentando a busca da felicidade como se constituindo em um problema de economia pulsional.

Há um desejo além do bem estar, que coloca o sujeito diante de um conflito permanente, de um mal-estar estrutural face ao contexto cultural. A esse sujeito desamparado em face de seus conflitos, só resta o questionamento frente a sua história psíquica como uma condição de possibilidade de efetuar o conhecimento de si mesmo, pois somente nessa condição poderá perceber, que não há como responder à demanda de felicidade. O programa imposto pelo princípio do prazer é um programa irrealizável.



## INTRODUÇÃO

Em um artigo escrito por Freud em 1916 e publicado nos primeiros dias de 1917 no periódico húngaro *Nyugat*, Freud começa a escrever sobre as resistências mais gerais às teorias da Psicanálise.

O artigo intitulado “Uma dificuldade no caminho da Psicanálise” associa os efeitos das teorias freudianas àqueles produzidos pelas pesquisas científicas, em particular às idéias de Copérnico e Darwin, pois os três teriam imposto uma sucessão de “feridas narcísicas” à humanidade, à medida que colocaram em questão a crença que o homem primitivo sempre nutriu em relação a “onipotência de suas idéias e as conseqüentes tentativas de influenciar o curso dos acontecimentos”.<sup>1</sup>

Primeiramente o amor próprio da humanidade teria sofrido o que Freud chamou de “golpe cosmológico” com Copérnico no séc. XVI, quando o reconhecimento geral de sua teoria desloca o homem da posição de habitante do centro do universo, para habitá-lo em um pequeno e inexpressivo planeta inúmeras vezes menor que o Sol. Sobre isso diz ele:

... já os pitagóricos haviam lançado dúvidas sobre a posição privilegiada da Terra: e, no séc. III a.C., Aristarco de Samos havia declarado que a terra era muito menor que o sol e movia-se ao redor deste corpo celeste. Mesmo a grande descoberta de Copérnico, portanto já fora feita antes dele. Quando esta descoberta atingiu um reconhecimento geral, o amor próprio da humanidade sofreu o seu primeiro golpe, o golpe cosmológico.<sup>2</sup>

Em seguida veio o “golpe biológico” na arrogância do homem, pois este, em sua pretensa supremacia avalizada por possuir razão e por acreditar na imortalidade de sua alma, percebia-se com uma natureza muito distante e diferente daquela atribuída aos animais. As pesquisas de Charles Darwin

---

<sup>1</sup> FREUD, S. **Obras completas**: uma dificuldade no caminho da psicanálise. ESB. Rio de Janeiro: Imago. 1970/77 v. XVII, p. 174.

<sup>2</sup> Ibid., p. 174.

trouxeram uma outra visão sobre a natureza do homem, mostrando que este não é um ser diferente dos animais, pois ele próprio tem ascendência animal, o que o colocaria mais próximo de algumas espécies e mais distante de outras, mas jamais superior a elas. Diz Freud: “As conquistas que realizou posteriormente não conseguiram apagar as evidências, tanto na sua estrutura física quanto nas suas aptidões mentais, da analogia do homem com os animais.”<sup>3</sup>

Enfim, a terceira “ferida”, causada pelas teorias freudianas, era de “natureza psicológica” e segundo Freud, talvez a mais difícil de ser elaborada, pois o homem já tão “humilhado nas suas relações externas, sentia-se superior dentro da própria mente”<sup>4</sup>, e suas teorias vieram a mostrar que a autonomia e a independência da razão, que estaremos problematizando em nossa pesquisa, não passavam de uma ilusão, golpeando assim definitivamente a onipotência alimentada pelo homem moderno.

Neste artigo Freud afirma que talvez seja fruto dessas feridas a dificuldade que o leitor enfrenta ao se deparar com as idéias da psicanálise, uma dificuldade que não parece ser de ordem intelectual mas sim do que ele chamou de uma “dificuldade afetiva”<sup>5</sup>, como que uma resistência ou uma antipatia em relação aos conhecimentos do que ele chamou de *vida instintual da mente*.

Segundo Bezerra Jr.:

Diferentemente do que ocorre com as idéias de Copérnico e Darwin, portanto, o descentramento do psiquismo produzido por Freud tem implicações éticas incontornáveis. Na vida comum do dia-a-dia, as teses do heliocentrismo e o evolucionismo biológico não desempenham qualquer papel decisivo. Pode-se perfeitamente tomar decisões sobre como levar a vida, sem levá-las em conta. Não se pode dizer o mesmo do inconsciente.<sup>6</sup>

---

<sup>3</sup> Ibid., p. 175.

<sup>4</sup> Ibid., p. 175.

<sup>5</sup> Ibid., p. 171.

<sup>6</sup> BEZERRA Jr. **Descentramento e sujeito**: versões da revolução Copernicana de Freud. In Costa, J. F. (org.) **Redescrições da psicanálise**: ensaios pragmáticos. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994, p.122.

Dessas três feridas narcísicas, a última é a mais cruel, pois obriga o sujeito a renunciar o seu próprio domínio sobre sua vida psíquica e a compreender o quanto o primado da consciência é ilusório.

A constituição de uma vida psíquica inconsciente que permeará toda a obra de Freud, mesmo sendo uma questão fundamental para a discussão filosófica, foi por ele enfocada a partir de argumentos científicistas, na tentativa de consolidar a psicanálise como uma ciência positiva. Para Freud a filosofia era vista como um obstáculo para a pesquisa científica, pois ele enfatizava a necessidade de um estudo empírico meticuloso e rigoroso e temia perder-se em especulações e devaneios da imaginação, mesmo reconhecendo a filosofia como uma atividade do pensamento historicamente constituída.

Desta maneira, mesmo guiado pela determinação de fazer da psicanálise uma ciência sustentada e reconhecida pela medicina, podemos observar que as idéias de Freud situavam-se, naquele momento histórico, dentro de uma tradição da medicina, da psicologia e da filosofia alemãs do século XIX; na filosofia com Schopenhauer e Nietzsche, filósofos anti-consciencialistas, no sentido de colocarem o núcleo do psiquismo especificamente, e da natureza humana genericamente, numa instância inconsciente, e, na psicologia com as idéias de J. F. Herbart e a busca de uma psicologia que pudesse corresponder aos critérios da ciência.

Desde o início do século XVIII, que a tradição de uma dinâmica animista ou a visão mecanicista do homem na medicina, vão dar lugar a um movimento vitalista e organicista, que tem suas bases na filosofia de Schelling, um dos filósofos representantes do idealismo alemão e do movimento romântico, no qual a natureza tinha um papel fundamental.

Em 1806, nos “Anais da Medicina Científica”, o “princípio de identidade” é formulado por Schelling, segundo esse princípio, a matéria é dotada de uma vida imanente, agindo em função de causas internas, ou seja, de que existe uma inteligência inconsciente na matéria e de um espírito na natureza, servirá

de substrato teórico às idéias do organicismo e do vitalismo, imprescindíveis às formulações da chamada *medicina romântica*,<sup>7</sup> a qual tem sua gênese no romantismo alemão.

Em seu artigo “A teoria das pulsões no romantismo alemão”<sup>8</sup>, Ricardo Andrade, mostra que as idéias de Carl Gustav Carus, discípulo de Schelling e um dos representantes da medicina romântica, de quem Freud era leitor, já esboçavam idéias em torno de uma espécie de metapsicologia, com formulações que se aproximam das postulações freudianas. Em 1846, Carus publica *Psyche – Zur Entwicklungsgeschichte der Seele (Psiche – Sobre o Desenvolvimento da Alma Humana)* onde retoma e aperfeiçoa as idéias contidas em uma de suas primeiras publicações, *Vorlesungen über Psychologie (Conferências sobre psicologia)*, uma série de 21 conferências, publicadas em Dresden, em 1829/30.

Nestas conferências, estudando os estados de *vigília, sono e sonho*, Carus se refere a dois estados psíquicos fundamentais: o *estado sem consciência (bewusstlos)* e o *estado de consciência*, que se subdividiria em *consciência do mundo e consciência de si*.<sup>9</sup>

Segundo Carus:

O conhecimento da vida psíquica consciente tem sua chave na região do inconsciente. Sob este ângulo, todas as dificuldades, mesmo a impossibilidade aparente da compreensão real dos segredos do psiquismo tornar-se-ão evidentes. Se fosse absolutamente impossível chegarmos ao inconsciente através da consciência, seria também impossível para o homem compreender seu psiquismo.<sup>10</sup>

Sabendo que nessa época psiquismo e consciência eram considerados sinônimos, podemos observar na afirmação de Carus que este se refere ao inconsciente já de maneira nominativa, como Freud também o fará posteriormente. Essa construção teórica, topográfica, é que permitirá a Carus

---

<sup>7</sup> ANDRADE, R. *A teoria das pulsões no romantismo alemão* in MOURA, A. H. (org). *As pulsões*. São Paulo: Escuta, 1995, p. 22.

<sup>8</sup> Ibid., p. 17.

<sup>9</sup> Ibid., p.16.

<sup>10</sup> Ibid., p. 17-18 (CARUS, C. G. *Psyche, Zur Entwicklungsgeschichte der Seele*, 1846, Pforzheim.)



explicar a dinâmica da formação do sonho, pois durante o sono a consciência perderia seu domínio na vida psíquica e o inconsciente apareceria.

... o mundo interior emerge e, da mesma forma que o pensamento voluntário é velado e obscurecido, aí também outras séries de representação totalmente diferentes surgem; bizarras e grotescas, tal como nuvem por trás das montanhas. Aí começa o verdadeiro sono e, assim que as últimas imagens dominam sozinhas a cena, o sonho começa.<sup>11</sup>

Podemos observar que, encontramos em Carus já um esboço de um aparelho psíquico topograficamente diferenciado e o interesse em compreender os fenômenos oníricos a partir de sua tópica, ou seja, de como se daria a passagem de representações do inconsciente para o consciente, mas vemos que como bom discípulo de Schelling, Carus estabelece um monismo ontológico, uma relação direta entre a noção de organismo e a de Deus, buscando com isto abolir o dualismo entre o espiritual e o corporal, pressupondo a possibilidade de um estado mítico de unificação da natureza e do espírito. Segundo Andrade, estaria ausente na metapsicologia carusiana o ponto de vista dinâmico do funcionamento do psiquismo, o conflito entre as forças psíquicas, seu dualismo e o limite entre o corporal e o anímico, questões teóricas tão caras a Freud e onde ele construirá sua própria metapsicologia.

Em relação ao pensamento de Nietzsche, apesar de serem contemporâneos, de compartilharem a amizade de Lou Salomé e de terem suas obras aproximadas na literatura por Thomas Mann e na filosofia por Otto Rank, são as controvérsias entre o pensamento de Nietzsche e Schopenhauer, no mundo intelectual da época que parece ser responsável por trazer o nome de Nietzsche até Freud, ocasiões estas em que demonstrava certa ambigüidade frente à filosofia nietzscheana, afirmando ora não ter lido, ora “porque suas tentativas de lê-lo foram sufocadas por um excesso de interesse”.<sup>12</sup>

---

<sup>11</sup> Ibid., p. 19.

<sup>12</sup> ASSOUN P., L. **Freud & Nietzsche semelhanças e dessemelhanças**. São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 19.

Segundo Paul –Laurent Assoun o “Caso Nietzsche”<sup>13</sup> aparece como tema de discussão por duas vezes, nas quartas-feiras psicanalíticas, no ano de 1908, mas as atas destas reuniões mostraram uma tendência de Freud em diagnosticar clinicamente o filósofo, em detrimento de discussões acerca de sua obra e produção intelectual. Nesta última ata vemos a seguinte citação:

Gostaria de observar que ele nunca conseguiu estudar Nietzsche: em parte por causa da semelhança que suas descobertas intuitivas têm com nossas árduas pesquisas, e em parte devido à riqueza de conteúdo de suas obras, o que sempre impediu Freud de ir além de meia página em sua tentativa de ler Nietzsche.<sup>14</sup>

A partir desta afirmação, a obra de Assoun vai reconstituir de maneira artesanal, as ressonâncias e citações do pensamento de Nietzsche nas postulações freudianas, desde a *Interpretação de Sonhos*, passando por conceitos fundamentais de sua obra como, *instinto e pulsão* e afirmando que “Freud vai em direção de Nietzsche para nele encontrar a linguagem de seu próprio indizível”.<sup>15</sup>

Em relação ao instinto, observamos que a noção de *Instinktives*, para Nietzsche, é a que se opõe à noção de consciência, ou seja, ele postula uma equivalência entre a instintualidade e a inconsciência. O instinto seria aquilo que é decifrável no elemento do in-consciente. Assim o inconsciente seria a propriedade que mais caracterizaria o instinto, seu predicado universal, seu equivalente e mesmo sua outra maneira de ser nomeado. Mas, cabe assinalar que para Nietzsche ele não é um princípio explicativo, não é substancializado, nem se encontra em nenhuma parte. O inconsciente estaria onipresente, implicado em todos os lugares onde intervém o registro instintivo. Segundo Assoun:

O inconsciente não é, porém, a bem dizer, um conceito central de O nascimento da Tragédia (na mesma qualidade que o instinto ou a inteligência): quer dizer que ele

---

<sup>13</sup> Ibid., p.16.

<sup>14</sup> Ibid., p. 24.

<sup>15</sup> Ibid., p. 39.

designa menos uma categoria própria que a projeção dos fenômenos dionisiacos. Mais que o inconsciente, o ser inconsciente do instintivo é o que Nietzsche valoriza.<sup>16</sup>

O inconsciente aparece como princípio nas formulações schopenhauerianas e, se frente aos textos nietzscheanos encontramos uma certa ambigüidade de Freud, como já foi dito, o mesmo não acontece com a filosofia de Schopenhauer, com a qual mantém uma relação fecunda, levando Freud a render seu tributo a Schopenhauer, quando diz:

Provavelmente muito poucas pessoas podem ter compreendido o significado, para a ciência e para a vida, do reconhecimento dos processos mentais inconscientes. Não foi, no entanto, a psicanálise, apressemo-nos a acrescentar, que deu esse primeiro passo. Há filósofos famosos que podem ser citados como precursores - acima de todos, o grande pensador Schopenhauer, cuja "Vontade" inconsciente equivale aos instintos mentais da psicanálise.<sup>17</sup>

A comparação que Freud faz entre o inconsciente psicanalítico e a vontade inconsciente na filosofia de Schopenhauer só não são equivalentes porque o filósofo reveste essa concepção através de um conceito metafísico estranho à cientificidade de Freud. Porém, Freud menciona várias vezes os estudos de Schopenhauer em seus escritos, sobretudo ao reconhecê-lo como precursor na importância da sexualidade na vida humana; também os críticos de Freud à época questionavam sua originalidade por meio da aproximação de suas teorias em relação à filosofia de Schopenhauer e por fim seus discípulos elogiavam a capacidade de Freud de ter extraído da obra máxima do filósofo "uma terapêutica nova e profunda".<sup>18</sup>

Mas, o "inconsciente" (*das Unbewusste*), não é um conceito que figure na obra de Schopenhauer. Veremos que o filósofo refere-se a seres dotados de consciência (*bewusstlos*) e ao estado de não-consciência (*bewusstlosigkeit*), mas que "não emprega o termo inconsciente na sua forma substantivada".<sup>19</sup>

<sup>16</sup> Ibid., p. 186.

<sup>17</sup> FREUD, S. Opus cit., p. 178.

<sup>18</sup> AUFRANE, A. L. et al. **O inconsciente: várias leituras**. Texto: Schopenhauer e o inconsciente de Maria Lucia Mello e Oliveira Cacciola. São Paulo: Escuta, 1991, p.13.

<sup>19</sup> Ibid., p. 13.

A importância da filosofia de Schopenhauer em relação ao conceito de inconsciente é que esta parece ser a condição de possibilidade para que, àquilo que não é dotado da função de conhecimento ou não-cognoscente (*bewustlos*), passe a ter um estatuto que será depois auferido ao conceito de inconsciente (*unbewuste*).

Segundo a autora:

A filosofia de Schopenhauer permite, pois, conceber como parte integrante do aparato psíquico e da sua função de conhecer algo que está excluído do âmbito do conhecer. Reconhece ao que é sem-consciência (*bewustlos*) ou, etimologicamente não-cognoscente (*nicht-wissend*) um significado positivo, conferindo-lhe o estatuto de um objeto de saber. Não porém de um objeto de saber entre outros, mas do objeto de saber por excelência, na medida em que torna, ao mesmo tempo, possível a atividade do conhecer. ... Ao escolher a Vontade com palavra-chave para decifrar o mundo, Schopenhauer afirma, de modo explícito, que não se trata de se remeter a uma esfera transcendente, mas de contentar-se com o domínio da imanência, ou seja, segundo suas palavras para desvendar o enigma do mundo, no próprio mundo e não fora dele.<sup>20</sup>

Ao reconhecer que a visão de mundo enquanto representação de um sujeito que conhece é unilateral, Schopenhauer reconhece ainda mais a necessidade de se considerar o sujeito indo além do conhecer e pensar. O sujeito passa agora a querer e essa vontade aparece livre e sem fundamento, ela é uma coisa-em-si-mesma. A característica inconsciente seria o aspecto mais originário da vontade e aos elementos da consciência, como o próprio conceito de razão e entendimento na tradição filosófica, uma questão secundária e menos importante.

Mas, se as leituras filosóficas de Freud, foram importantes para sua construção teórica, suas pesquisas médicas e neurológicas a respeito dos fenômenos fisiológicos na histeria impunham respostas práticas. Então, quanto mais se aprofundava em explicações fisiológicas e neurais, mais crescia seu interesse pela psicologia de Herbart, e de seus estudos sobre a existência de processos mentais inconscientes, ou seja, de idéias que continuavam dinamicamente ativas após terem sido inibidas pelas demais, buscando

---

<sup>20</sup> Ibid., p. 24-25.

acrescentar à dimensão anatômico-tópica, uma dimensão dinâmica e econômica dos processos psíquicos

Este parece ter sido o referencial teórico fundamental para Freud construir sua teoria a respeito do inconsciente, pois a fisiologia, a psiquiatria e a psicologia da época estavam impregnadas das idéias de Herbart.

A psicologia de Herbart se coloca em oposição à tradição kantiana, com a tentativa de uma abordagem matemática da psicologia, situando-se dentro da tradição da psicologia alemã. Suas idéias estão expostas em duas obras principais: o “Manual de Psicologia”, que tem sua primeira edição em 1816, e “A Psicologia como ciência recentemente fundada na experiência, na metafísica e na matemática”, obra publicada em 1824/25.

Em linhas gerais, o psiquismo, para Herbart, é passível de investigação a partir da idéia de *representação* (*Vorstellung*); segundo o representacionismo herbartiano, todos os fatos psicológicos sem exceção, são representações e o caráter visível das representações é que elas são, enquanto *forças*, susceptíveis de medida. Mas, a *representação* não é uma força em si; ela só se torna uma *força* por uma oposição à outra *representação*: a *oposição* é que criaria a *representação*.<sup>21</sup> Esta seria uma das questões herbartianas cara à metapsicologia freudiana, a de que *é a oposição que cria a determinação*.<sup>22</sup>

Mas, como não percebemos a importância, deste ponto de vista, da tomada em consideração do modelo herbartiano do psiquismo como fornecendo a Freud, ao mesmo tempo em que esses átomos que são as representações, toda uma concepção (rompida) da subjetividade? Porque este é o estatuto freudiano do sujeito: ele não existe nem persiste, consistindo nessas representações nas quais se dissipa simultaneamente.<sup>23</sup>

O que podemos afirmar é que parece serem essas as bases do empreendimento freudiano, e que as diferentes frentes de seu experimentalismo clínico, resultante de sua formação cultural clássica em

---

<sup>21</sup> ASSOUN, P. **Introdução à epistemologia freudiana**. Rio de Janeiro: Imago, 1989, p. 151.

<sup>22</sup> *Ibid.*, p. 151.

<sup>23</sup> *Ibid.*, p. 159.

literatura, filosofia e antropologia, somadas aos seus conhecimentos psicológicos, médicos, psicopatológicos e biológicos, levaram-no a constituir o corpo teórico da psicanálise, corpo fragmentado por múltiplos textos nem sempre articulados entre si por uma doutrina unitária, coerente e lógica.

Mas, esse corpo teórico, autobiográfico, ensaístico, moldado no exercício de uma clínica da interpretação, constitui-se do ponto de vista cultural, em um empreendimento que destituiu o eu de sua posição central no psiquismo, que destituiu a consciência de seu trono de poder absoluto na vida mental e principalmente o responsável pela visão da fragmentação que teria se operado no interior do sujeito, apontando a infinita variedade de sentidos que este experimenta como resultado de suas ações e descrevendo-o sem nenhuma “substância” originária, sem o que Freud chamou, em referência à filosofia de Schopenhauer, de uma base “abstrato”<sup>24</sup>, mas sim, como resultado do equilíbrio sempre instável de todas as suas partes constituintes.

Nada vindo de fora penetrou em você; uma parte da atividade de sua própria mente foi tirada de seu conhecimento e do comando de sua vontade. ...O que está em sua mente não coincide com aquilo de que você está consciente; o que acontece realmente e aquilo que você sabe, são duas coisas distintas.<sup>25</sup>

Assim, o descentramento operado pela introdução da noção dinâmica de inconsciente, mostrará a partir de então, um sujeito implicado nas suas ações mais enigmáticas e levado a se reconhecer na sua complexidade, na sua divisão, nas suas contradições, ampliando seu campo de responsabilidade. O que trará implicações éticas que abordaremos adiante.

---

<sup>24</sup> FREUD, S. Opus cit., p. 179.

<sup>25</sup> Ibid., p. 176-177.

## PERCURSO I: DA CONSCIÊNCIA PARA O INCONSCIENTE

Se fosse preciso concentrar numa palavra a descoberta freudiana, essa palavra seria incontestavelmente a de inconsciente.<sup>26</sup>

Podemos dizer que foi evidenciando os limites do psíquico para além da consciência, que era até então vista como o “psiquismo em si”, que Freud reafirma a importância de sua proposta sobre o inconsciente, considerando este como a parte fundamental do psiquismo, como a hipótese necessária que permitiria a explicação de uma série de fenômenos clínicos, encontrados por ele em suas pesquisas, revelando que a consciência é apenas um elemento contingente e que a vida psíquica estava “... *inteiramente cheia de pensamentos eficientes embora inconscientes, e que era destes que emanavam os sintomas*”.<sup>27</sup>

Até então, o inconsciente era conhecido pelo seu sentido negativo, ou seja, por designar tudo que não era consciente, tudo que escapava à consciência, o que leva Freud a afirmar em 1938, em sua última exposição global sobre a psicanálise que:

Muitas pessoas, tanto ligadas à ciência (psicológica) quanto estranhas a ela, satisfazem-se com a suposição de que só a consciência é psíquica; ... A maioria dos filósofos discute isso e declara que a idéia de algo psíquico ser inconsciente é autocontraditória.<sup>28</sup>

Neste texto Freud diz que a disputa entre a psicanálise e a filosofia, em relação aos domínios da consciência, *não se trata de uma frívola questão de definição*, pois, segundo ele, o que a psicanálise chama de consciente é a mesma consciência dos filósofos e do senso comum. Mas, que a sustentação

---

<sup>26</sup> LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário de psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1983, p. 307.

<sup>27</sup> FREUD, S. Opus cit. Uma nota sobre o inconsciente na Psicanálise. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1970/77. Vol. XII, p. 330.

<sup>28</sup> FREUD, S. Opus cit.: esboço de psicanálise. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1970/77 v. XXIII, p. 182/183.

de um psiquismo inconsciente em si mesmo foi o que capacitou a psicologia a assumir seu lugar entre as ciências naturais como uma ciência.

Freud afirma que a filosofia preocupou-se inúmeras vezes com o problema do inconsciente e que essa preocupação constituiria um capítulo importante do discurso filosófico, mas que a compreensão que os filósofos forjaram sobre o tema do inconsciente, não passavam de estéreis especulações, à medida que não conheciam o problema experimental do funcionamento dos processos inconscientes como classe determinada dos processos psíquicos. O que estava sendo afirmado aqui por ele é que a psicanálise seria a reveladora do caráter psíquico do inconsciente.

A divergência sobre a questão da natureza do inconsciente levou Freud a afirmar que “*o inconsciente dos filósofos não era o da psicanálise*”<sup>29</sup>, e que os filósofos abordavam o tema, ou hipostasiando o inconsciente em entidade metafísica, como um elemento místico, intangível e inapreensível, cuja relação com o psiquismo permanecia obscura, ou de maneira consciencialista, isto é, identificando o psiquismo com o consciente, e tirando dessa definição a conclusão de que o inconsciente não era de ordem psíquica e, por conseguinte não podia constituir objeto de estudo da psicologia.

Importante assinalar, como vimos anteriormente, que Freud não inventa um conceito, mas o transfere para a categoria de um substantivo, dando a este um sentido novo, do que é fundamentalmente psíquico ou decisivo na compreensão da vida psíquica.

Esse pressuposto vai se dar em um campo clínico e experimental a partir de estudos retomados por Freud que já mostravam nessa época que poderia existir no psiquismo outras representações que ultrapassavam o campo da consciência.

No inverno de 1885, Freud vai a Paris e assiste ao curso de Charcot, cujas aulas eram ministradas na Salpêtrière, e adere entusiasmamente ao

---

<sup>29</sup> ASSOUN, P. L. **Freud**: a filosofia e os filósofos. Rio de Janeiro: F. Alves, 1978, p.27.



modelo fisiológico oferecido por ele para a histeria. Esse modelo se baseava no fato de que a histeria, não era uma simulação, que ela era uma doença funcional com um conjunto de sintomas bem definidos. Se a questão da existência ou não de uma lesão anatômica relativa a determinados sintomas era para a psiquiatria do século XIX um fator de extrema importância, o problema que se apresentava com a histeria continuava sendo o de apresentar uma sintomatologia regular. Caso isso fosse obtido, a histeria passaria a ser incluída no campo das doenças neurológicas; caso não fosse, o histérico seria identificado ao louco.

O trabalho de Charcot passa a ser o de produzir através das drogas e da hipnose, a regularidade das crises histéricas, fazendo com que a histeria fosse estudada no campo da neurologia e com isto a proposta de que o histérico fosse retirado do asilo e colocado no hospital.

Mas, se através da sugestão hipnótica, o médico podia obter um conjunto de sintomas histéricos bem definidos, isto evidenciava ao mesmo tempo que a histeria nada tinha a ver com as questões neurológicas mas, com o desejo do médico; é na tentativa de superar esse impasse que Charcot vai elaborar a teoria do trauma.

Segundo Charcot:

O sistema nervoso pode ser dotado de uma predisposição hereditária para, em decorrência de um trauma psíquico, produzir um estado hipnótico que torna a pessoa susceptível à sugestão. O trauma formaria uma injunção permanente, um estado hipnótico permanente, que poderia ser objetivado corporalmente como uma paralisia, uma cegueira ou qualquer outro tipo de sintoma. O estado hipnótico que o médico produzia na clínica seria uma injunção desse tipo, só que temporária.<sup>30</sup>

A teoria de Charcot de que os sintomas neuróticos dependeriam de um acontecimento traumático, marcaria os escritos iniciais de Freud e a seqüência de suas pesquisas médicas. A concepção de Charcot sobre a histeria está integralmente presente no artigo que Freud escreve, em 1888, para a

---

<sup>30</sup> LEVIN, K. **Freud**: a primeira psicologia das neuroses. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1980, p. 50.

Enciclopédia Villaret (*Handwörterbuch der gesamten Medizin*). Neste artigo ele recomenda dois tipos de tratamento para a neurose histérica. O primeiro se baseava na recomendação de uma mudança de ambiente, ou seja, do afastamento do paciente de seu ambiente familiar e a posterior internação que criaria condições ideais de observação e controle das crises, e o segundo que consistiria na remoção das causas psíquicas dos sintomas histéricos, causas inconscientes para o paciente e, que somente poderiam ser tratadas dando ao paciente, sob hipnose, uma sugestão que removeria o distúrbio.

Freud perceberia mais tarde que o sintoma seria apenas deslocado e que outros sintomas apareceriam enquanto sua origem não fosse desvelada.

Foi então que teve conhecimento de que se formara uma escola em Nancy que utilizava o método da sugestão, baseado na hipnose, com objetivos terapêuticos. Freud partiu para Nancy em 1889, para um período curto de estudos com Bernheim. Esse período foi de grande importância na formação médica de Freud, pois segundo ele, foi aí que recebeu as mais fortes impressões relativas à possibilidade da existência de processos ocultos à consciência, caminho que o levaria certamente, pouco depois, a formular a hipótese do inconsciente.

Mas, Freud buscava um método que pudesse ser estendido a um campo mais vasto que o dos estados histéricos, partindo da suposição de que todo e qualquer paciente devia saber, na realidade, aquilo que só a hipnose aparentemente lhe tornara acessível. Assim as afirmações e as solicitações do médico deveriam, portanto, permitir ao paciente a tomada de consciência dos fatos que este esquecera. Frente a estas constatações, Freud propõe então que o método utilizado por Breuer seja empregado, no qual o paciente sob efeito da hipnose seria levado a localizar e a recordar o acontecimento traumático, responsável pela causa do sintoma. Esse método, nomeado por Breuer de “catártico” (de *kátharsis* = purgação), seria uma espécie de liberação, de descarga do afeto associado ao acontecimento traumático. Para

Breuer, por exemplo, na histeria o sujeito estaria tomado por estados hipnóides, o que perturbaria sua unidade no campo da consciência. A função da hipnose era a de, por sugestão, remeter o paciente ao seu passado, fazendo com que ele próprio encontrasse o fato traumático, produzindo-se em decorrência disso a liberação da carga traumática.

As idéias compartilhadas entre Breuer e Freud, neste período, levariam a publicação em 1892 do artigo “*Um caso de cura pelo hipnotismo*” e no ano seguinte, 1893, publicariam juntos “*Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: Comunicação preliminar*”, transformado em 1895 no capítulo inicial dos “*Estudos sobre a Histeria*”.

Mas, Freud passaria a se afastar cada vez mais da técnica da hipnose como forma de intervenção, e a centrar a sua atenção no método mais investigativo de Breuer, valorizando o relato da história pessoal do paciente, pois, se o trauma não era de ordem física, precisaria que o paciente relatasse sua história, para que se pudesse localizar a origem do trauma. Seria a busca da lembrança do fato traumático, o que o levaria a perceber a presença sistemática de uma resistência no discurso do paciente, quando este se deparava com lembranças que evocavam uma temática ligada à sexualidade. Segundo Freud:

Em todos os casos que analisei, era a vida sexual do sujeito que havia despertado um afeto aflitivo, precisamente da mesma qualidade do ligado à sua obsessão... posso apenas relatar que até agora não pude constatar qualquer outra origem... Além disso é fácil verificar que é precisamente a vida sexual que provoca as mais numerosas ocasiões para a emergência de idéias incompatíveis.<sup>31</sup>

Em linhas gerais, para Freud, essas idéias oriundas da sexualidade infantil eram subtraídas do campo da consciência por razões defensivas e se exteriorizavam sob a forma de conversão em sintomas. Esse conhecimento da

---

<sup>31</sup> FREUD, S. Opus cit.: primeiras publicações psicanalíticas. ESB. Rio de Janeiro: Imago. 1070/77. v III, p. 65.

etiologia e da patogenia da histeria, com bases na sexualidade, levou Freud a um rompimento com Breuer, ao mesmo tempo em que lhe serviu de orientação para o estudo de outros quadros clínicos, como a neurose obsessiva e as fobias, afirmando categoricamente que todas as neuroses tem um sentido, sentido que, longe de traduzir uma fraqueza constitucional, como se admitia até então, sua sintomatologia exprime vivências traumáticas encravadas em uma estrutura arcaica regida por suas próprias leis: o inconsciente.

Podemos responder que nossa suposição a respeito do inconsciente é necessária e legítima, e que dispomos de numerosas provas de sua existência. Ela é necessária porque os dados da consciência apresentam um grande número de lacunas; tanto nas pessoas sadias como nas doentes ocorrem com freqüência atos psíquicos que só podem ser explicados pela pressuposição de outros atos, para os quais não obstante, a consciência não oferece qualquer prova.<sup>32</sup>

Este contexto, da pressuposição de um psiquismo inconsciente, mostrando que o sujeito não se restringia somente ao registro da consciência, e indo mais além, de que a consciência seria somente uma qualidade do psíquico, fundamentalmente inconsciente, norteou Freud desde a “A Interpretação de Sonhos” de 1899 e publicada em 1900 até seus escritos de 1915, os ensaios metapsicológicos, onde em “O Recalque” e “O Inconsciente” nos deparamos com a formulação do que se denominou a primeira tópica freudiana.

Foi nos anos 1896/1898 que Freud criou e utilizou pela primeira vez em sua correspondência com Fliess, o termo ‘metapsicologia’, concernente à psicologia que acabava de fundar. Freud pretendia com esse termo, definir a especificidade de sua tentativa em relação às psicologias clássicas da consciência. O paralelo entre os termos ‘metapsicologia’ e ‘metafísica’ era, para Freud, claramente intencional. Assim, escreveu em 1901, em sua “A Psicopatologia da Vida Cotidiana” o seguinte: “*Poder-se-ia ousar*

---

<sup>32</sup> FREUD, S. Opus cit.: artigos sobre metapsicologia. ESB. Rio de Janeiro: Imago. 1970/77 v. XIV, p. 192.

.....*transformar a metafísica em metapsicologia*”<sup>33</sup>, quando falava do reconhecimento obscuro de fatores psíquicos e relações no inconsciente na criação de uma *realidade sobrenatural*, a qual seria transformada em uma psicologia do inconsciente.

Mais tarde, durante o ano de 1915, Freud chegou mesmo a conceber e a realizar parcialmente o projeto de escrever “Os artigos sobre Metapsicologia”. Num dos textos que preparou neste ano, “A Pulsão e suas Vicissitudes”, explicou sua concepção de atividade científica:

O verdadeiro início da atividade científica consiste antes na descrição dos fenômenos, passando então a seu agrupamento, sua classificação e sua correlação. Mesmo na fase de descrição não é possível evitar que se apliquem certas idéias abstratas ao material manipulado.... Só depois de uma investigação mais completa do campo de observação, somos capazes de formular seus conceitos científicos básicos com exatidão progressivamente maior, modificando-os de forma a se tornarem úteis e coerentes numa vasta área. Então, na realidade talvez tenha chegado o momento de confiná-los em definições. O avanço do conhecimento, contudo, não tolera qualquer rigidez, inclusive em se tratando de definições.<sup>34</sup>

A totalidade da obra de Freud é o reflexo dessa exigência científica. Ele jamais cessou, desde sua obra *A Interpretação de Sonhos*, de elaborar e reelaborar um conjunto de modelos conceituais mais ou menos próximos dos dados experimentais de que dispunha. Esse foi o caso do esquema do aparelho psíquico especificado por lugares diferentes, a primeira tópica, que passaremos a explicitar.

O termo tópica é utilizado no sentido de uma teoria dos lugares psíquicos para não pensarmos esse “lugar” como sendo corporificável, substancial ou anatômico. A via aberta para a compreensão dinâmica do inconsciente se inicia quando ele, se inspirando em seus conhecimentos fisiológicos, elabora um modelo chamado de *Aparelho psíquico*<sup>35</sup>, onde se enunciava a existência de diferentes modalidades de representações mentais

---

<sup>33</sup> FREUD, S. Opus cit.: a psicopatologia da vida cotidiana. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1970/77. v. VI, p. 309.

<sup>34</sup> FREUD, S. Opus cit.: **artigos sobre Metapsicologia**. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1970/77 v. XIV, p.137.

<sup>35</sup> Ibid., p. 198.

(inconsciente, pré-consciente e consciente), pelas quais se evidenciava a divisão do sujeito psíquico.

...podemos dizer que, em geral, um ato psíquico passa por duas fases quanto ao seu estado, entre as quais se interpõe uma espécie de teste (censura). Na primeira fase o ato psíquico é inconsciente e pertence ao sistema Ics.; se, no teste for rejeitado pela censura, não terá permissão para passar a segunda fase; diz-se então que foi “recalcado”, devendo permanecer inconsciente. Se porém, passar por este teste, entrará na segunda fase e, subsequente, pertencerá ao segundo sistema, que chamaremos de sistema Cs (consciente). ... Em vista dessa capacidade de se tornar consciente, também denominamos o sistema Cs. de “pré-consciente”.<sup>36</sup>

Segundo Freud, a prova de censura rigorosa que um ato psíquico sofre entre dois estados do aparelho psíquico representa seu papel, essencialmente, na passagem do inconsciente para o pré-consciente. É esta operação que interessa explicar, já que ela se encontra na origem do recalque.

Para Freud, todo e qualquer ato psíquico é inconsciente, em sua origem, e poderá permanecê-lo ou, então, alcançar a consciência, segundo a censura que sofrer. A distinção entre atividade pré-consciente e atividade inconsciente só poderá ser estabelecida após a intervenção da censura. Esta censura entre o pré-consciente e o inconsciente, é mais facilmente analisável, em muitos casos, no sonho, onde opera constantemente, mas de modo mais atenuado do que no estado de vigília. Freud considerava, na verdade, que é ao fenômeno da censura que devemos atribuir um papel na deformação que se verifica nos sonhos. Nestes, a censura impõe atenuações, aproximações, alusões ao verdadeiro pensamento. Freud reconheceu que as tendências que influenciam a censura do sonho são as mesmas que o sonhador reconhece como suas, quando no estado de vigília. Essas tendências estariam ligadas ao egoísmo excessivo, livre de qualquer entrave moral, obedecendo apenas às exigências da pulsão sexual. Freud indicou também uma censura entre o sistema pré-consciente e o consciente, admitindo que qualquer passagem de um sistema para o sistema imediatamente superior, corresponde uma nova censura. Neste

---

<sup>36</sup> Ibid., p. 198.

caso, designaríamos este processo de repressão e não de recalque, pois trata-se de uma operação de caráter consciente e pelo fato do conteúdo reprimido tornar-se simplesmente pré-consciente e não inconsciente.

Para a psicanálise, o consciente não constituiria um objeto de estudo em si, mas apenas em contraposição às noções de pré-consciente e inconsciente, pois se trata de uma instância do aparelho psíquico capaz de organizar as informações do ambiente, do corpo e dos sistemas mnésicos do pré-consciente, funcionando como um órgão dos sentidos que tem a ver com o que se passa no interior e no exterior do aparelho psíquico. Freud vai nomeá-lo de *sistema percepção/consciência*<sup>37</sup>.

Para compreendermos a noção de inconsciente postulada por Freud será necessário enfocarmos os conteúdos do inconsciente, que se compõe essencialmente de *representações*. Este termo de uso da filosofia alemã designa “aquilo que se representa ou o que forma o conteúdo concreto de um ato de pensamento, e em especial a reprodução de uma percepção anterior”.<sup>38</sup>

Para Freud, nesse momento, o inconsciente conteria então as representações recalçadas durante o desenvolvimento psicosexual. As *representações (Vorstellungen)*<sup>39</sup> são “representações psíquicas” da pulsão, isto é, inscrições da pulsão nos sistemas psíquicos.

“O núcleo do inconsciente consiste em representações pulsionais que procuram descarregar sua catexia; isto é, consiste em impulsos carregados de desejo”.<sup>40</sup>

Freud entende que a vida psíquica da criança é impulsionada por experiências de origem sexual que encerram o recalque; quando essas experiências são particularmente intensas, repetitivas ou sobretudo conflitantes, suas características quantitativas e qualitativas são então

---

<sup>37</sup> Ibid., p. 199.

<sup>38</sup> LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. *Vocabulário de psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1983 p. 582.

<sup>39</sup> Ibid., p. 259.

<sup>40</sup> Ibid., p. 213.

memorizadas. O *recalcamento originário*<sup>41</sup> (*Urverdrangung*) irá, por conseguinte adquirir uma existência psíquica por se encontrar representado no inconsciente. Para Freud, o inconsciente é constituído apenas por *representação de coisas*<sup>42</sup>. A *representação de palavras*<sup>43</sup> e as trocas afetivas desta experiência ficarão dissociadas e terão um destino independente, ou seja, serão inscritas no sistema pré-consciente/consciente.

Agora parece que sabemos de imediato qual a diferença entre uma representação consciente e uma inconsciente. As duas são, como supúnhamos, registros diferentes do mesmo conteúdo em diferentes localidades psíquicas, nem tampouco diferentes estados funcionais de catexia na mesma localidade; mas a representação consciente abrange a representação da coisa mais a representação da palavra que pertence a ela, ao passo que a representação inconsciente é a representação da coisa apenas.<sup>44</sup>

Para ele, então, somente a representação ficará recalcada, o afeto se desligará da representação, pois no inconsciente o afeto é um fator puramente quantitativo, podendo ou investir outra representação ou se converter em um sintoma corporal, como na histeria, por exemplo. Assim o recalcado passará a constituir um pólo de atração para outras representações advindas de experiências ulteriores, mas, que o sujeito associa àquelas que foram originalmente recalcadas. Desta maneira, teríamos um conjunto de memórias de diferentes experiências pulsionais que formariam o inconsciente, buscando de qualquer maneira encontrar uma via de descarga, onde o seu conteúdo possa ressurgir. Freud escreve:

Com seu representante próprio (do afeto) tendo sido recalcado, ela (a moção do afeto) foi coagida a se ligar a uma outra representação e é agora tida pela consciência como a manifestação desta última. Quando restabelecemos a conexão exata, chamamos de "inconsciente" a moção de afeto originária, se bem que seu afeto não foi nunca inconsciente e só a representação sucumbiu ao recalque.<sup>45</sup>

Do ponto de vista econômico, no que diz respeito à energia em jogo nos fenômenos inconscientes, o objetivo é precisar a origem, os movimentos e as

---

<sup>41</sup> FREUD, S. Opus cit.: artigos sobre metapsicologia. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1970/77 v. XIV, p. 11.

<sup>42</sup> Ibid. p. 229-230.

<sup>43</sup> Ibid., p. 229-230.

<sup>44</sup> Ibid., p. 230.

<sup>45</sup> Ibid., p. 203-204.



transformações desta energia, (por exemplo, Freud postula a existência de uma energia psíquica que ele chama de *libido*<sup>46</sup>, termo que em latim significa vontade, desejo, para explicar as múltiplas expressões psíquicas da sexualidade.); O conceito de libido serve para definir o capital energético do psiquismo. O ponto de vista econômico procura igualmente quantificar a energia psíquica, ou seja, medir o nível de tensão e os processos e transformações no domínio da excitação sexual. Trata-se de uma avaliação relativa, obviamente fundada em analogias. A noção de *investimento* (*Besetzung*), ou seja, o fato de determinada energia psíquica se encontrar ligada a uma representação, a uma parte do corpo, a um objeto, traduz este ensaio de quantificação.

O *investimento* especifica o estado tensional de uma estrutura, que quando carregada de energia, dizemos que foi investida, e que pode ser investida, desinvestida, reinvestida ou superinvestida. A economia inconsciente se caracterizará então por uma grande mobilidade de energia. Isto significa dizer que Freud procurava seguir os destinos de quantidades de excitação e obter uma avaliação pelo menos relativa dessas quantidades.

Nessas bases podemos conceber que a livre circulação de energia no inconsciente está em conformidade com dois grandes princípios freudianos que aparecem interligados: O *princípio de constância*<sup>47</sup> segundo o qual o nível tensional do inconsciente tende a se manter em um patamar estável. É o equivalente psíquico do princípio de homeostase biológica. O outro seria o *princípio do prazer*<sup>48</sup>, segundo o qual todo aumento de tensão deve ser prevenido, ou na ausência desta, abaixado rapidamente para estabelecer a constância;

---

<sup>46</sup> FREUD, S. Opus cit.: artigos sobre metapsicologia. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1970/77 v. XIV p. 99-106.

<sup>47</sup> FREUD, S. Opus cit.: além do princípio de prazer. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1970/77 v. XVIII, p. 19.

<sup>48</sup> Ibid., p. 17-21.

Os fatos que nos fizeram acreditar na dominância do princípio de prazer na vida mental encontram também expressão na hipótese de que o aparelho mental se esforça por manter a quantidade de excitação nele presente tão baixa quanto possível, ou, pelo menos, por mantê-la constante. .... se o trabalho do aparelho mental se dirige no sentido de manter baixa a quantidade de excitação, então qualquer coisa que seja calculada para aumentar essa quantidade está destinada a ser sentida como adversa ao funcionamento do aparelho, ou seja como desagradável. O princípio do prazer decorre do princípio de constância.<sup>49</sup>

O princípio de constância pode ser compreendido em seu sentido puramente econômico, pois, a nível inconsciente, o prazer/desprazer não tem nenhuma tonalidade qualitativa: o desprazer corresponde a um aumento de tensão e o prazer a uma diminuição.

Segundo Monzani:

é através do princípio de prazer que o excesso é descarregado, sua função é sempre levar o aparelho àquele estado que, para ele, é o mais satisfatório, isto é, àquele nível que pode ser considerado o melhor para seu funcionamento. Sua função seria manter exatamente esse nível que é requerido pelo princípio de constância e, já que todo excesso de tensão (de origem externa ou interna) é problemático para o aparelho, ele seria guardião por excelência de nossa “saúde” psíquica.<sup>50</sup>

Para Freud, o princípio de constância seria o fundamento econômico do princípio do prazer, já que o aparelho psíquico procura manter sua quantidade de excitação a um nível tão baixo quanto possível; o resultado é que tudo o que é suscetível de aumentar essa quantidade só pode ser concebido como antifuncional, isto é, como uma sensação desagradável.

A idéia de um princípio, regendo o funcionamento do aparelho psíquico, mantendo constante a soma de excitações, através de mecanismos de evitação das excitações externas e de defesa e descarga dos aumentos de tensão de origem interna, está na base da teoria econômica freudiana e presente desde seus primeiros trabalhos. O que estava em causa, neste momento para Freud, era tornar sua, uma exigência dos meios científicos da época, estendendo à psicologia e a psicofisiologia os princípios mais gerais da

---

<sup>49</sup> Ibid., p. 19.

<sup>50</sup> MONZANI, L. R. **Freud**: o movimento de um pensamento. Campinas: Unicamp, 1989, p. 197.

física, na medida em que esses princípios estavam na própria base de toda ciência.

Isso nos fornece o fundamento da ambição de quantificação como correlato do monismo epistêmico: a partir do momento em que só existe uma força cuja morfologia podemos construir, torna-se possível estender o requisito de quantificação mecânica do trabalho físico às suas formas derivadas.<sup>51</sup>

Sabendo que a psicologia científica do século XIX tinha suas bases em uma exigência de que a ciência psicológica deveria ser quantificadora ou não seria ciência, Wundt cria em Leipzig o primeiro laboratório de psicologia, onde as questões relativas à quantificação de energia e excitação passam a fazer parte do programa de estudos. O que se buscava era uma condição epistemológica, a partir dos estudos da experimentação acompanhada da medida, pois, seria através da medida que se descobriria as constantes da natureza, as leis fixas que regem os fenômenos.

Quantificar, não é somente qualquer capricho ingênuo destinado a dar-se as aparências da cientificidade, mas o imperativo categórico de toda uma racionalidade. Não se trata, pois, de quantificar a mais, como para se ficar quites com a aparência de cientificidade, mas a quantificação é o efeito necessário, ao mesmo tempo que o sinal esperado da totalidade almejada. É esse desejo, ao mesmo tempo que esse requisito, que Freud transportará, nele incluindo uma econômica, para sua metapsicologia.<sup>52</sup>

Seguindo essa linha de pesquisa ligando a fisiologia e a psicologia pelo viés da quantificação experimental, Freud equiparou seu pensamento ao de Fechner, baseado em sua concepção quantitativista do psiquismo; Fechner enunciou um “princípio de estabilidade universal”<sup>53</sup>, resultando da influência direta do segundo princípio da termodinâmica, princípio esse segundo o qual as diferenças de nível energético de um sistema fechado têm uma tendência para se anularem. Freud fez questão de precisar que o princípio de constância, participa ele mesmo, de uma tendência de tudo aquilo que está vivo, de

<sup>51</sup> ASSOUN, P. L. **Introdução à epistemologia freudiana**. Rio de Janeiro: Imago, 1983, p. 188.

<sup>52</sup> *Ibid.*, p. 188.

<sup>53</sup> FREUD, S. *Opus cit.*: além do princípio de prazer. ESB. Rio de Janeiro: Imago. 1970/77 v. XVIII, p. 18.

retornar ao repouso, ou seja, “de uma certa tendência do aparelho psíquico a manter tão baixa quanto possível a quantidade de excitação nele presente ou, pelo menos de mantê-la constante”<sup>54</sup>. A origem desta formulação atrelando economia e prazer, buscando desvendar as variações nas quantidades de excitação que agem sobre a vida psíquica nos mostram a influência das teorias de Fechner sobre Freud, sobretudo seus escritos de 1896 a 1920.

Mas, essa influência não deixou de ter conseqüências, no sentido em que determinou de início, uma certa ambigüidade de Freud em relação ao princípio de constância, designando ao mesmo tempo, sob esse termo, o domínio das excitações, sua imobilização psíquica e sua descarga progressiva.

Parece, contudo, que Freud, quatro anos depois de “*Além do Princípio do Prazer*”, deu, em “*O Problema Econômico do Masoquismo*”, de 1924, certos indícios que permitem atenuar essa ambigüidade. Ele então apresenta:

*O princípio governante de todos os processos mentais constitui um caso especial daquilo que Fechner chama de tendência à estabilidade... atribuímos ao aparelho psíquico o propósito de reduzir a nada ou, pelo menos, de manter tão baixas quanto possível às somas de excitação que fluem sobre ele.*<sup>55</sup>

Na verdade, enquanto em 1920, chamava a essa tendência dupla tanto “*princípio de constância*” quanto “*princípio de Nirvana*”, mais tarde em seu estudo sobre o masoquismo veremos como esse princípio desempenhou um papel preponderante, fazendo Freud correspondê-lo com a expressão econômica da pulsão de morte. Retomaremos algumas questões em relação a esses princípios mais adiante, quando enfocarmos especificamente a questão das pulsões.

Enfim, no que se refere ao princípio de constância, é interessante notar que o destaque dado, finalmente, por Freud à tendência a redução a zero da quantidade de excitação, não deixa de recordar a elaboração de um “princípio

<sup>54</sup> Ibid., p.18

<sup>55</sup> FREUD, S. Opus cit.: o problema econômico do masoquismo. ESB. Rio de Janeiro: Imago 1970/77. v. XIX, p. 199.

de inércia” que ele tentara, em 1895, em seu “*Projeto para uma Psicologia Científica*”, a propósito do sistema neuronal.

Para Freud, o princípio de prazer teria uma importância primordial, pois, segundo ele, a evolução dos processos psíquicos seria função deste princípio. A análise que Freud fez deste princípio é perfeitamente fundamentada em considerações econômicas, já que ele mencionava uma relação entre o prazer e o desprazer, por um lado, e a quantidade de energia livre, por outro, e supôs que todo o desprazer equivale a um aumento dessa quantidade de energia e todo prazer, ao contrário, a uma redução.

A coloração afetiva e a subjetividade da escala prazer/desprazer seriam adquiridas no pré-consciente, a segunda instância do aparelho psíquico, que abordaremos posteriormente.

Freud instituiu a coesão do sistema inconsciente, diferenciando-o radicalmente do sistema pré-consciente por meio da noção econômica de uma energia de investimento específico no que se refere a cada um dos sistemas.

A característica essencial do inconsciente, deste modo, seria que só existem nele conteúdos mais ou menos fortemente investidos. Segundo Freud, não existe neste sistema nem negação, nem dúvida, nem grau na certeza.

A passagem de um ato psíquico de um sistema para outro efetua-se por meio de um desinvestimento por parte do primeiro e de um reinvestimento pelo segundo. A marca específica do inconsciente é o que Freud chamou de “processo psíquico primário”; os fenômenos que se desenvolvem segundo o *processo primário*, ignoram a noção de tempo e espaço da maneira que nossa consciência lhes mede ou percebe, ou seja, são intemporais; isto significa, que eles não são ordenados no tempo, não são modificados pela passagem do tempo, não tem absolutamente qualquer relação com o tempo e possuem uma extrema mobilidade das intensidades de investimento. Esse modo de

funcionamento específico, o *processo primário*<sup>56</sup>, se caracteriza pelo fato do investimento gozar de uma total liberdade para se deslocar de um lugar psíquico a outro ao grado do princípio do prazer e a se condensar em um desses lugares. Em outros termos, a *energia livre* é a característica essencial do inconsciente. Esta liberdade e esta mobilidade da energia de investimento aparece, principalmente naquilo a que Freud deu os nomes de ‘deslocamento’ e ‘condensação’, processos acentuados por ele na análise dos sonhos.

Com efeito, desde seu “Projeto para uma Psicologia Científica” de 1885, Freud verificou que uma representação podia transmitir seu quantum de investimento a outra representação. Assim o processo de *deslocamento*, seria “o fato da intensidade de uma representação ser susceptível de se soltar dela para unir-se a outras representações de intensidades mais fracas, mas ligadas à primeira por uma cadeia associativa”,<sup>57</sup> e a *condensação*<sup>58</sup>, onde “uma representação única representa por si só várias cadeias associativas, constituiriam os mecanismos elementares do inconsciente”<sup>59</sup>. A condensação faz de uma só representação o representante de numerosas séries de associações na encruzilhada das quais se situa. Mais tarde, Freud mostrará que estes processos são particularmente detectáveis no trabalho de elaboração do sonho, sendo estes os elementos de base dos mecanismos inconscientes mais elaborados, como o *recalcamento*.

Como foi dito anteriormente, um ato psíquico pode ser ‘recalcado’, isto é, pode não ter acesso à consciência e permanecer inconsciente. Assim, estabelecemos que o recalque é um processo que atua sobre as representações na entrada dos sistemas inconsciente e pré-consciente. Em outras palavras, a idéia ou a imagem deste ato psíquico é privada de toda energia psíquica consciente.

<sup>56</sup> FREUD, S. Opus cit.: a interpretação de sonhos. ESB. Rio de Janeiro: Imago 1970/77 Parte II v. V, p. 626.

<sup>57</sup> FREUD, S. Opus cit.: projeto para uma psicologia científica. ESB. Rio de Janeiro: Imago 1970/77 v. I, p. 368.

<sup>58</sup> Ibid., p. 361-392.

<sup>59</sup> Ibid., p. 434.

Por exemplo, uma experiência infantil memorizada no inconsciente subsiste durante toda a existência e tem um caráter totalmente atual quando se encontra *investida* no adulto. Ainda, os dinamismos inconscientes não obedecem a nenhuma lei gramatical, sintática ou matemática diferentemente de nosso intelecto ou de nosso pensamento racional, podendo conviver com idéias contraditórias e não conhecendo a negação.

Esta seria uma característica própria do sistema inconsciente, a de que podem coexistir, lado a lado, duas representações contraditórias sem que isso implique a eliminação de uma delas. Se dois desejos são incompatíveis do ponto de vista da consciência, a nível inconsciente eles não se eliminam mas, ou se combinam para atingir seu objetivo ou um investimento será maior ou menor frente à representação. O que significa dizer, que não haveria exclusão de uma idéia por esta ser incompatível com outra. Enfim, esses processos inconscientes são indiferentes à realidade e regulados pelo princípio exclusivo do prazer-desprazer. Quer dizer que temos aqui substituição da realidade externa pela realidade psíquica.

As leis que presidem o funcionamento do sistema inconsciente são diferentes das que regem o sistema pré-consciente/consciente. A negação seria uma característica dos sistemas pré-consciente/inconsciente que apareceria pelo trabalho efetuado pela censura na fronteira destes sistemas citados.

Importante assinalar aqui, que a idéia de uma dinâmica inconsciente, com propriedades arcaicas e com uma livre circulação de energia, completamente caótica, parece ter sido pensada por Freud, nos moldes do conceito de energia da ciência física. Em uma época onde o *mecanicismo* clássico, com a idéia de *ordem*, reinava absoluto ignorando a *dispersão* e a *degradação*, é com a introdução da *desordem na ordem* que formulava a segunda lei da termodinâmica, e seu *energetismo*, que a *desordem* passa a ocupar um lugar tão importante quanto o ocupado pela *ordem* na ciência

clássica. A idéia de uma desordem criadora é o ponto de partida para a possível transformação de sentido da antiga dualidade ordem/acaso. Sabemos que tanto para a filosofia quanto para a ciência a ordem sempre foi concebida como primeira e essencial, enquanto que a desordem apresentava o sentido de degradação da ordem preexistente. Então, a noção de desordem ganhará novos sentidos a partir do energetismo. Ela, que era identificada com a degradação e com a morte, passará a designar também o encontro aleatório, a dispersão, a desigualdade, a agitação, a turbulência, a ruptura, as instabilidades, etc em um sistema fechado.

A idéia de uma energia psíquica, presente nos escritos de Freud sobre o inconsciente, como dissemos anteriormente, nos remete ao segundo *princípio da termodinâmica*<sup>60</sup>, e também ao conceito de *entropia*<sup>61</sup>. A idéia de que nada parece que possa ser produzido, sem que a energia tome parte e de que ela valeria como o elemento essencial de todas as coisas reais, se estende na formulação de um energetismo psíquico, considerando todos os fenômenos psíquicos como fenômenos de energia nervosa.

A energia freudiana serve para designar uma característica processual de tipo diferencial, cujo aspecto qualitativo constitui apenas o indício de um processo mecânico quantitativo. Ela estabelece uma passagem entre dois estados que traduz um gasto mecânico, ele mesmo expressão particular (moção) da argumentação geral de desordem que formula o segundo princípio da termodinâmica (Carnot-Clausius). Conseqüentemente, o energetismo fornecerá à construção metapsicológica sua dimensão econômica, necessária, com as dimensões dinâmica e tópica, para caracterizar os processos inconscientes. Contudo, jamais esse modelo de decifração se hipostasiará em doutrina energetista.<sup>62</sup>

A energia psíquica seria caracterizada pelas operações psicológicas. Essas operações seriam responsáveis pelas estruturas estáveis que se formariam no inconsciente e perdurariam durante muito tempo, como observado nas fixações do recalçamento, onde representações se formariam

<sup>60</sup> O qual afirma que a entropia de um sistema isolado pode aumentar ao longo do tempo e só permanece constante quando chega a um equilíbrio térmico.

<sup>61</sup> Aqui compreendida como a grandeza física que quantifica a desordem em um sistema por meio do cálculo probabilístico do número de configurações microscópicas que um sistema pode assumir.

<sup>62</sup> ASSOUN, P. L. **Introdução à epistemologia freudiana**. Rio de Janeiro: Imago, 1983, p. 208.



funcionando como pólos de atração da energia, obrigando a dinâmica inconsciente a deslocamentos e condensações aleatórias. Diz Freud:

...igualmente importante é a atração exercida por aquilo que foi primeiramente repelido sobre tudo aquilo com que ele possa estabelecer uma ligação. Provavelmente, a tendência no sentido da repressão falharia em seu propósito, caso essas duas forças não cooperassem, caso não existisse algo previamente reprimido pronto para receber aquilo que é repelido pelo inconsciente.<sup>63</sup>

Esta atração pelo recalçado teria uma dupla conseqüência: de uma parte ela tenderia a aglomerar novas entidades ao que já estava recalçado conduzindo a estruturação inconsciente a uma nova complexidade e, por outro lado, ela conduziria a uma sobrecarga tensional do recalçado. Visto que esta tensão deve sempre ser diminuída, ela suscita um mecanismo de descarga que também é determinado psiquicamente, pois ele passa pela elaboração de estruturas derivadas do recalçamento que vem a ser, por deslocamento, portadoras da tensão a ser diminuída.

Esse dinamismo combinaria todos os mecanismos do processo primário e foi nomeado de *elaboração primaria*, “trabalho realizado pelo aparelho psíquico com o fim de dominar as excitações que chegam até ele e cuja acumulação ameaça ser patogênica. Esse trabalho consiste em integrar as excitações no psiquismo e em estabelecer entre elas conexões associativas.”<sup>64</sup>

Este processo se dá justamente para que o recalçado possa ser elaborado de maneira a formar derivações suficientemente deformadas para poder passar incógnitas pela censura e aparecerem no pré-consciente ou se inscreverem corporalmente. Se a dinâmica elaborativa transmite somente informações (sob a forma energética) para as formações pré-conscientes pré-existentes é porque existe uma compatibilidade estrutural entre elas e o recalçado.

---

<sup>63</sup> FREUD, S. Opus cit.: artigos sobre metapsicologia.. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1970/77 v. XIV, p. 171-172.

<sup>64</sup> LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. Opus Cit., p. 196.

Esta compatibilidade permite as formações pré-conscientes de entrarem em ressonância com o recalçado, de se remodelar a sua imagem para serem expressas e diminuir a sobrecarga tensional.

No curso da existência numerosas lembranças pré-conscientes entraram em ressonância com o recalçado e foram desconectadas do seu sentido na linguagem. As associações livres, isto é, livres do controle consciente e não permitindo que a coerência lógica se imponha ao relato, permitem precisamente em colocar em pensamentos e palavras as vivências desordenadas que o pré-consciente guarda como lembranças sem poder dar-lhes um sentido.

Assim, este conteúdo recalçado e rejeitado pelo inconsciente aparecerá na verbalização associativa (método psicanalítico a que Freud se dedicará após abandonar a hipnose como método de tratamento), colocado em palavras, fazendo ressoar o recalçado que ali se exprime e que de eco em eco permitirá o desvelamento do inconsciente.

Será importante assinalar que, quando a hipnose foi abandonada, a tarefa transformou-se em descobrir, a partir das associações livres do paciente, o que ele deixava de recordar; assim a resistência deveria ser contornada pelo trabalho da interpretação e por dar a conhecer os resultados desta ao paciente. Desta maneira, o foco de interesse estava centrado no momento em que o sintoma se formou. Foi num segundo momento que Freud desenvolveu a técnica sistemática hoje utilizada, na qual o analista abandona a tentativa de colocar em foco um momento ou problema específico e, através da arte da interpretação identifica as resistências para torná-las conscientes ao paciente, até que este possa relacionar situações e vinculações esquecidas. Dinamicamente, superando as resistências devidas ao recalque para que o desvelamento possa ocorrer.

Este procedimento, faz da psicanálise uma ciência interpretativa, que procura um sentido e não uma coisa, pode ser observado no processo

psicanalítico, pois a análise reata pela verbalização associativa, o fio condutor da história infantil que o recalçamento quebrou. Freud faz a seguinte observação:

Na realidade, as associações que exigimos que o paciente faça sem sofrer a influência de qualquer idéia intencional consciente ou de qualquer crítica, e a partir das quais reconstituímos uma tradução consciente do representante recalçado – essas associações nada mais são do que derivados remotos e distorcidos desse tipo. No correr deste processo, observamos que o paciente pode continuar a desafiar sua meada de associações, até ser levado de encontro a um pensamento, cuja relação com o recalçado fique tão óbvia, que o force a repetir sua tentativa de recalçamento.<sup>65</sup>

A psicanálise nos mostra através de seus casos clínicos que, o que se opõe às nossas decisões e escolhas, não é uma relação de causalidade anterior, mas a repetição de um ato que nosso psiquismo não pode esquecer.

Segundo Freud, em seu texto de 1914, “Recordar, Repetir e Elaborar”, aprendemos que o paciente repete suas inibições, suas atitudes, seus traços patológicos e seu sintoma ao invés de recordar e que, por isso devemos tratar sua doença, não como um acontecimento do passado, mas como uma força que se atualiza no presente e que se repete sob as condições de resistência.

Cabe ao terapeuta revelar as resistências, descobrindo as pulsões recalçadas que a alimentam e, dar tempo ao paciente para que possa reconheça-la, elaborá-la e superá-la, levando-o a reconciliar-se com o material recalçado que seus sintomas expressam.

Desta maneira, o inconsciente é um sentido a ser descoberto, que escapa à consciência, mas que torna nossas condutas significativas e que se repete até que possa ser reconhecido.

O inconsciente freudiano não é uma substância espiritual, contrafação da res cogitans cartesiana, nem é um lugar ou uma coisa. .... O inconsciente é uma forma e não um lugar ou uma coisa. Melhor dizendo: ele é uma lei de articulação e não a coisa ou o lugar onde essa articulação se dá.<sup>66</sup>

---

<sup>65</sup> FREUD, S. Opus cit.: artigos sobre metapsicologia.. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1970/77 v. XIV, p. 173.

<sup>66</sup> GARCIA-ROZA, L. A. **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, p. 174.

O fundamental a ser destacado é que o que a primeira tópica freudiana sublinha enfaticamente é a fratura radical entre o inconsciente e o que considera um bloco funcional, o pré-consciente/consciente, esses dois últimos regidos pelo *princípio de realidade*<sup>67</sup> e funcionando segundo o *processo secundário*<sup>68</sup>.

O *princípio de realidade* pode ser considerado uma sofisticação evolutiva do princípio de prazer, já que ele não impõe ao aparelho psíquico uma diminuição tensional bruta e imediata, mas permite que a descarga seja diferenciada, de maneira que ela se adapte ao ambiente.

Escreve Freud:

...sugiro que o estado de repouso psíquico foi originalmente perturbado pelas exigências peremptórias das necessidades internas. Quando isto aconteceu, tudo que havia sido pensado (desejado) foi simplesmente apresentado de maneira alucinatória, tal como acontece hoje com nossos pensamentos oníricos a cada noite. ... o aparelho psíquico teve de decidir formar uma concepção das circunstâncias reais no mundo externo e empenhar-se por efetuar nelas uma alteração real. Um novo princípio de funcionamento mental foi assim introduzido; o que se apresentava na mente não era mais o agradável, mas o real, mesmo que acontecesse de ser desagradável. Este estabelecimento do princípio de realidade provou ser um passo momentoso.<sup>69</sup>

O princípio de realidade foi concebido como um princípio de regulação psíquica capaz de colocar maneiras alternativas, substituições ou renúncias, para a satisfação. Não podemos falar que o princípio de prazer está em oposição ao princípio de realidade, mas sim que, este seria um desvio do princípio de prazer, à medida que o aparelho psíquico é confrontado com dificuldades de origem exterior e que não pode permitir permanentemente que o princípio de prazer se afirme, pois isso criaria o risco de arruinar o equilíbrio e a própria conservação do organismo. Assim, segundo Freud, sob a influência da pulsão de conservação do ego, o princípio de prazer afasta-se e cede lugar ao princípio de realidade, que faz com que, sem renunciar ao objetivo final que

---

<sup>67</sup> FREUD, S. Opus cit.: formulações sobre os dois princípios de funcionamento mental. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1970/77 v. XII, p. 277.

<sup>68</sup> FREUD, S. Opus cit.: a interpretação de sonhos. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1970/77, p. 626.

<sup>69</sup> FREUD, S. Opus cit.: formulações sobre os dois princípios de funcionamento mental. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1970/77 v. XII, p. 278-279.

o prazer constitui, seja consentida a realização protelada, não aproveitando certas possibilidades para apressar a realização, suportando até, em favor de um longo desvio tomado para chegar ao prazer, nem que para isso se experimente um desprazer momentâneo.

Se tomarmos o ponto de vista econômico, com seus modos de funcionamento primário e secundário como parâmetros, poderíamos dizer que, se o processo primário se caracteriza pelo escoamento da energia psíquica de modo livre e direto, o processo secundário se caracterizaria pelo escoamento de uma “energia ligada”, ou seja, esse escoamento seria impedido ou retardado por exigências da autopreservação do indivíduo. O princípio de realidade funcionaria como um mecanismo de ajustamento, buscando igualmente o prazer, mas de forma protegida.

O *processo secundário* deriva naturalmente do princípio que governa o pré-consciente e da ligação de energia que aí se efetua, correspondendo ao que percebemos intuitiva e imediatamente nos fenômenos mentais: a faculdade de raciocinar tendo em conta a espaço-temporalidade, a adequação às leis físicas e biológicas, a conformidade às regras gramaticais, sintáticas e matemáticas, enfim, o controle do pensamento e da motricidade em função dessas leis e regras.

Assim, do ponto de vista econômico, no pré-consciente, a circulação energética não se faz livremente, trata-se de uma *energia ligada*, ou seja, “se no processo primário a energia diz-se livre ou móvel na medida em que escoar para a descarga da maneira mais rápida e direta possível; no processo secundário ela é ligada na medida em que o seu movimento para a descarga é retardado ou controlado”<sup>70</sup>

Isto permite com que no processo secundário as representações sejam investidas de forma mais estável, enquanto que no processo primário há um

---

<sup>70</sup> LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. Opus cit., p. 200.

fluxo contínuo de investimentos, passando de uma representação à outra, como podemos perceber na atividade onírica, por exemplo.

O pré-consciente se distingue do consciente pelo fato dele ser um sistema mnésico. Ele compreende tudo que se pode representar conscientemente e evocar a vontade: lembranças, pensamentos, sentimentos, emoções, conhecimentos e aquisições culturais. Contrariamente ao recaiado, os conteúdos pré-conscientes são geridos pelo princípio de realidade e organizados segundo o processo secundário, como um sistema de arquivos.

Será importante assinalar ainda que, para Freud, as representações pré-conscientes se formam a partir de percepções auditivas ou em interação com a aquisição da linguagem articulada. Ele vai nomeá-las de *representação de palavras* para distingui-las das *representações de coisas* que são constitutivas do sistema inconsciente, como já foi dito anteriormente.

Mas, logo que uma formação do pré-consciente se liga com um conteúdo recaiado que retorna, ela pode ser contaminada pelo processo primário e pelo princípio de prazer. Ela passa a ter o valor de um conteúdo recaiado do inconsciente.

Em seu artigo de 1911, "Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental", uma outra questão importante é colocada por ele, em relação à dinâmica destes processos. Escreve Freud:

Uma tendência geral de nosso aparelho mental, que pode ser remontada ao princípio econômico de poupar consumo (de energia), parece encontrar expressão na tenacidade com que nos apegamos às fontes de prazer à nossa disposição e da dificuldade com que a elas renunciamos. Com a introdução do princípio de realidade, uma das espécies de atividade de pensamento foi separada; ela foi liberada do teste de realidade e permaneceu subordinada somente ao princípio de prazer. Esta atividade é o fantasiar, que começa já nas brincadeiras infantis, e posteriormente, conservada como devaneio, abandona a dependência de objetos reais.<sup>71</sup>

Na realidade, a busca da satisfação já não pode mais se realizar diretamente, isto é, da mesma maneira que sob o domínio exclusivo do

---

<sup>71</sup> FREUD, S. Opus cit.: formulações sobre os dois princípios de funcionamento mental. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1970/77 v. XII, p. 281-282.

princípio de prazer. Freud mostrou, perfeitamente, desta forma, como a criança passa de uma satisfação alucinatória, cujo aspecto irreal é manifesto, para a tomada de consciência da realidade, que nem sempre é agradável.

Neste primeiro percurso do descentramento da consciência para o inconsciente, procuramos explicitar a forma ou o modo segundo o qual o inconsciente opera, mostrando que a partir das formulações freudianas, a consciência passa a ser um mero efeito de superfície do inconsciente, deixando de ocupar um lugar privilegiado frente à razão.

Quando Freud aponta a psicanálise como a terceira grande ferida narcísica sofrida pelo conhecimento ocidental, afirmando que para a psicanálise seria o inconsciente que definiria o ser do psiquismo e a consciência seria somente um de seus atributos e não mais o lugar absoluto de enunciação da verdade, o que está sendo proposto é que, a partir daí, o sujeito se encontrará irremediavelmente dividido, mas o processo de descentramento estaria apenas começando. Monzani exprime essa idéia quando afirma:

Com efeito, pode-se afirmar que o núcleo da descoberta inaugural da Psicanálise foi a constatação de que somos movidos e impulsionados por algo que nos escapa, que se situa num outro “espaço”. Esse “outro lugar” foi inicialmente denominado o “inconsciente”, lugar privilegiado e de difícil acesso ao sujeito, onde, no entanto, habita sua verdade. É sobre essa descoberta que se assenta todo o edifício teórico da Psicanálise. ... Esse “outro lugar” é a sede de uma “outra cena” que preside a estruturação desfocada do sujeito, porque ele raramente olha ou pode olhar para esse outro. É sobre essa estrutura descentrada do sujeito que se alicerça a possibilidade do discurso psicanalítico.<sup>72</sup>

Será preciso retomar então, o discurso psicanalítico pois, o processo do descentramento vai implicar um outro passo: será necessário problematizar o lugar do Eu no psiquismo.

---

<sup>72</sup> MONZANI, L. R. **Freud: o movimento de um pensamento**. Campinas: Unicamp, 1989, p. 279.

## PERCURSO II: A QUESTÃO DO EU

Para discutirmos a questão do sujeito da psicanálise, teremos que delimitar, com mais detalhes, nos textos freudianos, os movimentos que marcaram a teorização da noção de ego, pois sabemos que algum tempo se passaria até que Freud formulasse sua segunda tópica e levasse adiante sua construção teórica sobre o lugar do ego no psiquismo.

Para isto, Freud não abandona as idéias da primeira tópica, mas segue reformulando essas idéias e aprofundando o conhecimento sobre o inconsciente. Lacan expressa claramente isso quando diz que: “Aquilo que Freud introduziu, a partir de 1920 são as noções suplementares então necessárias para manter o princípio do descentramento do sujeito”.<sup>73</sup>

Sabemos que Freud utiliza a noção de ego (*Ich*) desde seus primeiros trabalhos, mas, evoluções e desdobramentos marcaram a elaboração desse conceito desde os textos do período de 1894-1900 até os de 1920.

Lembremos que, Meynert, cujas aulas Freud acompanhou em 1883, formulou, por sua vez, uma concepção dual do ego, fazendo uma distinção entre o *ego primário*, parte inconsciente da vida mental que tem sua origem na infância, e o *ego secundário*, ligado à percepção consciente. Encontramos a marca desse ensino na primeira grande elaboração teórica de Freud, seu “Projeto para uma Psicologia Científica” de 1895:

Ao formular a idéia de uma atração provocada pelo desejo, e de uma tendência ao recalçamento, abordamos uma questão nova, a de um certo estado Psi. Os dois processos nos mostram, de fato, que se formou em Psi uma instância cuja presença entrava a passagem (de quantidades) quando esta se efetuou da primeira vez de uma maneira particular (isto é, foi acompanhada de satisfação ou de sofrimento). Essa instância se chama o “ego”. (...) descreveremos o ego, portanto dizendo que ele constitui a todo o momento a totalidade dos investimentos.<sup>74</sup>

<sup>73</sup> LACAN, J. **Seminário**: livro II. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.

<sup>74</sup> FREUD, S. Opus cit.: projeto para uma psicologia científica. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1970/77 v. I, p. 340-341.



Freud discerne a existência de uma “instância” cuja presença entrava a passagem das quantidades energéticas, quando esse fluxo é acompanhado de sofrimento ou de satisfação. Essa instância, Freud vai chamá-la de *ego (ich)*:

Embora esse ego deva esforçar-se por se livrar de suas catexias pelo método da satisfação, isso não pode acontecer de nenhuma outra maneira senão por ele influenciar a repetição das experiências de dor e dos afetos, e pelo método seguinte, que é geralmente descrito como inibição.<sup>75</sup>

Esse ego tem um modo duplo de funcionamento: esforça-se por se livrar dos investimentos dos quais é objeto, procurando a satisfação, e tenta por meio do processo que Freud denomina de inibição, evitar a repetição de experiências dolorosas.

Podemos ver que no “Projeto”, encontramos uma antecipação do ego estrutural que apareceria em sua forma acabada no texto de 1923, “O Ego e o Id” (*Das Ich und das Es*, 1923).

O que torna interessante a releitura do projeto é observar os esforços de Freud para descrever os fenômenos psíquicos em termos fisiológicos e neurológicos, o que novamente marcaria a contemporaneidade de suas idéias, se as compararmos com todo esforço feito pela psiquiatria biológica de buscar esse mesmo referencial para a compreensão do psiquismo humano. Importante assinalar que “O projeto” é uma obra inacabada e foi renegada por seu criador, que abandona o registro fisiológico da representação do ego, para dedicar-se ao registro psicológico.

Segundo Garcia–Roza:

Uma das preocupações de Freud no projeto de 1895 é mostrar que o ego do qual ele está falando não é um sujeito; e não o é em qualquer que seja o sentido que queiramos atribuir ao termo “sujeito”: seja sujeito entendido como sujeito perceptivo, como consciência ou como sujeito do desejo. Ao invés de sujeito o ego é concebido como um objeto interno ao aparelho psíquico, como uma rede de neurônios com função defensiva.<sup>76</sup>

<sup>75</sup> FREUD, S. Opus cit.: projeto para uma psicologia científica. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1970/77, v. I, p. 340-341.

<sup>76</sup> GARCIA-ROZA, L. A. Opus cit., p. 197.

Portanto, o ego apresentado aqui como uma organização interna do sistema de neurônios e com uma função inibidora não se parece em nada, como veremos, com o ego da segunda tópica.

Nesta, Freud parece deixar de lado o aspecto sistêmico apresentado na primeira, para elaborar uma teoria do ego, articulada a uma tópica do inconsciente, à medida que, logo nas primeiras páginas de “O ego e o id”, reafirma a tese de que: “a divisão do psíquico em o que é consciente e o que é inconsciente constitui a premissa fundamental da psicanálise”.<sup>77</sup>

Essa premissa portanto foi norteadora de todos os escritos de Freud e podemos dizer que a segunda teoria estrutural do psiquismo (1923) foi elaborada para dar às *relações de objeto* e às *identificações* o lugar que eles merecem no inconsciente, ou seja, de compreender qual o papel desempenhado pelas diversas identificações na constituição do sujeito, atenuando o aspecto mecanicista do aparelho psíquico. Retomaremos esses conceitos mais adiante.

Nesse novo modelo o psiquismo está subdividido metaforicamente em instâncias: *o id*, *o ego*, *o ego ideal*, *o ideal de ego* e *o superego*<sup>78</sup>. Como veremos, em sua forma esquemática, segundo Laplanche e Pontalis:

O *id*, seria o pólo pulsional da personalidade; o ego, a instância que se situa como representante dos interesses da pessoa e como tal é investido de libido narcísica; o superego, a instância que julga e critica, constituída por interiorização das exigências e das interdições parentais; o ego ideal, a formação intrapsíquica de um ideal narcísico de onipotência forjado a partir do modelo de narcisismo infantil; e o ideal do ego, instância da personalidade resultante da convergência do narcisismo (idealização do ego) e das identificações com os pais, com os seus substitutos e com os ideais coletivos.<sup>79</sup>

Se, no texto “o Ego e o Id”, de 1923, cada instância formava uma espécie de corpo constituído respondendo a uma jurisdição particular, onde os pensamentos, os sentimentos e as condutas do sujeito se explicavam desde

---

<sup>77</sup> FREUD, S. Opus cit.: o Ego e o Id. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1970/77, v. XIX, p. 25.

<sup>78</sup> Ibid., p. 42.

<sup>79</sup> LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. Opus cit., p. 660-661.

então como a expressão mais ou menos sintética dessas diferentes organizações representacional-afetivas que definem as instâncias, em 1925, no texto “Inibição, Sintoma e Ansiedade”, Freud revê essa noção de que as instâncias estão apartadas, reconhecendo a rigidez de sua primeira concepção das instâncias psíquicas. Escreve ele:

Estávamos justificados, penso eu, em separar o ego do id, pois há certas considerações que necessitam desta medida. Por outro lado, o ego é idêntico ao id, sendo apenas uma parte essencialmente diferenciada do mesmo. Se considerarmos essa parte em si mesma em contraposição ao todo, ou se houver ocorrido uma verdadeira divisão entre os dois, a fragilidade do ego torna-se evidente. Mas se o ego permanecer vinculado ao id e indistinguível dele, então ele exibe a sua força. O mesmo se aplica em relação ao ego e ao superego. Em muitas situações os dois se acham fundidos; e em geral só podemos distinguir um do outro, quando há uma tensão ou conflito entre eles.<sup>80</sup>

Mas, é importante assinalar que essas conclusões que aparecem no texto de 1925, foram sendo gestadas aos poucos, a partir de 1915, ao preço de uma lenta maturação fundamentada na experiência clínica, que levaram Freud à conclusão de que grandes partes do ego e do superego eram inconscientes e que a questão do ego não é somente a questão da consciência. Daí em diante, tornou-se impossível afirmar a existência de uma identidade entre o ego e o consciente, de um lado, e o recalcado e o inconsciente, de outro. Assim, foi preciso revisar por completo a concepção das relações consciente-inconsciente expressa pela primeira tópica, concluindo que o ego pertence tanto ao consciente como ao pré-consciente e ao inconsciente, sem que sua parte inconsciente coincida com o recalcado.

Laplanche e Pontalis, em sua pesquisa minuciosa nos textos freudianos, mostram como o conceito de ego foi sendo revisado e transformado ao longo da obra freudiana. Segundo eles, Freud insiste na idéia de que o ego é em grande parte inconsciente, afirmação atestada pela clínica e especialmente pelas resistências inconscientes no tratamento.

---

<sup>80</sup> FREUD, S. Opus cit.: inibições, sintomas e ansiedade. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1970/77. v. XX, p. 119.

Vamos nos ater ao texto freudiano, no ponto que corrobora a afirmação acima: “deparamos com algo no próprio ego que é também inconsciente, que se comporta exatamente como o recaiado – isto é, que produz efeitos poderosos sem ele próprio ser consciente e que exige um trabalho especial antes de poder ser tornado consciente”.<sup>81</sup>

Desta maneira, a introdução do conceito de *id* (*Es*), (isso, aquilo) apresentado em “O ego e o id”, pareceu ser o caminho teórico necessário a Freud, para acentuar o fator impessoal de algo que nos habita e insistir sobre a existência de processos que nos movem ou através dos quais somos movidos, destronando assim a idéia de um sujeito consciente e autônomo.

Com a formulação do conceito de *Id*, ele pretendia também designar o inconsciente que não se confunde com o ego e que se coloca em oposição a este; o *id* seria considerado um reservatório pulsional desorganizado, parecido a um verdadeiro caos, que, sem a intervenção do ego, seria manipulado pelas suas aspirações pulsionais e levaria o sujeito à sua perdição.

O conceito de *id*, foi emprestado de Groddeck, segundo o qual nós seríamos vividos por forças desconhecidas, escapando ao nosso domínio, e que de acordo com Freud, “O próprio Groddeck inspirou-se sob esse aspecto, ao que nos diz, no exemplo de Nietzsche, que emprega essa expressão gramatical para designar o que há de impessoal, de subordinado às necessidades naturais, em nosso ser”.<sup>82</sup>

Do ponto de vista “econômico”, o *id* é, para Freud, o reservatório inicial da energia psíquica. Do ponto de vista “dinâmico”, ele abriga e interage com as funções do ego e com os objetos, tanto os da realidade exterior, como aqueles que, introjetados, estão habitando o superego, com os quais quase sempre entra em conflito, porém, não raramente, o *id* estabelece alguma forma de aliança e conluio com o superego.

---

<sup>81</sup> FREUD, S. Opus cit.: o Ego e o Id. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1970/77 v. XIX, p. 30.

<sup>82</sup> Ibid., p. 37.

...o ego procura aplicar a influência do mundo externo ao id e às tendências deste, e esforça-se por substituir o princípio de prazer, que reina irrestritamente no id, pelo princípio de realidade. O ego representa o que pode ser chamado de razão e senso comum, em contraste com o id, que contém as paixões.<sup>83</sup>

Do ponto de vista “funcional”, ele é regido pelo princípio de prazer; logo pelo processo primário. Do ponto de vista “topográfico”, o inconsciente, como instância psíquica, virtualmente coincide com o id, o qual é considerado o pólo psicobiológico da personalidade, fundamentalmente constituído pelas pulsões.

Quando Freud enfatiza a energética do id, há um deslocamento do sujeito para um outro lugar de não-representação, lugar de pura pulsão. Desta maneira, os sonhos, os sintomas, os lapsos, os chistes, que retornariam deformados pela censura, seriam a própria presentificação do sujeito do inconsciente, sujeito fendido entre dois lugares psíquicos – o consciente e o inconsciente.

Assim para Freud, o id é, sem dúvida, a instância mais obscura e mais impenetrável da personalidade. O id é o reservatório das pulsões, mas não há nele qualquer organização, qualquer princípio voluntário; procura simplesmente satisfazer essas pulsões, em conformidade com o princípio de prazer. Todos os processos que se realizam nele são ilógicos, considerando que as emoções mais contraditórias se misturam nele sem se negarem umas as outras. Segundo Freud:

No id não há nada que se possa comparar à negativa, e é com surpresa que percebemos uma exceção ao teorema filosófico segundo o qual espaço e tempo são formas necessárias de nossos atos mentais. No id, não existe nada que corresponda à idéia de tempo; não há reconhecimento da passagem do tempo, e – coisa muito notável e merecedora de estudo filosófico – nenhuma alteração em seus processos mentais é produzida pela passagem do tempo.<sup>84</sup>

Os desejos e as impressões ocultas no id em conseqüência do recalque são, de certo modo, imutáveis e intemporais; Freud insistia muito

---

<sup>83</sup> Ibid., p. 39.

<sup>84</sup> FREUD, S. Opus cit.: novas conferências introdutórias sobre a psicanálise, ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1970/77 v. XXII, p.94/95.

particularmente sobre a imutabilidade do recalçado, no decorrer do tempo. Além disso o *id* é, evidentemente, alheio a todo e qualquer juízo de valor, é perfeitamente amoral e, deste modo, não faz a menor distinção entre o bem e o mal. O *id* está inteiramente sujeito ao princípio de prazer.

Sigamos agora, o movimento teórico que acompanhou o conceito de Ego (*Ich*) na teoria freudiana; sabemos já que o termo designou, num primeiro momento, a sede da consciência e que a partir de 1920, o termo mudou de estatuto, sendo conceituado por Freud como uma instância psíquica, no contexto de uma segunda tópica que abrangia outras duas instâncias: o superego e o *id*. O ego tornou-se então, em grande parte, inconsciente.

O ego em sua relação com o *id* é como um cavaleiro que tem de manter controlada a força superior do cavalo, com a diferença de que o cavaleiro tenta fazê-lo com a sua própria força, enquanto que o ego utiliza forças tomadas de empréstimo. ....com freqüência um cavaleiro, se não deseja ver-se separado do cavalo, é obrigado a conduzi-lo onde este quer ir; da mesma maneira, o ego tem o hábito de transformar em ação a vontade do *id*, como se fosse sua própria.<sup>85</sup>

Esta metáfora nos mostra que do ponto de vista tópico, o ego está numa relação de dependência tanto para com as reivindicações do *id*, como para com os imperativos do superego e exigências da realidade. Embora se situe como mediador, encarregado dos interesses da totalidade da pessoa, a sua autonomia é apenas relativa; do ponto de vista dinâmico, o ego representa eminentemente, no conflito neurótico, o pólo defensivo da personalidade; põe em jogo uma série de mecanismos de defesa, estes motivados pela percepção de um afeto desagradável (sinal de angústia).

Segundo Freud, é observando as relações do ego com o sistema P (percepção), isto é, a parte superficial do aparelho psíquico, que se torna possível identificar as propriedades essenciais desta instância. O sistema P está, na realidade orientado para o exterior e permite a transmissão de toda informação recebida. Freud reconhece que o ego "*emana do sistema P como*

---

<sup>85</sup> FREUD, S. Opus cit.: o Ego e o Id. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1970/77. v. XIX, p. 39.

*de um núcleo*”<sup>86</sup> Assim o ego é a parte do id modificada pela proximidade e a influência do mundo exterior, organizada para apreender as excitações e para se defender delas. O ego tem por função representar o mundo exterior para o id. Observa este mundo e deposita-lhe a imagem entre suas recordações de percepção, embora o ego possa utilizar as recordações que ganhou da experiência e, desse modo, substituir o princípio do prazer que governa o id pelo princípio de realidade.

O ego se apropria de numerosos resíduos de investimentos objetivos, emanando diretamente das exigências pulsionais do id. Isto se explica se consideramos que o ego deve, na medida do possível, satisfazer as intenções do id, elaborando compromissos graças a circunstâncias favoráveis. Neste particular a metáfora freudiana citada acima, é particularmente esclarecedora.

Veremos então, que a teoria psicanalítica procura explicar a gênese do ego em dois registros relativamente heterogêneos.

Num primeiro registro, vendo nele um aparelho adaptativo, diferenciado a partir do id e em contato com a realidade exterior: “o ego é aquela parte do id que se modificou pela proximidade e pela influência do mundo externo.”<sup>87</sup>

Se Freud descreveu o ego como uma parte do id, que por influência do mundo exterior ter-se-ia diferenciado e se já sabemos que no id reina o princípio de prazer, então, podemos concluir que o ser humano que é um animal social, se quiser viver com seus congêneres, não pode viver todo o tempo sob orientação do princípio de prazer, ou acreditar em um estado de quietude e felicidade completa, ou habitar esse ponto de menor tensão, assim como lhe é impossível deixar que as pulsões se expressem em estado puro.

De fato, se entendermos que o inconsciente é também produto do recalque e que não há recalque sem uma relação com alguma coisa que seja exterior ao psiquismo, veremos que o mundo exterior impõe à criança

---

<sup>86</sup> Ibid, p. 43.

<sup>87</sup> FREUD, S. Opus cit.: a dissecação da personalidade psíquica. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1970/77. v. XXII, p. 96.

pequenas proibições que provocam o recalçamento e a transformação das pulsões, na busca de uma satisfação substitutiva que irá provocar no ego, por sua vez, um sentimento de desprazer. O princípio de realidade, mesmo quando implica em renúncia ao prazer, está em última instância servindo ao princípio de prazer.

Segundo Freud:

Na realidade a substituição do princípio de prazer pelo princípio de realidade não implica a deposição daquele, mas apenas sua proteção. Um prazer momentâneo, incerto quanto a seus resultados, é abandonado, mas apenas a fim de ganhar mais tarde, ao longo do novo caminho, um prazer seguro.<sup>88</sup>

Assim, o ego se apresenta como uma espécie de tampão entre os conflitos e clivagens do aparelho psíquico, ao mesmo tempo em que tenta desempenhar o papel de uma espécie de pára-excitação, em face das agressões do mundo exterior, cabe a ele discernir entre as reivindicações pulsionais e a ação que proporcionará satisfação, efetuando, reprimindo ou adiando a satisfação. É ao ego que está entregue a tarefa de garantir a supremacia do princípio de realidade.

Em um segundo momento, o ego será definido como produto de identificações que levam à formação no seio da pessoa de um objeto de amor investido pelo id. A identificação deve ser considerada como um processo amplo, permitindo verdadeiramente a constituição do sujeito.

Neste segundo momento, podemos observar que os movimentos da escrita freudiana apontariam também, outros caminhos. Somente a partir do texto de 1914, “Sobre o Narcisismo: Uma Introdução”, que uma outra teoria do ego começa a se constituir e que Freud irá romper definitivamente com a concepção clássica do eu, mostrando através das análises sobre a origem alterária do ego, que este também é marcado pelo registro da sexualidade.

---

<sup>88</sup> FREUD, S. Opus cit.: formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1970/77. v. XII, p. 283.



Este trabalho, considerado um dos mais importantes na obra de Freud, é fundamental para acompanharmos a evolução dos conceitos em seus escritos e também porque marca sua ruptura definitiva com Jung e sua idéia de uma dessexualização da libido.

Estamos destinados a supor que uma unidade comparável ao ego não pode existir no indivíduo desde o começo; o ego tem de ser desenvolvido. As pulsões auto-eróticas, contudo, ali se encontram desde o início, sendo, portanto, necessário que algo seja adicionado ao auto-erotismo – uma nova ação psíquica – a fim de provocar o narcisismo.<sup>89</sup>

Neste texto Freud coloca uma questão importante quando afirma que é uma suposição necessária que não esteja presente no indivíduo, desde o começo, uma unidade comparável ao ego e que este deve ser desenvolvido; como se o espaço para a suposição de algo estranho a esse ego, pertencente ao sujeito e que o determina, já estivesse ali, esperando pela nova ação psíquica, produzida pela alteridade, ou seja, pela relação com o outro.

Os escritos sobre o narcisismo formulam que o corpo e o sujeito se constituem a partir do outro – sem o outro não existe sujeito possível – o outro é o pólo crucial de sua transmissão. Assim no início não existiria o ego, mas apenas a dispersão e o pluralismo das pulsões auto-eróticas. Seria através de uma ação psíquica, dada na interação com o outro, como já foi dito, que as pulsões auto-eróticas se transmutariam na unidade narcisica-ego.

Desta maneira, o narcisismo envolve ao mesmo tempo a formação do ego e a apreensão do objeto, pois tomar a si mesmo como objeto de amor equivalerá a transportar para si a qualidade da relação erótica mantida com o primeiro objeto libidinalmente investido. Assim poderíamos concluir que no narcisismo, um modo de apreensão do objeto externo se volta para o próprio corpo. Diz Freud:

---

<sup>89</sup> FREUD, S. Opus cit.: artigos sobre metapsicologia. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1970/77. v. XIV, p. 93.

As primeiras satisfações sexuais auto-eróticas são experimentadas em relação com funções vitais que servem à finalidade de autopreservação. As pulsões sexuais estão, de início, ligadas a satisfação das pulsões do ego; somente depois é que eles se tornam independentes deste, e mesmo então encontramos uma indicação dessa vinculação original no fato de que os primeiros objetos sexuais de uma criança são as pessoas que se preocupam com sua alimentação, cuidado e proteção: isto é, sua mãe ou quem quer que a substitua.<sup>90</sup>

O que observamos nesse texto foi a consolidação de um novo caminho para exploração dos domínios do ego, pois o investimento do prazer se realizaria nos campos do objeto e do ego, com a idéia da *libido do ego ou libido narcísica*, ou seja, “uma modalidade de investimento da libido que poderia tomar como objeto a própria pessoa”<sup>91</sup>, em oposição à *libido do objeto*, modalidade em que o investimento seria feito em um objeto exterior.

Essa oposição entre libido do ego (libido narcísica) e libido objetal não se refere à natureza da energia, mas sim ao objeto de investimento; a libido do ego designaria não uma libido que provém do ego, mas uma libido investida no ego, enquanto que a libido objetal provém do investimento da libido nos objetos externos. Também aqui a concepção de objeto teria um duplo sentido: o objeto no campo da pulsão seria o objeto parcial e o objeto figurado no campo da oposição sujeito/objeto enunciaria a relação do sujeito com o outro, isto é, a relação entre sujeitos. Vemos assim aparecer no discurso freudiano às múltiplas formas de relação do sujeito com a alteridade e os impasses da constituição desta alteridade.

Então, a partir do conceito de *narcisismo*, o ego passa a ser uma instância psíquica marcada pela incidência do sexual, erotizada e regulada pelo princípio de prazer, ou seja, as pulsões do ego passam a ser consideradas como pulsões sexuais, à medida que a pulsão sexual podia retirar a libido investida nos objetos e investi-las no próprio ego; este fato, se tornou evidente a partir dos estudos feitos por Freud, sobre as psicoses. Assim, veremos que a partir dessa conceituação, a função adaptativa e autônoma do ego seria

---

<sup>90</sup> FREUD, S. Opus cit.: sobre o narcisismo-uma introdução. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1970/77. v. XIV, p. 103/104.

<sup>91</sup> LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. Opus cit., p. 345.

colocada em questão e a libido passaria a ser a única substância em causa que poderia ser considerada sujeito e se inserir no campo do ego e dos objetos: *libido do Ego ou libido narcísica e libido do objeto*.

Também vemos, em linhas gerais, uma antítese entre a libido do ego e a libido objetal. Quanto mais uma é empregada, mais a outra se esvazia. A libido objetal atinge sua fase mais elevada de desenvolvimento no caso de uma pessoa apaixonada, quando o indivíduo parece desistir de sua própria personalidade em favor de uma catexia objetal.<sup>92</sup>

Se o ego não é originário, como uma cristalização inaugural da auto-conservação, e se ele só se constitui a partir do outro, seria o investimento das figuras parentais no organismo infantil, que transformaria as pulsões auto-eróticas em narcisismo. Freud mais uma vez nos indica esse caminho: “O amor dos pais, tão comovedor e no fundo tão infantil, nada mais é senão o narcisismo dos pais renascido, o qual, transformado em amor objetal, inequivocadamente revela sua natureza anterior”.<sup>93</sup>

O ego se constituiria então como um complexo de representações de si mesmo, provenientes de estímulos internos e externos, representações estas que construiriam um sentimento de si do qual a imagem corporal faz parte. Monzani também chama a atenção para o fato de que o ego da “Introdução ao Narcisismo” ser conceituado como pólo de fixação da libido, não mais como um simples lugar de passagem para o investimento objetal, mas como um lugar onde a libido pode permanecer, seu grande reservatório. E acrescenta:

Freud coloca o narcisismo como o primeiro pólo onde a libido, embora ainda centrada no sujeito, já não está mais dispersa, mas sim organizada em função de uma imagem: a imagem de si. Fruto de uma diferenciação progressiva a partir de um solo original, o ego surge como uma unidade frente à diversidade do pulsional, que até então funcionou de maneira anárquica e dispersa – ele aparece, assim, tal qual o objeto exterior, como passível de ser objeto da sexualidade.<sup>94</sup>

<sup>92</sup> FREUD, S. Opus cit.: sobre o narcisismo – uma introdução. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1970/77. v. XIV, p. 92.

<sup>93</sup> Ibid., p. 108.

<sup>94</sup> MONZANI, L. R. Opus cit., p.245.

O ego aparece assim como um suporte constante de energia libidinal, que não se origina nele, mas o toma como estação intermediária do percurso da libido. A libido do ego designa aqui também o fato da pulsão sexual tomar por objeto o ego sem por isso abalar sua função de preservação. Será essa permanência da libido no ego que permitirá os movimentos e os fluxos em direção ao mundo exterior.

Vemos então que, se em um primeiro momento o ego constituído se acreditava na condição de suas próprias origens e se estabelecia como sendo seu próprio ideal, o *ego ideal*; o trabalho psíquico realizado pela elaboração do Édipo e pela castração levaria a desconstrução do *ego ideal* para que se efetuasse o *Ideal do ego*. Ou seja, do *ego ideal* que é monológico para o *Ideal do ego* que é alterário, pois, depende das identificações com o outro para ser formado. A meta seria que o sujeito se reconhecesse em sua finitude e insuficiência.

Esse ego ideal é agora alvo do amor de si mesmo, desfrutado na infância pelo ego real. O narcisismo do indivíduo surge deslocado em direção a esse novo ideal, o qual como o ego infantil, se acha possuído de toda perfeição de valor. Como acontece sempre que a libido está envolvida, mais uma vez aqui o homem se mostra incapaz de abrir mão de uma satisfação de que outrora desfrutou. Ele não está disposto a renunciar à perfeição narcisista de sua infância; e quando, ao crescer, se vê perturbado pelas admoestações de terceiros e pelo seu próprio julgamento crítico, de modo a não mais poder reter aquela perfeição, procura recuperá-la sob a nova forma de um ego ideal. O que ele projeta diante de si como sendo seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância, na qual ele era seu próprio ideal.<sup>95</sup>

Esta nova formação partiria da influência crítica dos pais e das pessoas do meio social. Encontramos aqui, um sinal claro do que mais tarde, em 1923 irá se constituir como um conceito fundamental da psicanálise: o superego.

Com a delimitação da instância psíquica do superego, na segunda tópica de 1923 (*O ego e o Id*), a ênfase será colocada no outro, ou seja, que a produção do sujeito se realiza pelo outro. Freud vai afirmar neste momento que

---

<sup>95</sup> FREUD, S. Opus cit.: sobre o narcisismo-uma introdução. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1970/77. v. XIV, p. 111.

“O ego é um conjunto de Identificações, o resultado e o precipitado das relações do corpo e do outro”.<sup>96</sup>

O *Ideal do ego* se realizaria pela Identificação (“Eu sou o outro”). A Identificação vai mostrar a presença e efetividade do outro na constituição do sujeito. Neste ponto, entramos no campo da identificação, um dos mecanismos privilegiados na constituição do ego e que abrirá as portas para as posteriores elaborações freudianas sobre a cultura, pois oferece pistas fundamentais para pensar a influência do social na constituição do ego, como encontramos em “O Mal-estar na Cultura” de 1930.

Segundo Birmann:

Esta concepção alteraria da origem do eu, que admite o autocentramento como um de seus desdobramentos, está na origem de um dos conceitos mais fecundos da leitura freudiana do sujeito. Referimo-nos ao conceito de identificação. É justamente porque o sujeito se constitui no e pelo outro que o seu ser é a marca indelével que o outro traça no seu corpo nas experiências de satisfação. Se o sujeito não é causa de si mesmo e apenas pode advir a partir do outro, sendo um conjunto de identificações, então a constituição do sujeito implica o estabelecimento de uma dívida inefável com as potências que lhe oferecem as possibilidades de ser produzido.<sup>97</sup>

Para ele, existe uma multiplicidade e diversidade de sujeitos no interior do indivíduo, já que o estatuto do sujeito se funda na transmissão. O sujeito não seria causa em si mesmo, pois o dentro (a interioridade / o ego ideal) se constituiria pelo fora (a exterioridade / o ideal de ego e superego). Assim os destinos do sujeito se colocariam entre os pólos do dentro e do fora, entre interioridade e exterioridade, numa dialética fundamental da produção e reprodução do sujeito entre as pulsões e o outro.

Já na terceira parte da “Introdução ao narcisismo”, Freud se pergunta sobre o que aconteceu com o narcisismo infantil e o que aconteceu com a libido do ego. Não parece que tenha sido toda desviada aos investimentos objetivos, então Freud responde: sucumbiu ao recalque. E acrescenta:

<sup>96</sup> FREUD, S. Opus cit.: o Ego e o Id. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1970/77, v. XIX, p. 50.

<sup>97</sup> BIRMAN, J. *Estilo e modernidade em psicanálise*. São Paulo: Ed. 34, 1997. p. 32-33.

Sabemos que os impulsos pulsionais libidinais sofrem a vicissitude do recalque patogênico se entram em conflito com as idéias culturais e éticas do indivíduo. Com isso, nunca queremos dizer que o indivíduo em questão dispõe de um conhecimento meramente intelectual da existência de tais idéias; sempre queremos dizer que ele as reconhece como um padrão para si próprio, submetendo-se às exigências que elas lhe fazem. O recalque como dissemos, provem do ego; poderíamos dizer com maior exatidão que provem do amor-próprio do ego.<sup>98</sup>

Em seguida, ele se pergunta por que este mecanismo não é igual em todos os indivíduos; por que as mesmas impressões, impulsos, experiências e desejos são por alguns recalcados e por outros não: podemos dizer que há erigido no interior de si um ideal, pelo qual mede seu ego real, enquanto no outro falta essa formação de ideal. A formação do ideal seria, de parte do ego, a condição da repressão. O recalque, então, é função do ego e tem como origem exigências éticas e culturais.

Esta idéia é retomada em “O ego e o Id”, de 1923, quando Freud afirma que o ego é a parte do id alterada pela influência do mundo exterior, a parte que prudentemente se adapta (como sustentava em 1911), priorizando o princípio de realidade sobre o princípio de prazer.

Em seu “Esboço de Psicanálise” de 1938, retoma esta mesma questão, concluindo uma explicação para a origem do ego:

Sob a influência do mundo que nos cerca, uma porção do id sofreu um desenvolvimento especial. Do que era originalmente uma camada cortical, equipada com órgãos para receber estímulos e com disposições para agir como um escudo protetor contra estímulos, surgiu uma organização especial que, desde então, atua como intermediária entre o id e o mundo externo. A esta região de nossa mente demos o nome de ego.<sup>99</sup>

Passemos então à instância do Superego ou Supereu; o termo *Über-Ich*<sup>100</sup> foi também introduzido por Freud em “O ego e o id” e mostra a função crítica, assim designada por constituir uma instância que se separou do ego e que parece dominá-lo, como demonstram os estados de luto patológico ou de

---

<sup>98</sup> FREUD, S. Opus cit.: artigos sobre metapsicologia ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1970/77, v. XIV, p. 110.

<sup>99</sup> FREUD, S. Opus cit.: Esboço de psicanálise ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1970/77, v. XXIII, p. 170.

<sup>100</sup> FREUD, S. Opus cit.: o Ego e o Id. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1970/77, v. XIX, p. 23.

melancolia em que o sujeito se vê criticar e depreciar; o seu papel é assimilável ao de um juiz ou de um censor relativamente ao ego. Freud vê na consciência moral, na auto-observação, na formação de ideais, funções do superego. “Classicamente”, o superego é definido como herdeiro do *complexo de Édipo*; constitui-se por interiorização das exigências e das interdições parentais.

Num primeiro tempo, o superego é representado pela autoridade parental que dá ritmo à evolução infantil, alternando as provas de amor com as punições, geradoras de angústia. Num segundo tempo, quando a criança renuncia à satisfação edipiana, as proibições externas são internalizadas. Esse é o momento em que o superego vem substituir a instância parental por intermédio de uma identificação.

Freud atribui ao superego a função da consciência moral e reconhece o sentimento de culpa como expressão de uma tensão entre o ego e o superego. O ego reagiria a essa culpa com sentimentos de ansiedade (*ansiedade de consciência*)<sup>101</sup> à percepção de que não esteve à altura das exigências feitas pelo superego.

Segundo a metáfora utilizada por Freud,

a posição do ego é semelhante à de um monarca constitucional, sem cuja sanção nenhuma lei pode ser aprovada, mas que hesita longo tempo antes de impor seu veto a qualquer medida apresentada pelo parlamento.....vemos este mesmo ego como uma pobre criatura que deve serviços a três senhores e, conseqüentemente, é ameaçado por três perigos: o mundo externo, a libido do id e a severidade do superego.<sup>102</sup>

Vemos então aqui o ego como uma instância em constante estado de alerta frente às pulsões do id e do superego, lutando para harmonizar exigências obstinadas e inflexíveis “tal qual um político que percebe a verdade, mas deseja manter seu lugar no favor do povo”.<sup>103</sup> Esta afirmação vai mostrar claramente a posição do ego na segunda tópica freudiana; aqui a questão é da

<sup>101</sup> FREUD, S. Opus cit.: o problema econômico do masoquismo. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1970/77. v. XIX, p. 208.

<sup>102</sup> FREUD, S. Opus cit.: o Ego e o Id. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1970/77. v. XIX, p. 72-73.

<sup>103</sup> Ibid., p. 73.

possibilidade de ser aniquilado pelas próprias leis ou exigências internas, e, a consciência que antes se apresentava como sinônimo do ego, como vimos na primeira tópica, passa a ser novamente mais um atributo, aparece como “ansiedade da consciência” ou ansiedade frente ao superego.

Em seu texto de 1924 “O problema econômico do masoquismo”, Freud declarou: “O superego – a consciência em ação no ego – pode então tornar-se dura, cruel e inexorável contra o ego que está a seu cargo. O imperativo categórico de Kant é, o herdeiro direto do complexo de Édipo”;<sup>104</sup> o que significa afirmar que o superego é construído segundo o modelo do superego dos pais, no conflito com a alteridade, entre o “tu deves” e o “tu não deves”; para Freud, o curso do desenvolvimento da infância conduz a um desligamento sempre crescente dos pais e a significação destes para o superego retrocede a um segundo plano. Além destes, as influências de professores e autoridades, modelos escolhidos e heróis reconhecidos também seriam introjetados, tornando-se assim a fonte de nosso senso ético individual, de nossa moralidade.

Esta afirmação será fundamental para repensarmos mais adiante, a questão do descentramento e a inserção do sujeito no processo da cultura, pois, o que Freud afirma categoricamente é a construção do superego segundo uma relação vivenciada e não segundo uma abstração como a consciência moral, pois, compreende que, não é a consciência moral que produz a renúncia às pulsões, mas sim as vicissitudes da renúncia às pulsões que engendrariam a consciência moral e a reforçaria. O que diferenciaria, na verdade, a opinião freudiana sobre esta instância da concepção clássica da consciência moral é o fato dela ter raízes no inconsciente e poder operar como censor de maneira inconsciente. A citação é extensa, mas importante:

Via de regra, os pais, e as autoridades análogas a eles, seguem os preceitos de seus próprios superegos ao educar as crianças. Seja qual for o entendimento a que possam

---

<sup>104</sup> FREUD, S. Opus cit.: o problema econômico do masoquismo. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1970/77. v. XIX, p. 209.



ter chegado entre si o seu ego e o superego, são severos e exigentes ao educar os filhos. Esqueceram as dificuldades de sua própria infância e agora sentem contentes com identificar-se eles próprios, inteiramente, com seus pais, que no passado impuseram sobre eles restrições tão severas. Assim o superego de uma criança é, com efeito, construído segundo o modelo não de seus pais, mas do superego de seus pais; os conteúdos que ele encerra são os mesmos, e torna-se veículo da tradição e de todos os duradouros julgamentos de valores que dessa forma se transmitiriam de geração em geração.

[...] quando levamos em conta o superego, estamos dando um passo importante para a nossa compreensão do comportamento social da humanidade.<sup>105</sup>

Aqui Freud precisa como a formação do superego corresponde a uma situação secundária. Na verdade, o sujeito não é dotado de uma consciência interior nata e a criança deve ser considerada amoral, pois nela, nenhuma inibição vem contrariar sua tendência para o prazer. O primeiro obstáculo para a satisfação dessa tendência é a autoridade dos pais. Freud demonstrou que os pais se conformam a educar seus filhos, com injunções de seu próprio superego, o que equivaleria dizer que, é a imagem do superego dos pais que o superego da criança se forma.

Num segundo momento, depois da interiorização desse obstáculo exterior, que o superego representa o papel da instância parental. O superego, segundo Freud, ao tomar posse do poder e da atividade que eram caracterizadas pela instância parental, utilizando, como vimos acima, até os processos desta, não só é seu sucessor, mas também é seu herdeiro legítimo, natural, vindo diretamente dela. O fundamento de tal processo é uma identificação. Se inicialmente trata-se de uma identificação com os pais, durante o seu desenvolvimento o superego se apropria da influência de outras pessoas que possam servir de modelo ideal. Com o processo de amadurecimento, o superego tende afastar-se cada vez mais dos personagens parentais primitivos e a tornar-se mais impessoal, mesmo mantendo a tradição de todos os juízos de valor que subsistem através das gerações e que formam o comportamento social de uma determinada cultura.

---

<sup>105</sup> FREUD, S. Opus cit.: a dissecção da personalidade psíquica. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1970/77. v. XXII, p. 86-87.

Aqui poderíamos dizer, citando Paul Ricoeur que: “o que caracteriza a passagem da primeira para a segunda tópica seria um deslocamento temático: do recalcado para o recalculator”.<sup>106</sup>

Então, se a primeira tópica parece se ocupar somente da economia libidinal e a segunda se detêm no confronto da libido com as exigências de renúncia impostas pela cultura, temos que concordar com Ricoeur quando este afirma que a libido em Freud sempre foi pensada “em situação de cultura”.<sup>107</sup> Esta afirmação será imprescindível para discutirmos mais adiante, o terceiro momento do descentramento.

Na trigésima primeira das “Novas conferências introdutórias sobre psicanálise - A dissecação da personalidade psíquica”<sup>108</sup>, Freud retoma a questão do ego que tenta servir três senhores ao mesmo tempo, mostrando mais uma vez que ficando a mercê do superego que lhe aplica o mais rígido padrão moral, o ego é também dependente do id, pois sabemos que é do id que o ego retira sua energia, ou seja, a libido necessária à sua manutenção e assim procura cada vez mais se apoderar de partes do id para fortalecer-se frente ao superego.

Nesse contexto, Freud enunciou sua célebre frase: “Wo Es war, soll Ich werden” (*Onde estava o id, ali estará o ego*)<sup>109</sup>, esta parece ser uma questão fundamental para a análise da formação do ego e para a discussão sobre o descentramento.

O que parece estar sendo proposto por Freud é que, esse ‘lugar’ de pura afetação no sentido perceptivo, apenas quantitativo, pólo de produção da pulsão e que ainda não pode ser referido pela linguagem, é que seria o ‘lugar’ de surgimento do ego, como se o espaço para a suposição de algo estranho a esse ego, pertencente ao sujeito e que o determina, já estivesse ali, esperando

---

<sup>106</sup> RICOEUR, P. **Da interpretação**: ensaio sobre Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1977, cap. II, p. 156.

<sup>107</sup> Ibid., p. 156.

<sup>108</sup> FREUD, S. Opus cit.: a dissecação da personalidade psíquica. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1970/77. v. XXII, p. 75.

<sup>109</sup> Ibid., p. 102.

por uma ação psíquica, como vimos anteriormente, produzida pela alteridade, ou seja, pela relação com o outro.

Dizer da possibilidade do ego que surge do id, desse lugar de processamento, que posteriormente será apontado como sendo aquele em que 'lá houve sujeito', é falar de um proto sujeito que percebe ainda sem articular e que ao constituir-se, ao saber de si, entra no campo das representações, some, desaparece e refaz esta experiência quando ressurge no sonho, como consciência perceptiva.

Assim, de acordo com a análise da formação do ego, o sujeito já não será mais uno, pois é a divisão que o constitui como homem. Se a existência humana é marcada pelo conflito de um ego tentando servir a três senhores, veremos que este conflito constitui a fundamental determinação do ser humano, pela divisão a que estará irremediavelmente marcado, pela diferenciação do ego a partir do id e da emergência do superego no momento da derrocada do Édipo, ou seja, por sua própria constituição, que descentra o "eu" por uma alteridade não externa ao sujeito. Só se diz "eu" (numa unificação imaginária) porque não há um "não-eu" no próprio sujeito, sendo este portanto desde seu surgimento dividido em si mesmo. Depois porque essa instância que diz "eu" perde qualquer autonomia pelo fato mesmo de surgir de uma relação não determinada por ela, mas por algo anterior, estranho a esse "eu", pertencente ao sujeito e que o determina.

Podemos assim compreender a interpretação lacaniana da frase de Freud: "*Wo Es war, soll Ich werden*". Lacan traduz essa frase da seguinte maneira: "Ali onde isso (id) era, eu (ego) devo advir".<sup>110</sup> Para ele, trata-se de mostrar que o ego não pode surgir no lugar do id, mas que o sujeito (*je*) deve estar ali onde se encontra o id, determinado por ele, pelo significante, e que este só poderá ser dado em uma relação dialógica e alterária, na ordem do desejo.

---

<sup>110</sup> LACAN, J. **Seminário, Livro I**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979, p. 190.

Jacques Lacan, em seu artigo “A coisa freudiana” de 1971, fez uma tradução da frase freudiana baseado em sua teoria da linguagem, sublinhando a importância da análise das condições de emergência de um sujeito do inconsciente: “o que quer dizer ‘Eu’? Será a mesma coisa que o ego, conceito psicanalítico?”,<sup>111</sup> pergunta Lacan.

Retomando a indagação de Lacan, pois esta questão é central em nossa cartografia do descentramento, citaremos Garcia-Roza, quando afirma que:

O ego psicanalítico nada tem a ver com o eu da psicologia clássica. Não designa a unidade do sujeito nem tampouco se identifica com o lugar cartesiano da verdade. O que Lacan faz, a partir dos textos de Freud, é deslocar o eu do lugar central que ele ocupava na filosofia clássica ...O que nos dizem Freud e Lacan é que esse sujeito, até então absoluto, é atropelado por um outro sujeito que ele desconhece e que lhe impõe uma fala que é vivida pelo sujeito consciente como estranha, lacunar e sem sentido. O que é indicado por essas formações lacunares é o lugar do Outro (com O maiúsculo) onde, segundo Lacan, se situa a cadeia do significante e o sujeito aparece. Esse Outro é a ordem inconsciente, ordem simbólica, que se distingue do outro (com o minúsculo) que é o semelhante, o outro sujeito. É a partir do Outro entendido como lugar simbólico, que podemos entender a diferença entre eu e ego.<sup>112</sup>

A grande tese de Lacan, como vimos, é a de que o sujeito inconsciente, o sujeito da psicanálise, não tem nada a ver com eu da psicologia clássica.

Assim, esta nova concepção de subjetividade, colocará em questão o cogito cartesiano, à medida que, onde Descartes se refere à essência mesma do sujeito, Lacan enuncia um chiasma, “*penso onde não sou, portanto sou onde não me penso*”.

Concluindo, o ego psicanalítico não designa a unidade do sujeito nem o identifica com o lugar cartesiano da verdade, ou seja, “o ego não é o lugar da verdade do sujeito, mas a imagem que o sujeito tem de si mesmo”.<sup>113</sup>

Posto isto, retornemos a questão do descentramento, que a partir deste momento, vai implicar no deslocamento das formações psíquicas inseridas na representação, ou seja, na consciência, no inconsciente e no eu, para uma formação que estaria em seu interior, à pulsão. Para isto, vamos retomar os

<sup>111</sup> Ibid., p. 192.

<sup>112</sup> GARCIA-ROZA, L. A. Opus cit., p. 210.

<sup>113</sup> Ibid., p. 210.

escritos freudianos da metapsicologia, onde veremos que as representações e o sujeito do inconsciente serão figurados como destino privilegiado das pulsões e não como sua origem.

### PERCURSO III: AS PULSÕES

Primeiramente será importante mostrar que esses escritos da metapsicologia representam o maior esforço de Freud para esclarecer as bases teóricas da psicanálise e mostrar o que considerava o mais original de suas descobertas e elaborações, a de uma psicologia que indo além da consciência, que considerando o inconsciente, poderia ser chamada de “meta”. Cabe salientar aqui o interesse de Freud em proporcionar um fundamento teórico estável à Psicanálise. Freud afirma que:

Ouvimos com freqüência a afirmação de que as ciências devem ser estruturadas em conceitos básicos claros e bem definidos. De fato, nenhuma ciência, nem mesmo a mais exata, começa com tais definições. O verdadeiro início da atividade científica consiste antes na descrição dos fenômenos, passando então a seu agrupamento, sua classificação e sua correlação. Mesmo na sua fase de descrição não é possível evitar que se apliquem certas idéias abstratas ao material manipulado. ... Tais idéias que depois se tornarão os conceitos básicos da ciência.<sup>114</sup>

Esse termo “metapsicologia”, aparece no texto freudiano com três acepções: na primeira acepção lhe serve como qualificativo para reunir hipóteses conceituais sobre um mesmo sistema de funcionamento na psicanálise; em um segundo momento designa um conjunto de textos escritos em 1915, *Às pulsões e suas vicissitudes, O recalque, O inconsciente, Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos e Luto e melancolia*, agrupados sob este título; e finalmente, o adjetivo “metapsicológico”, vai designar precisamente a descrição de um processo psíquico, do ponto de vista de sua localização em instâncias, da distribuição dos seus investimentos e do conflito das forças pulsionais, ou como propõe Freud: “quando tivermos conseguido descrever um processo psíquico em seus aspectos dinâmico,

---

<sup>114</sup> FREUD, S. Opus cit.: a pulsão e suas vicissitudes. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1970/77. v. XVI, p. 137.

topográfico e econômico, passemos a nos referir a isso como uma apresentação metapsicológica”.<sup>115</sup>

Essas várias acepções do termo mostram o desejo de Freud de, ao mesmo tempo, estabelecer suas idéias como um saber “científico”, dentro da psicologia e preservar a riqueza criativa de um conceito eminentemente teórico em construção. Para Fulgêncio:

Para Freud a Psicanálise não pode ser tomada como um tipo de conhecimento metafísico, pois a sua construção é feita segundo os critérios próprios ao desenvolvimento do conhecimento científico, ela é fundada na observação e na busca de resolução de problemas empíricos, na constante elaboração e teste de suas teorias na realidade empírica. ....para que seja possível completar as teorias é necessário aplicar conceitos especulativos à pesquisa empírica, os quais possibilitarão apreender, organizar e relacionar os fatos, tais como a idéia de força psíquica (pulsão), de um aparelho psíquico, de uma energia psíquica de natureza sexual, passível de deslocamento e descarga. Freud sabe que esses conceitos são apenas construções auxiliares.<sup>116</sup>

Tendo em vista esta perspectiva, retomemos algumas das idéias da metapsicologia freudiana, mais precisamente segundo seu ponto de vista dinâmico, explicitando o psiquismo a partir da distribuição de seus investimentos e do conflito das forças psíquicas em oposição, ou seja, da pulsão.

Sabemos bem que o conceito de pulsão evoluiu na teoria freudiana, podendo mesmo ser colocado como dois momentos teóricos com objetos conceituais distintos; em uma primeira concepção teórica onde Freud fala de duas pulsões fundamentais (pulsões sexuais e de autopreservação), que seria definida em função de sua fonte, força, alvo e objeto, para uma segunda onde com os conceitos de pulsão de vida e pulsão de morte, retomaria a primeira concepção e a complementar.

Não parece ser necessário retomar aqui a polêmica em torno da tradução e dos componentes semânticos dos termos pulsão e instinto na teoria

---

<sup>115</sup> Ibid., p. 208.

<sup>116</sup> FULGÊNCIO, L. **Aspectos metafísicos da teoria psicanalítica de Freud**. Anais do Congresso de Filosofia: natureza e liberdade. Curitiba: Puc/Pr, 2005, p. 167.

freudiana, pois pensamos que está bem esclarecida para os leitores de Freud; propomos apenas retomar esses conceitos teóricos marcando sua diferença fundamental, ou seja, entre a pulsão (*Trieb*) e o instinto (*instinkt*) mostrando que este último, além de designar um comportamento hereditariamente fixado, possui um objeto específico, enquanto que a pulsão não implica nem em comportamento pré-formado, nem objeto específico. A mobilidade em relação ao objetivo e ao objeto, pontos fundamentais da teoria pulsional é que serão enfocados para desenvolvimento de nossa argumentação frente à questão do descentramento.

O termo pulsão aparece nos escritos freudianos pela primeira vez, no “Projeto para uma psicologia científica” de 1895, tendo na sua origem a noção energética, dentro da distinção que Freud opera entre os dois tipos de excitação internas e externas (*Reiz*), a que o organismo estaria submetido; essas fontes internas portadoras de um fluxo contínuo de excitação (os estímulos endógenos) seriam o fator que sustentaria o funcionamento do aparelho psíquico: “é assim que surge no interior do sistema o impulso que sustenta toda atividade psíquica. Conhecemos essa força como vontade – o derivado das pulsões”.<sup>117</sup>

Mas, é importante assinalar que neste texto, o termo aparece apenas como um aspecto verbal, quando ele se referia às excitações endógenas em contraposição às exógenas, onde, segundo Freud, o organismo primitivo, não pode atuar de forma evasiva contra as necessidades pulsionais, como o faz contra os estímulos externos.

Será na descrição da sexualidade humana que se delineia a noção freudiana de pulsão (*trieb*), mais precisamente nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” de 1905, onde, partindo da análise das perversões e da sexualidade infantil, veremos como a fonte da pulsão é somática, que o objeto

---

<sup>117</sup> FREUD, S. Opus cit.: projeto para uma psicologia científica. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1970/77. v.I, p. 335.



da pulsão é variável, contingente e como seus alvos ou objetivos são variados e mesmo parciais, com a finalidade de descarregar a tensão. Neste texto, podemos salientar como central a suposição de que surge dos órgãos somáticos, aqui referidos como “zonas erógenas”, um tipo específico de excitação, a sexual. A *pulsão sexual*, portanto seria composta de várias *pulsões parciais*, que se definiriam por suas fontes e seus objetos, e incluiriam as pulsões oral, anal e fálica e também a pulsão de ver (olhar) e a *pulsão sádica*.

Somente em 1915, em “As pulsões e suas Vicissitudes” é que veremos a primeira definição clara e sistematizada do termo pulsão nos escritos de Freud, “como um conceito limite entre o psíquico e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente, como uma medida de exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo”.<sup>118</sup>

Nesta primeira teoria das pulsões, quatro referenciais serão fundamentais para caracterizarmos melhor esse empreendimento freudiano, os conceitos de: fonte, pressão, objetivo e objeto da pulsão.

A fonte (*Quelle*) da pulsão é o processo somático que dá origem à pulsão. Para Freud:

Não sabemos se esse processo é invariavelmente de natureza química ou se pode também corresponder à liberação de outras forças, por exemplo, forças mecânicas. O estudo das fontes da pulsão está fora do âmbito da psicologia. Embora a pulsão seja determinada por sua origem numa fonte somática, na vida mental nós a conhecemos apenas por sua finalidade,...e por vezes sua fonte pode ser inferida de sua finalidade.<sup>119</sup>

Sobre o fato de Freud colocar a fonte da pulsão como fora do âmbito de estudo da psicologia, gostaríamos de retomar a leitura que faz Garcia-Roza, sobre o conceito de *apoio* (*Anlehnung*) em relação ao conceito de pulsão. Ele

<sup>118</sup> FREUD, S. Opus cit.: a pulsão e suas vicissitudes. ESB. Rio de Janeiro: Imago,1970/77. v. XIV, p. 142.

<sup>119</sup> Ibid., p. 143-144.

cita um acréscimo feito por Freud em 1915 nos “Três ensaios sobre a sexualidade” onde Freud escreve: “Nosso estudo do ato de sugar o dedo ou sugar sensual já nos deu as três características essenciais de uma manifestação infantil. Em sua origem ela se apóia em uma das funções somáticas vitais...”.<sup>120</sup>

Para Garcia-Roza a noção de *apoio* seria a chave para a compreensão do conceito de pulsão, pois esta se *apoiaria* sobre “uma das funções somáticas vitais”, ou seja, sobre o instinto. Segundo ele:

O apoio é o fato de as pulsões sexuais estarem ligadas, em sua origem, às pulsões de autoconservação e cujo exemplo mais expressivo é a atividade do lactente: paralelamente à satisfação decorrente da ingestão do alimento, dá-se a excitação dos lábios e da língua pelo peito, o que provoca um outro tipo de satisfação que, apesar de apoiar-se na satisfação da necessidade instintiva, não é redutível a ela. Essa segunda satisfação é de natureza sexual.<sup>121</sup>

O que o leva a afirmar que, a fonte da pulsão encontra sua resposta no apoio que esta tem sobre o instinto, e que um desvio em relação à função, é o que constituiria a pulsão. Gostaríamos de assinalar que para Garcia-Roza o fato de se estabelecer uma articulação entre pulsão e instinto não implica uma atitude reducionista em psicanálise. Segundo ele: “A pulsão de fato se apóia no instinto, mas não se reduz a ele. O que o conceito de *étayage* assinala é exatamente que o apoio é o momento de constituição de uma diferença, que o momento do apoio é ao mesmo tempo um momento de ruptura”.<sup>122</sup>

O apoio marcaria a descontinuidade entre o instinto e a pulsão.

O conceito de pressão (*Drang*), seria a soma de força ou a *medida da exigência de trabalho*, pois a estimulação é o que vem do soma e atinge o aparelho psíquico impondo a este uma exigência de trabalho psíquico, ou seja, este ter de trabalhar psiquicamente para encontrar os meios de livrar-se dessa pressão e obter satisfação. Essa idéia de pulsão como força e como exigência

<sup>120</sup> FREUD, S. Opus cit.: três ensaios sobre a teoria da sexualidade. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1970/77. v. VII, p. 187.

<sup>121</sup> GARCIA-ROZA, L. A. Opus cit., p. 120.

<sup>122</sup> Ibid., p. 120.

de trabalho será retomada posteriormente, pois nos interessa discutir a inscrição dessa força pulsional e o lugar do sujeito como destino das pulsões, como responsável pela satisfação desta demanda e não como origem dela, à medida que este terá que buscar outros objetivos e objetos para sua satisfação.

O objetivo (*Ziel*) também é traduzido como alvo, finalidade, fim ou meta, seria a suspensão da estimulação na fonte, mas também são os alvos e as etapas intermediárias que possam levar a esse alvo último, ou seja, a satisfação como descarga de uma tensão. Existe portanto uma *satisfação da pulsão* (*Triebbefriedigung*), ainda que parcial, a qual Freud define como sendo exatamente esta suspensão do estado de estimulação na fonte somática.

O objeto (*Objekt*) da pulsão seria segundo Freud, “a coisa em relação a qual ou através da qual a pulsão é capaz de atingir seu objetivo.... é o que há de mais variável numa pulsão”.<sup>123</sup>

Há uma certa ambigüidade no uso do termo “objeto”. Freud especifica que ele pode ser um objeto externo, ou uma parte do próprio corpo. Mas o termo também é usado para a *representação psíquica* desse objeto externo, ou dessa parte do corpo; ou ainda, para representações forjadas pela fantasia. De toda maneira o objeto da pulsão é um meio para se atingir o objetivo que é a satisfação. Esta variabilidade e contingência dos objetos e especificidade dos objetivos das pulsões, especialmente em relação às pulsões sexuais, é da maior importância para diferenciar a concepção freudiana da pulsão de outras concepções, que se baseiam no conceito de instinto como obedecendo a uma determinação hereditária fixa do objeto e do objetivo.

Reconhecidas as distinções entre fonte, pressão, objetivo e objeto da pulsão, será necessário retomar o passo seguinte dado por Freud na construção da teoria das pulsões.

---

<sup>123</sup> FREUD, S. Opus cit.: a pulsão e suas vicissitudes. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1970/77. v. XIV, p. 143.

É importante assinalar que para Freud não existe a pulsão, mas as pulsões e que ele não está se referindo apenas às pulsões sexuais, mas sim que sua análise abrange um outro grupo de pulsões, as pulsões de autoconservação (ou pulsões do ego). Essa distinção aparece pela primeira vez em seu artigo “A Concepção Psicanalítica da Perturbação Psicogênica da Visão” de 1910, Freud afirma que:

Descobrimos que cada pulsão procura tornar-se efetiva por meio de idéias ativantes que estejam em harmonia com seus objetivos. Essas pulsões nem sempre são compatíveis entre si; seus interesses amiúde entram em conflito. A oposição entre as idéias é apenas uma expressão das lutas entre as várias pulsões. Do ponto de vista de nossa tentativa de explicação, uma parte extremamente importante é desempenhada pela inegável oposição entre as pulsões que favorecem a sexualidade e as demais pulsões que tem por objetivo a auto preservação do indivíduo – as pulsões do ego.<sup>124</sup>

Se no início as duas pulsões ‘trabalham’ juntas, descarregando-se ou satisfazendo-se num mesmo objeto, pouco a pouco tendem a se separar. A pulsão de autoconservação ou pulsão do ego requer um objeto exterior concreto, e a pulsão sexual não precisa de um objeto exterior para se satisfazer. Ela vai se descarregando nos fragmentos funcionais fisiológicos do próprio corpo, ou seja, satisfaz-se auto-eroticamente.

Mas qual seria a diferença básica entre essas pulsões? Freud estabelece para elas diferentes princípios de funcionamento: as pulsões do ego ou de autopreservação só podem satisfazer-se com um objeto real, pois as necessidades que a satisfazem só existem no mundo exterior, (como o leite materno, por exemplo), então o princípio que rege seu funcionamento é o princípio de realidade, enquanto que as pulsões sexuais, inicialmente auto-eróticas, não sofrem ainda a privação do objeto, que é o próprio corpo e podem ser satisfeitas com objetos fantasmáticos e por isso são regidas pelo princípio de prazer. Resumindo, poderíamos dizer que as duas pulsões têm origens

---

<sup>124</sup> FREUD, S. Opus cit.: a concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1970/77. v. XI, p. 199-200.

diferentes: o que constitui a especificidade de cada uma delas é a relação de acessibilidade do objeto, mediada num caso pela realidade exterior e no outro pelo próprio corpo.

Das pulsões sexuais ele diz que são numerosas, surgem de diversas fontes orgânicas e atuam a princípio independentes umas das outras; seu objetivo é o prazer do órgão. Diz também que elas se apóiam nas pulsões de autoconservação e seguem para encontrar um objeto, ou seja, os caminhos indicados por estas. Novamente aqui vemos a importância da noção de apoio da pulsão sexual no instinto. Dito de outro modo, as pulsões sexuais e as pulsões do ego se exercem sobre os mesmos órgãos: a boca, por exemplo, serviria a autoconservação (comer) quanto à sexualidade (beijar).

Tanto as pulsões sexuais como as pulsões do ego, têm, em geral, os mesmos órgãos e sistemas de órgãos a sua disposição. O prazer sexual não está apenas ligado à função dos genitais. ... Quanto mais estreita a relação em que um órgão, uma função dupla desta espécie, entra com uma das principais pulsões, tanto mais ela se retrai da outra. Este princípio não pode deixar de provocar consequências patológicas, caso as duas pulsões estejam desunidas e caso o ego mantenha a repressão da pulsão sexual componente em questão.<sup>125</sup>

Neste artigo, Freud invoca que as perturbações psicógenas da visão podem ser explicadas mediante a hipótese do conflito pulsional, pois a escotofilia nada mais é do que uma erogeneização do ato de olhar e por conseguinte do aparelho da visão. Se as exigências desta pulsão parcial chegam a provocar as defesas do ego, o olho se converte no órgão de conflito das pulsões, e o resultado seria a inibição do ato de ver ou a cegueira histérica.

Considerar tanto a sexualidade quanto a busca da autoconservação como pulsões, não significa uniformizá-las ou equipará-las. Freud as diferencia, assinalando que a ligação das pulsões de autoconservação aos objetos externos, e portanto, ao princípio de realidade, é muito mais forte, ficando as pulsões sexuais, devido ao seu longo e complexo desenvolvimento, muito mais sujeitas ao princípio de prazer e ao registro da fantasia. A tendência

---

<sup>125</sup> Ibid., p. 201.

fundamental do aparelho psíquico, em que se defrontam as duas pulsões, continua a exercer-se no sentido de realizar o máximo de prazer; só que, sendo o ser humano condenado a uma existência social, a busca do prazer é limitada por normas que transcendem o indivíduo e lhe impõem as restrições derivadas da cultura.

Dito isto, o importante a ser assinalado aqui, é que Freud reconhece que estabeleceu esta primeira diferenciação entre as pulsões, servindo-se da oposição tradicional entre as principais necessidades que são a fome, por um lado, e o amor, por outro. Assim colocou entre as pulsões de autoconservação ou pulsões do ego todos os fenômenos que dizem respeito a autopreservação e atribuiu à pulsão sexual todas as questões relativas à sexualidade infantil e à sexualidade perversa. Segundo Freud:

Dissemos a nós mesmos que provavelmente não iríamos perder o rumo, se começássemos por separar duas principais pulsões, ou classe de pulsões, ou dois grupos de pulsões, em consonância com as duas grandes necessidades – fome e amor. ... Nas pulsões do ego incluímos tudo o que tinha relação com a autopreservação, afirmação e engrandecimento do indivíduo. Aos instintos sexuais tivemos de atribuir a diversidade necessária à vida sexual infantil e perversa.<sup>126</sup>

O dualismo, presente desde os primórdios da vida, tende pouco a pouco a opor, uma à outra, ambas as pulsões, transformando a duplicidade pulsional em fonte de conflito psíquico.

O que podemos observar neste momento teórico é que o conflito se realizaria entre as *pulsões sexuais* (regidas pelo princípio do prazer) e as de *autoconservação ou pulsões do ego* (regidas pelo princípio de realidade).

Se aqui o ego era fundado na autoconservação do indivíduo, poderíamos pensar então, que o ego apareceria como um *espaço mental autônomo* – que mesmo assediado pelas pulsões sexuais poderia manter os interesses vitais do indivíduo; caberia à pulsão de autoconservação cuidar do

<sup>126</sup> FREUD, S. Opus cit.: novas conferências introdutórias sobre a psicanálise. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1970/77. v. XXII, p. 120.

psiquismo ou salvaguardá-lo das pulsões sexuais. Neste momento teórico, o ego seria visto como o lugar da razão a serviço dos interesses vitais do organismo, sendo colocado como uma instância psíquica autônoma, neutra e livre de conflitos e que poderia ter acesso a valores transcendentais.

Segundo Birmann, podemos observar neste momento da escrita freudiana a idéia de que “o processo civilizatório seria uma realização do eu que se empreenderia a custa da sexualidade”,<sup>127</sup> ou seja, Freud acreditava nesse momento que pelo eu e pela razão seria possível contornar os obstáculos da sexualidade e oferecer a esta outros destinos possíveis; e que regulando o sexual pelo recalque, o ego poderia entreabrir possibilidades para a satisfação das pulsões sexuais, contornando os rígidos códigos morais instituídos. Birmann destaca este, como um momento iluminista da obra freudiana e afirma que esta concepção do ego orientou leituras diversificadas em psicanálise, sobretudo o que chamamos de psicologia do ego.

Mas, seguindo o fluxo da escrita freudiana, alguns fatos clínicos, sobretudo em seus estudos sobre a demência precoce, não eram facilmente explicados pela dualidade pulsional que nesta época servia de referencial teórico para Freud.

Assim foi levado a verificar, por meio de observações clínicas, que certas afecções mostravam ora a existência de uma fixação da libido, ora um regresso da libido ao ego. Freud observou também que, se a diferenciação que ele estabelecera entre as pulsões sexuais e as pulsões do ego ou de autoconservação permitiriam explicar as neuroses de transferência, o mesmo não se poderia dizer a respeito das neuroses narcísicas, ou seja, se nas neuroses de transferência a libido se encontrava deslocada sobre objetos imaginários ou reais, na neurose narcísica a energia deslocada estaria investida exclusivamente sobre o ego.

---

<sup>127</sup> BIRMAN, J. *Estilo e modernidade em psicanálise*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997. p. 28-29.

Foi buscando explicar essas perturbações originárias de um retraimento da libido sobre o ego que Freud em 1914, em seu texto “Sobre o Narcisismo: Uma Introdução” substituirá a dualidade pulsional autoconservação/sexualidade, pela dualidade *libido do objeto e libido do ego ou libido narcísica*<sup>128</sup>, valorizando mais o ‘lugar’ para onde se dirige à libido, como vimos no capítulo anterior.

A partir dos escritos sobre o narcisismo, o ego passa a se constituir como um grande reservatório de energia libidinal, o que implica um certo estágio de *narcisismo primário ou original*<sup>129</sup>, onde os objetos exteriores ainda não existiriam; esta seria uma primeira etapa na evolução libidinal. Por outro lado, sempre existiria um ‘núcleo’ estrutural narcísico, espécie de representação daquele período do desenvolvimento humano em que se podia prescindir das satisfações proporcionadas pelos objetos exteriores. É a este núcleo narcísico que o sujeito, já adulto, tende a retornar em determinadas circunstâncias, o que constituiria o *narcisismo secundário*<sup>130</sup>. Este tipo de narcisismo, como seu nome indica, seria o fruto do refluxo energético pulsional que depois de ter investido os objetos exteriores voltaria a seu lugar de origem, o ego.

A partir desse trabalho, a pulsão de autoconservação passa a ser considerada como um amor a si mesmo e a idéia de que toda pulsão é, em última instância sexual, passa a tomar corpo na teoria freudiana, levando Freud a reformular a gênese do investimento psicosexual, admitindo que não é só um fragmento do corpo que poderia ser investido de energia (zonas erógenas), mas sim a pessoa como um todo.

No *narcisismo primário*, visto como um estágio de total indiferenciação entre o ego e o id e entre essas duas instâncias e o mundo exterior, veríamos a

---

<sup>128</sup> FREUD, S. Opus cit.: sobre o narcisismo -uma introdução. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1970/77. v. XIV, p. 92.

<sup>129</sup> Ibid. p. 90.

<sup>130</sup> Ibid. p. 90/91.



satisfação anárquica auto-erótica das pulsões, segundo sua funcionalidade fisiológica, ou seja, as parcialidades de investimento corporal estariam ligadas às funções fisiológicas, e a descrição do *narcisismo secundário* estaria baseada em correlatos clínicos, como o luto e a melancolia, onde, por exemplo, a perda do objeto altamente investido e, portanto valorizado, faria com que o investimento retorne ao ego ‘tentando’ reconstruir nele o objeto perdido.

A análise do narcisismo, que poderíamos chamar de um conceito limite entre a sexualidade e o ego, nos conduz a um outro tema importante: o da escolha do objeto. Desde 1905, a contingência do objeto frente à pulsão que nele se satisfaz fora um dos eixos de referência da teoria sexual, até então o objeto sexual coincidia com a pessoa que satisfazia as necessidades vitais elementares, sobre as quais se apoiara inicialmente a pulsão sexual, ou seja, a mãe ou seu substituto.

Somente nos escritos sobre o narcisismo é que Freud irá considerar a descoberta da escolha narcísica de objeto a razão mais forte para aceitar a hipótese do narcisismo e que poderá distinguir as vicissitudes da escolha de objeto em *anaclíticas* e *narcísicas*. De acordo com Freud:

As primeiras satisfações sexuais auto-eróticas são experimentadas em relação com as funções vitais que servem à finalidade de autopreservação. As pulsões sexuais estão, de início, ligadas à satisfação das pulsões do ego; somente depois é que elas se tornam independentes destas, e mesmo então encontramos uma indicação dessa vinculação original no fato de que os primeiros objetos sexuais de uma criança são as pessoas que se preocupam com sua alimentação, cuidados e proteção. ... Lado a lado, contudo, com esse tipo e fonte de escolha objetal, que pode ser denominado o tipo ‘anaclítico’ ou de ‘ligação’, a pesquisa em psicanálise revelou um segundo tipo, que não estávamos preparados para encontrar. Descobrimos, de modo especialmente claro em pessoas cujo desenvolvimento libidinal sofreu alguma perturbação, que em sua escolha ulterior dos objetos amorosos elas adotaram como modelo não sua mãe mas seus próprios eus. Procuram inequivocadamente a *si mesmas* como objeto amoroso, e exibem um tipo de escolha objetal que deve ser denominado de ‘narcisista’.<sup>131</sup>

O retorno da pulsão em direção ao próprio eu do indivíduo, diz respeito, como citado acima, ao objeto, permanecendo o objetivo inalterado. Freud

---

<sup>131</sup> FREUD, S. Opus cit.: sobre o narcisismo uma introdução. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1970/77. v.XIV, p. 104.

observa que os nomes 'amor' e 'ódio' devem ser reservados para a relação do ego com os objetos totais, sem confundi-la com as pulsões parciais, capazes de satisfazer-se com objetos fragmentários.

O amor torna-se assim, difícil de integrar na teoria das pulsões, porque admite não uma, mas três antíteses: amar/ser amado, amar/odiar, amar/ser indiferente ao objeto. Para dar conta destas possibilidades, Freud introduz o conceito das "três polaridades" que dominam a vida mental: ego/mundo exterior, prazer/desprazer, atividade/passividade. Será a dialética destas polaridades que poderá esclarecer o enigma da origem do amor e do ódio.

Podemos resumir dizendo que o traço essencial das vicissitudes sofridas pelas pulsões está na *sujeição dos impulsos pulsionais às influências das três grandes polaridades que dominam a vida mental*. Dessas três polaridades podemos descrever a da atividade-passividade como a *biológica*, a do ego-mundo exterior como a *real*, e finalmente a do prazer-desprazer como a polaridade *econômica*.<sup>132</sup>

Em um primeiro momento, o que é objeto do investimento das pulsões não é o mundo externo, mas o próprio ego do indivíduo, caracterizando uma forma de satisfação que é auto-erótica, assim o ego coincide com o prazer e o mundo externo com o indiferente ou o desprazeroso: é o momento narcísista. Se o amor é a relação do ego com suas fontes de prazer, segue-se que os membros da polaridade amar/ser amado coincidem na etapa narcísica, ou seja, que nesta etapa o ego ama apenas a si mesmo e encontra em si mesmo a fonte de prazer. Essa seria obviamente a marca fundamental da condição narcísica.

No entanto, essa forma de satisfação auto-erótica é possível apenas em se tratando das pulsões sexuais. As pulsões de autoconservação, por não se satisfazerem na modalidade fantasmática, exigem um objeto externo.

É, portanto, por exigência do princípio de prazer, ou seja, por um aumento da estimulação interna, que o ego é obrigado a procurar os objetos do

---

<sup>132</sup> FREUD, S. Opus cit.: a pulsão e suas vicissitudes. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1970/77.v. XIV, p. 162.

mundo externo que possam se constituir como fonte de prazer, buscando meios para restabelecer a satisfação narcísica; assim, o ego introjeta os objetos gratificantes do mundo exterior e projeta para este último tudo aquilo que, nele próprio, é fonte de desprazer.

Desta maneira, uma parte do mundo externo é incorporada ao ego, enquanto que, por outro lado, uma parte do ego, fonte de desprazer, é projetada no mundo exterior, que passa a ser vivido como hostil – e não mais indiferente como era antes. No momento em que o ‘narcisismo primário’ é invadido pelo objeto exterior, vemos emergir a terceira antítese do amor: a oposição amor/ódio. O ódio seria o modo originário de lidar com objetos exteriores, que representassem uma fonte indesejada de estimulação para o ego narcisista.

As pulsões de autoconservação indicariam também que certos objetos externos são gratificantes e outros hostis, de modo que na relação entre o ego e o mundo pode-se instalar a polaridade prazer/desprazer, com a conseqüente emergência das atitudes de atração e repulsão frente ao objeto.

Mas, será importante retomarmos o artigo “As Pulsões e suas Vicissitudes”, de 1915, onde Freud pretende mostrar as várias vicissitudes pelas quais as pulsões atravessam no processo de desenvolvimento do indivíduo. Aqui, Freud faz questão de frisar que é da pulsão sexual que ele está falando.

Já vimos anteriormente que uma pulsão tende à satisfação, não podendo ser inibida ou destruída em seu intento. Mas, se o objetivo da pulsão é a busca de satisfação, veremos que esta busca não se dá de forma direta e imediata, e que, por exigência da censura esta precisa ser modificada, o que leva Freud a considerar os destinos da pulsão como modalidades de defesa.

Nossa investigação sobre as várias vicissitudes pelas quais passam as pulsões no processo de desenvolvimento e no decorrer da vida deve ficar confinada as pulsões sexuais, que nos são mais familiares. A observação nos mostra que uma pulsão pode

passar pelas seguintes vicissitudes: *reversão ao seu oposto, retorno em direção ao próprio eu do indivíduo, repressão e sublimação*.<sup>133</sup>

Retomaremos aqui resumidamente, antes de explicitarmos as vicissitudes pelas quais a pulsão atravessa, a idéia de que a pulsão, na medida em que tem sua origem somática, permanece fora da ação direta da operação psíquica de recalçamento no inconsciente. Esta ação psíquica pode apenas incidir sobre os representantes psíquicos da pulsão; estritamente falando sobre seus representantes ideativos. Freud distingue dois elementos no representante psíquico da pulsão, a representação e o afeto, para indicar que cada um deles conhecerá destinos diferentes.

O *representante ideativo (Vorstellungrepräsentanz)* e o *afeto (Affect)*, apresentam, então um mecanismo particular de transformação. Sabemos também que, mesmo que o afeto sofra transformações pelo recalçamento, ele não pode ser, enquanto afeto, recalçado, (como dito anteriormente, o afeto pertence ao sistema pré-consciente e não pode ser inconsciente, devendo se ligar a uma idéia para ser representado); as transformações sofridas pelo afeto, teorizadas a partir de suas observações clínicas, seriam segundo Freud: “a transformação do afeto (histeria de conversão), o deslocamento do afeto (obsessões) e a troca do afeto (neurose de angustia e melancolia)”.<sup>134</sup>

Dito isto, é importante assinalar que o que estará em questão neste artigo de Freud, serão somente os *destinos do representante ideativo* da pulsão. As vicissitudes do representante ideativo seriam, como dito anteriormente, “a reversão ao seu oposto, o retorno em direção ao próprio eu, o recalçamento e a sublimação.”<sup>135</sup>

Escreve Freud:

---

<sup>133</sup> Ibid. p.147.

<sup>134</sup> FREUD, S. Opus cit.: extrato dos documentos dirigidos a Fliess. Carta 52 ESB. Rio de Janeiro: Imago,1970/77. v. I, p. 259.

<sup>135</sup> FREUD, S. Opus cit.: a pulsão e suas vicissitudes. ESB. Rio de Janeiro: Imago,1970/77.v. XIV, p. 147.

A reversão de uma pulsão ao seu oposto transforma-se, mediante um exame mais detido, em dois processos diferentes: uma mudança da atividade para a passividade e uma reversão de seu conteúdo. Encontram-se exemplos do primeiro processo nos dois pares de opostos: sadismo-masochismo e escopofilia-exibicionismo. A reversão afeta apenas as finalidades das pulsões. A finalidade ativa (torturar, olhar) é substituída pela finalidade passiva (ser torturado, ser olhado). A reversão do conteúdo encontra-se no exemplo isolado da transformação do amor em ódio.<sup>136</sup>

O que estaria em questão aqui seriam os objetivos e o conteúdo da pulsão. Na segunda vicissitude, *o retorno da pulsão em direção ao próprio eu do indivíduo*, o que estaria em questão seria uma mudança de objeto, permanecendo o objetivo inalterado. Diz Freud, que a reflexão de que:

O masochismo é, na realidade, o sadismo que retorna em direção ao próprio ego do indivíduo, e de que o exibicionismo abrange o olhar para o seu próprio corpo. A observação analítica, realmente não nos deixa duvidar de que o masochista partilha da fruição do assalto a que é submetido, e de que o exibicionista partilha da fruição de sua exibição.<sup>137</sup>

Segundo Freud, na análise do processo que ocorre no par de opostos sadismo-masochismo e voyeurismo-exibicionismo, encontraríamos exemplos da transformação do objetivo e do objeto da pulsão. Esse processo poderia ser resumido se considerarmos que o sadismo consiste no exercício da violência ou poder sobre outra pessoa como objeto; que esse objeto é substituído pelo próprio eu do indivíduo (mudança de objeto: do outro eu para o próprio eu); que poderia haver uma mudança de objetivo (de ativo para passivo), e que uma outra pessoa poderia ser procurada como objeto para exercer o papel de agente da violência (masochismo).

Em 1920, na sua obra “Além do Princípio de Prazer”, Freud vai postular um novo dualismo: pulsões de vida e pulsões de morte. “Nossas concepções, desde o início, foram dualistas e são ainda hoje ainda mais definitivamente dualistas do que antes, agora que descrevemos a oposição como se dando,

---

<sup>136</sup> Ibid., p. 147-148.

<sup>137</sup> Ibid., p. 148.

não entre as pulsões do ego e as pulsões sexuais, mas entre a pulsão de vida e a pulsão de morte”.<sup>138</sup>

Segundo esse novo princípio o sujeito teria, então, dois grupos de pulsões, ou duas pulsões principais, em conflito, tendo ambas o Id como reservatório psíquico.

As pulsões sexuais que ele opusera inicialmente às pulsões de auto-conservação, são consideradas a partir de então, em seu sentido mais amplo: correspondem às pulsões de vida e tendem a agir como forças de ligação, presidindo a criação e a síntese das unidades vitais. A pulsão de morte e de destruição, ao contrário, tenderiam a uma descarga total de energia, teriam como finalidade uma redução completa de toda tensão, isto é, a um regresso a um estado inorgânico. As pulsões de vida e de morte são, pois de natureza conservadora, porque tendem a restabelecer um estado de coisas anterior.

A este respeito, Freud já tinha apresentado em “O Ego e o Id” indicações significativas:

Com base em considerações teóricas, apoiadas pela biologia, apresentamos a hipótese de uma pulsão de morte, cuja tarefa é conduzir a vida orgânica de volta ao estado inanimado; por outro lado, imaginamos que Eros, por ocasionar uma combinação de seqüências cada vez mais amplas das partículas em que a substância viva se acha dispersa, visa a complicar a vida e, ao mesmo tempo, naturalmente, a preservá-la. Agindo dessa maneira, ambas as pulsões são conservadoras, no sentido mais estrito da palavra, visto que ambas estariam se esforçando para restabelecer um estado de coisas que foi perturbado pelo surgimento da vida.<sup>139</sup>

Verificamos que, do ponto de vista econômico, a pulsão de vida parece não poder corresponder à tendência fundamental para a redução das tensões, pois sua questão é mais qualitativa que econômica, representando as exigências da libido. A pulsão de morte, parece, ao contrário, corresponder inteiramente a essa tendência que Freud designou como o “Princípio de Nirvana”, como um princípio econômico da redução das tensões a zero.

---

<sup>138</sup> FREUD, S. Opus cit.: além do princípio de prazer. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1970/77. v. XVIII, p. 73.

<sup>139</sup> FREUD, S. Opus cit.: o Ego e o Id. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1970/77. v. XIX. p. 55-56.

Esse dualismo bastante complexo das pulsões aqui citadas, fez parte de um movimento peculiar da escrita freudiana ao se deparar com questões para as quais buscava respostas; o *sadismo* e o *masoquismo* e a *compulsão à repetição*.

Retomaremos agora a questão da complexidade do dualismo pulsional presentes em “Além do Princípio de Prazer”, pois um aspecto importante da dinâmica das transformações explicitadas acima, é que nunca ocorre um esgotamento total de um dos seus opostos. O que queremos dizer é que na reversão da atividade para a passividade, persiste uma quota de atividade ao lado da passividade, o mesmo ocorrendo com o retorno em direção ao próprio eu. Esta questão já havia aparecido nos “Três ensaios sobre a sexualidade”, de 1905, levando Freud a afirmar que “um sádico é sempre um masoquista, embora o aspecto ativo ou passivo da perversão possa ser o que mais fortemente se desenvolveu nele e representar sua atividade sexual predominante”.<sup>140</sup>

Assim, ao reconhecer a presença no homem de uma pulsão agressiva e destrutiva, Freud destacou que o *sadismo* e o *masoquismo*, constituem exemplos significativos “da confusão das duas espécies de pulsão, de Eros com a agressão”.<sup>141</sup>

Freud destacava particularmente o fato de as pulsões de vida e as pulsões de morte estarem, na maioria dos casos, intimamente “misturadas”, o que já se apresentava em seus escritos anteriores, como a ambivalência entre o amor e o ódio e mesmo em certas condições, a transformação de um sentimento no outro, características presentes nos relacionamentos humanos, com já foi visto.

Para a oposição entre as duas classes de pulsões podemos colocar a polaridade do amor e do ódio. ... Ora a observação clínica demonstra não apenas que o amor, com

---

<sup>140</sup> FREUD, S. Opus cit.: três ensaios sobre a teoria da sexualidade. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1970/77. v. VII, p. 161-162.

<sup>141</sup> FREUD, S. Opus cit.: novas conferências introdutórias sobre a psicanálise. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1970/77.v. XXII, p. 133.

inesperada regularidade, se faz acompanhar pelo ódio (ambivalência), e que nos relacionamentos humanos, o ódio é freqüentemente um precursor do amor, mas também que, em certas condições, o ódio transforma-se em amor e o amor em ódio.<sup>142</sup>

Seria justamente esta noção de combinação, fusão ou “mistura” das pulsões que permite explicar a maioria dos processos psíquicos, assim, a projeção da pulsão de morte, autodestrutiva, sobre os objetos exteriores dá origem a tendências destrutivas; outras vezes são tornados inofensivos graças a sua junção com elementos eróticos. Não existe conduta puramente narcisista ou objetal, destrutiva ou libidinosa; todas as condutas são oposições ou combinações dos dois grupos de pulsões que conduziriam a distúrbios de conduta. Assim é que no masoquismo original ou erógeno, o que se verifica é a fusão da pulsão destrutiva com a pulsão sexual, fusão esta que admite graus, desta maneira, o excesso de agressão sexual transforma o amor em assassinato, a diminuição excessiva da agressividade tornaria o indivíduo impotente e tímido.

O resultado é que essas pulsões de morte que “trabalham em silêncio” são praticamente inapreensíveis quando não estão associados às pulsões de vida. Talvez seja por isso que Freud concedeu um lugar importante ao estudo do sadismo e do masoquismo, que representam duas manifestações essenciais da pulsão de morte ligadas às pulsões libidinais e eróticas. Para Freud a “pulsão agressiva” seria a pulsão de morte que, no caso do sadismo, por exemplo é dirigida para o exterior e a “pulsão autodestrutiva” seria a pulsão de morte dirigida para o próprio indivíduo. Mostrou também que a passagem de uma para outra é sempre possível.

Em suas “Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise” de 1932, Freud escreve o seguinte:

Acode-nos ao pensamento a importância da possibilidade de que a agressividade pode não conseguir encontrar satisfação no mundo externo, porque se defronta com obstáculos reais. Se isto acontece, talvez ela se retraia e aumente a quantidade de auto-destrutividade reinante no interior. A agressividade tolhida parece implicar um

---

<sup>142</sup> FREUD, S. Opus cit.: o Ego e o Id. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1970/77. v. XIX, p. 58.



grave dano. Realmente, parece necessário que destruamos alguma coisa ou pessoa, a fim de não nos destruímos a nós mesmos, a fim de nos protegermos contra a pulsão de autodestruição. Realmente uma triste descoberta para o moralista!<sup>143</sup>

Mas, novamente seriam as questões clínicas que trariam luz às teorizações freudianas. Em seu estudo sobre “As Relações Dependentes do Ego” no capítulo V de “O Ego e o Id” (1923), vemos que Freud consegue levar em conta, ao mesmo tempo, as duas hipóteses, elaborando as questões da segunda tópica com sua nova teoria das pulsões, a partir do estudo de casos clínicos onde observara uma dissociação das pulsões. No que se refere, por exemplo, à *melancolia*, Freud verificou que:

Se nos voltarmos primeiramente para a melancolia, descobrimos que o superego excessivamente forte que conseguiu um ponto de apoio na consciência dirige sua ira contra o ego com violência impiedosa, como se tivesse se apossado de todo o sadismo disponível na pessoa em apreço. ...diríamos que o componente destrutivo entrincheirou-se no superego e voltou-se contra o ego.... o que está influenciando agora o superego é uma cultura pura da pulsão de morte.<sup>144</sup>

Parece que, na melancolia, o componente destrutivo estabeleceu-se no superego e dirigiu-se contra o ego, diferentemente do que ocorre na neurose obsessiva, onde em linhas gerais, a dissociação das pulsões, de que resulta a liberação da inclinação para a agressão, não está mais sob a jurisdição do ego, mas decorre de uma regressão que se desenrolou no id e que se estendeu, em seguida, ao superego, que é portanto, justamente por isso, muito mais regressivo frente ao ego. O superego age como se o ego estivesse na origem dos impulsos agressivos para com o objeto. Não cabe aqui explorar mais amiúde essas questões clínicas, já que é necessário retomarmos uma outra questão importante na segunda teoria pulsional, que é a questão da “compulsão à repetição”.

Já vimos anteriormente que Freud concedia uma importância primordial ao *princípio de prazer*. Voltando ao texto de 1920, “Além do Princípio de

---

<sup>143</sup> FREUD, S. Opus cit.: novas conferências introdutórias sobre a psicanálise. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1970/77. v. XXII, p. 131-132.

<sup>144</sup> FREUD, S. Opus cit.: o ego e o id. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1970/77. v. XIX, p. 69.

Prazer”, contudo, vemos que logo de início, Freud escreve que não seria correto falar na predominância do princípio de prazer sobre os processos mentais. Segundo ele, se essa predominância fosse verdadeira, a maioria de nossos processos mentais seria acompanhada de prazer ou conduziria a ele.

O máximo que se pode dizer, portanto, é que existe na mente uma forte tendência no sentido do prazer, embora essa tendência seja contrariada por certas outras forças ou circunstâncias, de maneira que o resultado final talvez nem sempre se mostre em harmonia com a tendência no sentido do prazer.<sup>145</sup>

Entretanto, ao interrogar-se sobre a possibilidade da existência de um “além do princípio de prazer”, Freud admitiu a intervenção de uma “compulsão à repetição”, a qual lhe pareceu mais primitiva, mais elementar, mais impulsiva do que o princípio de prazer, à medida que não estando orientada para o prazer, se impusesse repetidamente no psiquismo. Freud conclui que:

Chegamos agora a um fato novo e digno de nota, a saber, que a compulsão à repetição também rememora do passado experiências que não incluem possibilidade alguma de prazer e que nunca, mesmo há longo tempo, trouxeram satisfação, mesmo para impulsos pulsionais que desde então foram recalçados.<sup>146</sup>

Assim, quando o domínio dos sonhos parecia ser o domínio privilegiado à realização dos desejos inconscientes do indivíduo, Freud foi levado, pelo estudo de certos casos clínicos, sobretudo das neuroses traumáticas, a reconhecer que nem todos os sonhos obedecem, necessariamente, ao princípio de prazer, e desta maneira não têm por finalidade a realização de desejos. Segundo ele, o mesmo acontecia a nível clínico, com os sonhos dos pacientes, nos quais ele descobria que a recordação de traumatismos psíquicos ocorridos no passado, era vivenciada como estando ligada a algo presente e não ao material inconsciente da qual ela se originou.

---

<sup>145</sup> FREUD, S. Opus cit.: além do princípio de prazer. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1970/77. v. XVIII, p. 20.

<sup>146</sup> Ibid., p. 34.

Partindo da idéia de uma *compulsão à repetição*, Freud propõe a concepção de que toda pulsão seria uma tendência ao restabelecimento de um estado anterior, um estado anterior à própria vida que seria o estado inorgânico.

O que apareceria aqui como uma construção paradoxal, seria o fato de que até então a pulsão era vista como uma força que impelia o organismo no sentido de seu crescimento e desenvolvimento, e que agora apareceria como um aspecto conservador. O alvo da vida seria então a morte, o retorno ao inanimado, e as próprias pulsões de autoconservação, que pareceriam se opor à morte, seriam na verdade, pulsões parciais para assegurar seu próprio caminho para a morte.

A hipótese das pulsões de autoconservação, tais como as atribuímos a todos os seres vivos, alteia-se em acentuada oposição à idéia de que a vida pulsional, como um todo, sirva para ocasionar a morte. Vista sob essa luz, a importância teórica das pulsões de autoconservação, auto-afirmação e domínio diminui grandemente. Trata-se de pulsões componentes cuja função é garantir que o organismo seguirá seu próprio caminho para a morte, e afastar todos os modos possíveis de retornar a existência inorgânica que não sejam os imanentes ao próprio organismo. ... O que nos resta é o fato de que o organismo deseja morrer apenas do seu próprio modo.<sup>147</sup>

Então, o estado de equilíbrio estável que era característico da substância inanimada, teria sofrido a ação de forças externas a ela e assim a vida seria nada mais do que a busca por esse retorno ao equilíbrio original. Freud afirma que essa tendência é interna ao ser vivo, ou seja, que ela faz parte de um esforço do próprio ser de retornar ao estado inorgânico original. Se forças externas provocaram o aparecimento da vida, uma morte obtida por ação de agentes externos seria contrária a essa tendência, já que, como escreve Freud, o organismo deseja morrer apenas do seu próprio modo. A citação de Garcia-Roza resume bem essa idéia:

---

<sup>147</sup> Ibid., p. 56-57.

É essa tendência inerente a todo ser vivo de retornar ao estado inorgânico que Freud chama de pulsão de morte, enquanto o esforço para que esse objetivo se cumpra de maneira natural, ele denomina pulsão de vida. O objetivo da pulsão de vida não é evitar que a morte ocorra, mas evitar que a morte ocorra de uma forma não-natural. Ela é a reguladora do caminho para a morte.<sup>148</sup>

Assim a pulsão de morte está referida a forças disruptoras, sem ligação psíquica e as pulsões de vida, representadas psiquicamente e investidas pela energia da libido, prendem-se à organização e a conservação da vida. O que significaria dizer que a pulsão exige permanentemente novas organizações subjetivas, novas formas de criação, de sublimação, frente a essa vocação conservadora e repetitiva, essa '*força demoníaca*' regida pelo princípio de descarga total, que é a pulsão de morte.

Ao postular a existência da pulsão de morte, pulsão não representada, destacada em sua radicalidade, Freud aponta para a limitação de um ideal iluminista, científico, representacional. Se a pulsão de morte é aquilo que está na raiz de todo pulsional, se ela é o mais pulsional da pulsão, é preciso concordar que este elemento escapa tanto à consciência quanto ao inconsciente e só poderia ser situado na própria raiz do inconsciente.

Ao formular a teoria do desejo inconsciente, que determina um movimento insistente e permanente no psiquismo para restabelecer uma experiência de satisfação primária, Freud mostra o desejo vinculado ao princípio de prazer e a uma satisfação sempre parcial e, indica também o caráter trágico do desejo porque este está intrinsecamente ligado ao determinismo da materialidade do campo das representações.

O desejo freudiano é o desejo de abolir a divisão, o que o assinala como horizonte do impossível: pois o objeto que o aplacaria já foi perdido e a repetição é sua busca desesperada. Tal busca contudo, é dominada por duas determinações antagônicas. Por um lado, o desejo é singularizado pela fantasia, ou seja, não é qualquer objeto que lhe convém, mas somente aqueles

---

<sup>148</sup> GARCIA-ROZA, L. A. Opus cit., p. 137.

em consonância com as suas exigências imaginárias, articuladas segundo os vestígios do passado. Por outro lado, a realidade inexorável lhe proíbe o acesso ao Objeto por excelência, o primeiro e mais fundamental de todos: a mãe. O conflito aparece assim como a condição essencial do desejo.

Poderíamos dizer que a introdução do conceito de pulsão de morte deslocou o pensamento freudiano da necessidade de a representação inconsciente tornar-se consciente, privilegiando a indagação sobre como se produz o inconsciente, na medida que a idéia de pulsão de morte implica a impossibilidade de a totalidade da força pulsional ser incluída no campo das representações.

A pulsão de morte pode ser traduzida como força constante, que, em seu ponto máximo de tensão, transborda em angústia como manifestação de uma verdade indizível. Essa força constante implica uma parcela de atividade que traz a ameaça de devoramento, de despedaçamento do corpo, gerando uma busca de prazer excluído por estar além do princípio de prazer, uma busca repetitiva de um lugar de silêncio, de não inscrição, de vazio absoluto.

Desta maneira, o que antes era pura quantidade, tendente a zero, à morte, passa a ser circuito por efeito das ligações a coisas, nomes, imagens, em um processo de fusão pulsional. Mas, sempre restam excessos não ligados, que insistem em descarregar e para que a fusão se mantenha é preciso um investimento permanente do outro.

Desta forma, o esquema de alteridade apresentado na segunda tópica freudiana, associado à segunda teoria das pulsões, é fundamental para a articulação da pulsão com a ética.

Trata-se de construir a ética na psicanálise a partir do estatuto da pulsão, ampliado desde o “Além do Princípio de Prazer”, onde Freud escreve sobre o valor de dois tempos na organização da pulsão: a pulsão/irrepresentável, como uma infra-estrutura, uma força constante, e a

pulsão/representação, como qualidade e montagem organizada, como campo de representabilidade ou campo da psicanálise como prática clínica.

Assim o trabalho psíquico é trabalho de simbolização, mediatizado pela interpretação do outro. O que equivale a dizer que para Freud a subjetividade e sua correlativa inscrição pulsional ficam submetidos à dimensão alterária. Ou seja, sem o investimento do desejo do outro não há sujeito. Não há sujeito sem cultura e é a cultura que impõe um mal-estar constitutivo. Essa é a questão concorrente das duas pulsões: o mal-estar é a ligação da pulsão de morte com a de vida. Quanto mais absorvida é a força pulsional pela cultura, mais mal-estar, na medida em que a absorção da pulsão pelo simbólico é sempre parcial e o conflito constitutivo permanente.

Assim, se para Freud, a noção de pulsão serve para designar um princípio de ação independente da vontade, onde “a essência mais profunda do homem, consiste em suas pulsões, que são de natureza elementar, que são idênticas em todos os homens, tendem à satisfação de certas necessidades originais e não são ‘nem boas nem más’”<sup>149</sup>, somos levados a pensar que aquilo que temos em nós, de mais primitivo ou de originário, em torno do qual se cristaliza aquilo que nós somos individualmente, não é da ordem do sentido, tampouco ligado a valores que podemos dispor racionalmente ou compreender espontaneamente.

A descrição da pulsão como “exigência de trabalho imposta ao psiquismo por sua vinculação com o somático” acentua a idéia de que o mais importante seria compreender essa força, essa *exigência permanente de trabalho* oriunda das excitações corporais que obriga o psíquico a tentar ordená-las e a inscrevê-las de algum modo, já que o sujeito advém do pulsional por excelência.

---

<sup>149</sup> FREUD, S. Opus cit.: reflexões para os tempos de guerra e morte. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1970/77. v. XIV, p. 317.

Esta pulsionalização do biológico instalará, a partir de então, uma exigência de trabalho para descarregar a tensão, seja por simples descarga ou tornando a pulsão circuito através de objetos oferecidos para a sua satisfação. Somente a dimensão alterária poderá alterar esse destino, reafirmando que será através da inscrição originária, ou seja, do momento de instauração do processo pulsional como exigência de trabalho imposta ao psiquismo pelo corporal, que a pulsão se transformará em marcas que serão investidas, o que equivale a dizer que a vida psíquica nos vem de fora, à medida que, como dito anteriormente, será a dimensão alterária que irá dirigir e organizar a força pulsional, pois, no início o que existe é uma massa biológica que só será psiquismo por força do investimento do outro, transformando nossos reflexos de descarga motora em pulsões de morte e vida pelo desejo do outro, ou seja, o outro pré-histórico que, desde o início, proporciona ao bebê a experiência de satisfação do desejo, dando um sentido a sua descarga motora.

A idéia de que a pulsão se apóia no instinto equivale ao reconhecimento de que a experiência humana, ao contrário da fixidez e da previsibilidade da conduta dos animais é marcada pela indeterminação, pela contingência e pelo caráter mediato da experiência. O corpo físico, onde as excitações encontrariam destino, estaria contraposto ao corpo pulsional, este que só pode ser compreendido pela mediação simbólica oferecida pelo psiquismo, ocasionando um hiato fundamental na compreensão daquilo que nós somos, pois parece que falar do pulsional é afirmar que a experiência humana não se aplica por algum tipo de lei natural, que a sexualidade e seu regime de prazeres e sofrimentos não obedece a padrões previsíveis e controláveis, que qualquer coisa de nosso desejo deseja independentemente da saída que possamos ter e estão na dependência das trajetórias que a cultura e a linguagem põem à sua disposição.

Retornando ao artigo inicial desta apresentação, “Uma Dificuldade no Caminho da Psicanálise”, retomaremos a conclusão de Freud, quando este

escreve que, no caso dos conflitos pulsionais a função da inteligência falha e a vontade não se estende para além do conhecimento; a informação que a consciência alcança é sempre incompleta e devemos desconfiar dela à medida que a experiência só é alcançada quando as decisões já foram tomadas. Para ele: “A descoberta de que a vida pulsional de nossa sexualidade não é totalmente domável e que nossos processos mentais propriamente ditos são inconscientes e, só atingem o ego e se submetem ao seu controle por meio de percepções incompletas e de pouca confiança – equivalem à afirmação de que *o ego não é o senhor em sua própria casa.*”<sup>150</sup>

Esta afirmação será fundamental para traçarmos as considerações finais, pois ela remete à questão do descentramento e do desamparo experimentados por cada indivíduo e que, responsáveis pelo seu mal estar, estão sempre forçando para que este assuma, alguma atitude em relação ao seu desejo.

---

<sup>150</sup> FREUD, S. Opus cit.: uma dificuldade no caminho da psicanálise. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1970/77. v. XVII, p. 178.



## **CONSIDERAÇÕES FINAIS: DESCENTRAMENTO E DESAMPARO**

A força do pensamento freudiano, não está centrada somente na construção teórica da psicanálise, a qual se impôs como importante área do conhecimento revelando a natureza humana com suas fragilidades e possibilitando a descoberta das suas potencialidades. Ela reside também na produção de um saber inquietante sobre a condição humana, onde a diversidade, a abrangência e a profundidade de seus estudos continuam demandando até hoje uma incessante e heterogênea produção intelectual.

Podemos observar que a obra de Freud, de início, predominantemente voltada para as questões clínicas em busca de respostas para suas indagações médicas, preocupou-se em construir gradativamente, uma compreensão do ser humano perante suas defesas e estratégias para interagir com o mundo externo, em sua busca incessante de realizar seus desejos. Seus estudos vão identificando fenômenos e relações causais em um universo até então enigmático para a humanidade, delineando a prevalência do inconsciente sobre a vida humana.

O rompimento de Freud com o discurso médico permitiu delinear a dimensão ética da psicanálise enquanto uma experiência diferenciada da moral; mas, é importante assinalar que ele recusava a idéia de uma ética enquanto “ordem universal”, o que o afastava da filosofia moral antiga, assim como da filosofia cristã e também, da moral kantiana, pois enquanto na ética cristã a ordem universal está fundada na existência de Deus como criador e ser perfeito, causa de si, em Kant é a razão enquanto universal que garante a possibilidade de universalização da lei.

Freud rejeitava a existência de uma capacidade inata e original no homem de distinguir o bem do mal, acreditando que os juízos éticos não

estavam fundados na razão, mas sim decorrentes do desejo de felicidade do ser humano, constituindo “*uma tentativa de apoiar com argumentos as suas -ilusões*”<sup>151</sup> Quanto a esses desejos, era cético, afirmando não haver nada no mundo ou fora deste, que garantisse a felicidade.

Como vimos, Freud vai consolidando um vasto campo teórico, onde juntamente com a construção de um conjunto de conceitos técnicos destinados a produzir efeitos terapêuticos, ele engendra uma visão de mundo e uma avaliação da relação que os homens mantêm no meio em que vivem e com a civilização. Cabe salientar que Freud não se propunha a ser um reformador da sociedade, nem considerava a psicanálise capaz de criar uma *Weltanschauung*. Para ele, a psicanálise fazia parte da *Weltanschauung* científica, que, por sua vez era incompleta, não abrangendo todo o conhecimento. A própria idéia de uma explicação totalizante, implícita na noção de *Weltanschauung* era, para Freud, incompatível com o conceito de ciência.

Mas, o que podemos observar, a partir da leitura dos textos freudianos, é que a psicanálise não consiste somente em um aparato epistêmico de ação terapêutica, mas sim em um enunciado sobre a humanidade do homem, enunciado construído como uma ponte teórica que permite identificar a relação causal entre o sofrimento humano e o próprio processo civilizatório em que o homem está imerso.

É a partir de Freud que se instaura uma subjetividade sustentada, não apenas em referência ao sujeito na sua experiência social imediata, mas fundamentalmente em face de um sujeito estruturalmente dividido, que tem sua verdade descentrada do espaço da consciência, supondo que sua ação comporta um sentido desconhecido. Esse descentramento mostrará um sujeito implicado nas suas ações mais enigmáticas, nas suas contradições, na sua complexidade, ampliando deste modo, seu campo de responsabilidade. Assim, a idéia de descentramento em relação a si mesmo engendrada pela

---

<sup>151</sup> FREUD, S. Opus cit.: o mal estar na civilização. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1970/77, v. XXI, p. 170.

especificidade de sua estruturação psíquica e o desamparo experimentado pelo homem, frente à civilização, são os traços teóricos que gostaríamos de sublinhar no pensamento freudiano, como dois constituintes primordiais da subjetividade do ponto de vista psicanalítico.

A formulação da noção de inconsciente vai permitir a Freud, não apenas propor uma compreensão das causas que determinam a diferença de comportamento entre os homens, como também de empreender uma crítica radical à moral burguesa. Subvertendo as distinções morais tradicionais, ele demonstra como, sentimentos e comportamentos incoerentes e incompatíveis podem conviver em uma mesma pessoa, como as virtudes do altruísmo se confundem com os imperativos do narcisismo, colocando o sujeito diante de suas “*torpezas íntimas*”, ele redimensiona as convenções sociais, revelando a hipocrisia que as funda.

Em relação ao desamparo do homem, a abordagem freudiana é pautada por um ceticismo fundamental, ou por uma visão aparentemente pessimista da civilização. Desde seus primeiros trabalhos, Freud assinala a existência de uma inadequação e, mais do que isso, de um conflito entre as exigências da pulsão, que requer imperiosamente satisfação e as restrições da moral civilizada. No texto “Moral Sexual Civilizada e Doença Nervosa Moderna”, de 1908, ele já afirmava que a civilização é erigida sobre a renúncia às pulsões, disseminando em conseqüências, a neurose:

Não é arriscado supor que, sob o regime de uma moral sexual civilizada, a saúde e a eficiência dos indivíduos esteja sujeita a danos, e que tais prejuízos causados pelos sacrifícios que lhe são exigidos terminem por atingir um grau tão elevado, que indiretamente cheguem a colocar em perigo os objetivos culturais.<sup>152</sup>

Ele reconhecia que o estado anterior à civilização seria ruim, pois, se existia liberdade individual, teoricamente ilimitada, esta teria pouco valor, uma

---

<sup>152</sup> FREUD, S. Opus cit.: moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1970/77. v. IX, p. 187.

vez que tal liberdade se desvanecia quando o ser humano encontrava um outro mais forte. Já a civilização, apesar de qualitativamente superior, coloca o ser humano em um impasse existencial difícil de ser solucionado: ela não apenas repousa sobre a renúncia ou o recalçamento das pulsões, mas também é construída pela sublimação das pulsões, que conduz à criação de valores e objetos socialmente reconhecidos, em torno dos quais circula a libido, disto resultando a constituição de um acervo cultural comum de bens materiais e ideais. Mas, diz Freud, a capacidade de sublimação varia de indivíduo para indivíduo e, além disso, uma certa quantidade de satisfação sexual direta é necessária, sem a qual surgem fenômenos patológicos que *“colocam em perigo os objetivos culturais”*.

Por outro lado, o recalçamento ou a renúncia às pulsões vai de encontro ao motor pulsante da vida humana, o princípio de prazer. Aqui se estabelece um conflito permanente entre o ser humano e a sua civilização, conflito que o aprisiona a um dilema que o coloca entre a barbárie, para onde não é mais possível e tampouco desejável voltar, e a civilização, que cobra um elevado preço na medida em que impõe restrições às pulsões. Freud identifica nesta hostilidade não resolvida do homem contra a civilização, o foco de um conflito que, ao tentar se superar, gera as revoluções que impulsionam a humanidade para um novo patamar civilizatório. O que está em jogo, diz Freud, é a liberdade individual contra a vontade imposta pela lei e pela justiça do grupo.

Mas, em “O Mal Estar na Civilização”, Freud levanta uma questão, que, de certa forma, altera a formulação que atribui unicamente à moral a responsabilidade pela não satisfação das pulsões. Diz ele: *“às vezes somos levados a pensar que não se trata apenas da pressão da civilização, mas de algo da natureza da própria função que nos nega satisfação completa e nos incita a outros caminhos. Isto pode estar errado; é difícil decidir.”*<sup>153</sup>

---

<sup>153</sup> FREUD, S. Opus cit.: o mal estar na civilização. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1970/77. v. XXI, p. 126.

Freud suspeita que por trás desse conflito haja algo de inconquistável, algo de nossa própria constituição psíquica que nega a possibilidade de uma satisfação completa. É à própria pulsão que é atribuída a impossibilidade de satisfação completa: o programa do princípio de prazer, de nos fazer felizes, não tem nenhuma chance de se realizar. Tudo parece lhe ser contrário, “*tanto no microcosmo quanto no macrocosmo*”, ainda que não possamos abandonar nossos esforços em realizá-lo, à medida que ele domina a vida mental. O princípio de prazer aparece como um imperativo, do qual não se pode escapar, mas que fracassa necessariamente.

Refletindo sobre o propósito da vida humana, Freud, identifica, apesar de reconhecer que as suas pretensões não são ambiciosas a ponto de elucidar esta questão, um princípio geral que mostra ser a condição que move todo ser humano diante da vida; “*A resposta mal pode provocar dúvidas. Esforçam-se para obter felicidade; querem ser felizes e assim permanecer.*”<sup>154</sup>

Assim identifica o propósito da vida humana em buscar intensamente o prazer e evitar o sofrimento, reconhecendo entretanto, que este objetivo jamais será satisfatoriamente alcançado, já que a busca pela felicidade está limitada pela própria constituição do ser humano; desta maneira, o sofrimento seria causado a partir do próprio corpo “*condenado à decadência e à dissolução*”, através das forças destruidoras e poderosas do mundo externo e também, o mais penoso de todos para Freud, do sofrimento decorrente do relacionamento com outros seres humanos. Diante destas forças, só resta ao ser humano, como uma forma de defesa, moderar suas expectativas, domesticando o princípio de prazer e se ajustando ao princípio de realidade.

Mas, mesmo não podendo realizar o programa do princípio de prazer, o ser humano não abandona os esforços de tentar realizá-lo, tornando-se este um desafio que permeia toda sua existência.

---

<sup>154</sup> Ibid. p. 94.

Deste modo, o homem, impedido de realizar o que o move à vida, o princípio de prazer, por onde flui sua sexualidade e agressividade, é obrigado a se amoldar ao princípio de realidade, que opera no nível do pré-consciente e da consciência, onde as regras morais são formuladas e onde estará sujeito aos limites e à lei que regula seu desejo. A sua inserção no processo da cultura, com vimos anteriormente, vai ser dada segundo uma relação vivenciada e não segundo uma abstração como a idéia de consciência moral, pois Freud entende que não é a consciência moral que produz a renúncia às pulsões, mas sim as vicissitudes da renúncia às pulsões que engendraria a consciência moral e a reforçaria.

A origem da moralidade, que parece ser uma questão importante para Freud, aparece já em 1895, em seu “*Projeto para uma Psicologia Científica*”. No capítulo sobre a ‘*Experiência de satisfação*’, Freud vincula a satisfação pulsional à relação do sujeito com o próximo, mostrando que a experiência de satisfação está marcada pelo desamparo primordial que, para ele caracteriza o sujeito humano, Esta satisfação depende do próximo, do semelhante, na medida em que a criança é incapaz de sozinha, dar conta de sua subsistência. Freud fala da necessidade de uma ‘ação específica’ (fornecimento de alimentos, cuidados, etc), engendrada por outro ser humano, necessária a satisfação e a apreensão da realidade, pois é em seus semelhantes que o ser humano aprende a (re)conhecer. Segundo Freud:

O organismo humano é a princípio, incapaz de promover esta ação específica. Ela se efetua por ajuda alheia, quando a atenção de uma pessoa experiente é voltada para um estado infantil por descarga através da via de alteração interna. Essa via de descarga adquire, assim a importantíssima função secundária da comunicação, e o *desamparo inicial dos seres humanos é a fonte primordial de todos os motivos morais.*<sup>155</sup>

O ser humano está, portanto, segundo Freud, marcado pela relação com o outro e, por isso ele afirma que o desamparo inicial é a “*fonte primordial de*

---

<sup>155</sup> FREUD, S. Opus cit.: projeto para uma psicologia científica. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1970/77. v. I, p. 336.

*todos os motivos morais*”, o que significa dizer, que a formação subjetiva se dá no registro da alteridade e que a origem da moralidade está, portanto, no desamparo primordial do ser humano e na necessidade do outro para levar a cabo a experiência de satisfação, experiência que terá sempre um caráter insatisfatório, decorrente do fato de que o objeto da satisfação que o aplacaria já foi perdido e a repetição é sua busca desesperada. Tal busca, como vimos anteriormente, é dominada por determinações antagônicas, pois por um lado, o desejo é singularizado pela fantasia e, por isso, não é qualquer objeto que lhe convém, mas somente aqueles em conformidade com suas exigências imaginárias e que guardam vestígios do passado; por outro lado, porque a realidade proíbe o acesso ao objeto mais fundamental e catexizado de todos, a mãe.

Em 1914, no texto “Sobre o Narcisismo: Uma Introdução”, Freud atribui ao ideal do ego o papel de consciência moral e de agente de censura, à medida que o ideal do ego se realizaria pela identificação, como vimos anteriormente, sobre a questão do eu, na segunda parte deste percurso. A identificação vai mostrar a presença e a efetividade do outro na constituição do sujeito. A formação de um ideal constitui para Freud uma via importante de socialização. O ideal do ego, instância que se diferencia do ego, surge da influência crítica dos pais e representa idéias éticas e culturais que servem de referência para o ego. É uma instância simbólica que dirige a relação do ego com seu ego ideal, isto é, à imagem do que ele pretende ser, impulsionando-o à ação. Não somente ele incorpora os padrões culturais e morais da sociedade, como habilita o sujeito a atuar socialmente. Ao mesmo tempo o ideal de ego tem efeitos narcísicos, uma vez que é para o par ideal de ego/ego ideal que se desloca o narcisismo infantil perturbado pelas exigências da vida em sociedade e pelo despertar de seu próprio julgamento crítico.

Em 1921, no texto “Psicologia de Grupo e Análise do Ego” ele reafirma esse papel desempenhado pelo ideal do ego, atribuindo-lhe as funções de

auto-observação, consciência moral, censura dos sonhos e principal influência no recalque, dizendo que o ideal do ego é herdeiro do narcisismo original onde, o ego infantil desfrutava de auto-suficiência; segundo ele, o ideal do ego, gradualmente reúne, das influências do meio ambiente, as exigências que este impõe ao ego, das quais este não pode sempre estar à altura; *“de maneira que um homem, quando não pode estar satisfeito com seu próprio ego, tem, no entanto, possibilidade de encontrar satisfação no ideal do ego que se diferenciou do ego.”*<sup>156</sup>

Em seguida, em 1923, Freud atribuirá ao superego, “herdeiro do complexo de Édipo”, o lugar de representante da lei, que para além do caráter simbólico da lei, apresenta sua face insensata, cega, tirânica, uma vez que o superego, como derivado do complexo paterno, atuaria em relação ao ego sob a forma de um “Imperativo Categórico”. Utilizando a expressão Kantiana, ele define o superego, como a instância moral por excelência. A concepção freudiana, contudo, difere da de Kant, já que as funções do superego podem operar de forma inconsciente, enquanto que, para Kant, o Imperativo Categórico não nasce da autonomia de uma vontade que dá a si mesma o princípio das suas máximas, e sim da internalização, pela violência, das normas sociais que proíbem o incesto. Daí que, ao invés de ser o respeito pela lei moral, o móvel das ações do homem livre, o sentimento invocado seja o de culpa. Então, para Kant, não é o sentimento que funda a obediência à lei, mas o temor da lei que inspira o sentimento.

A noção de sentimento inconsciente de culpa, formulada por Freud, é fundamental para a compreensão desta diferença. O sentimento de culpa, originário da tensão entre o ego e o superego, é composto primeiro pelo medo de uma autoridade, que foi instituída com o processo civilizatório representando a lei e, em seguida pelo medo do superego. Enquanto que a autoridade exige à

---

<sup>156</sup> FREUD, S. Opus cit.: psicologia de grupo e análise do ego. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1970/77. v. XVIII, p. 138.



renúncia das satisfações das pulsões, uma vez que estas inviabilizariam a organização social, o superego é mais exigente e cruel em suas demandas, pois além da renúncia às pulsões, ele demanda do ego uma punição, uma vez que os desejos proibidos continuam a existir no sujeito, buscando satisfação, impulsionados pelo princípio de prazer.

Além disso, a ordem do superego se exerce de uma maneira particular, pois quanto mais se atende às suas exigências, mais cruel ele se torna, o que levou Freud a sustentar a necessidade de uma certa dose de transgressão para se alcançar o prazer. Neste texto podemos observar ainda, um desabafo de Freud quanto às críticas recebidas pela psicanálise como uma ciência amoral.

A Psicanálise freqüentemente foi censurada por ignorar o lado mais elevado, moral, suprapessoal, da natureza humana. A censura é duplamente injusta, tanto histórica quanto metodologicamente. Em primeiro lugar, porque já desde o início atribuímos às tendências morais e estéticas do ego a função de incentivar o recalque; e, depois, houve uma recusa geral em reconhecer que a pesquisa psicanalítica não podia, tal como um sistema filosófico, produzir uma estrutura teórica completa e já pronta, mas teve de encontrar seu rumo passo a passo ao longo do caminho da compreensão das complexidades da mente.<sup>157</sup>

Mas, será no texto “O Mal estar na civilização”, que Freud desenvolverá o conceito de superego enfatizando o seu caráter de construção a partir da dependência do sujeito em relação ao outro, em virtude de seu desamparo primordial. Nesse sentido, a consciência moral não é primária nem inata, sendo as noções de Bem e Mal fruto de uma construção desenvolvida a partir das relações com os outros, em que a dependência se transfigura em medo de perda de amor.

Isto representa uma grande desvantagem econômica na construção de um superego ou, como podemos dizer, na formação de uma consciência. Aqui, a renúncia pulsional não possui mais um efeito completamente liberador; a continência virtuosa não é mais recompensada com a certeza do amor. Uma ameaça de infelicidade externa – perda de amor e castigo por parte da autoridade externa – foi permutada por uma permanente infelicidade interna, pela tensão do sentimento de culpa.<sup>158</sup>

---

<sup>157</sup> FREUD, S. Opus cit.: o Ego e o Id. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1970/77. v. XIX, p. 50.

<sup>158</sup> FREUD, S. Opus cit.: o mal estar na civilização. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1970/77. v. XXI, p. 151.

Freud vai estabelecendo, neste texto, uma espécie de genealogia da consciência moral, da *'ansiedade social'* ao *'sentimento inconsciente de culpa'*, mostrando que o sentimento de culpa, o mais importante problema no desenvolvimento da civilização, à medida que o preço a ser pago pelo avanço da civilização é uma perda de felicidade pela própria intensificação do sentimento de culpa, nada mais é do que uma variação da ansiedade que coincidirá com o *'medo do superego'*, já que cabe a ele manter a vigilância sobre as ações e intenções do ego e julgá-las exercendo sua censura. A esse respeito, ele escreve:

A ansiedade está sempre presente, num lugar ou outro, por trás de todo sintoma; em determinada ocasião, porém, toma, ruidosamente, posse da totalidade da consciência, ao passo que em outra, se oculta tão completamente, que somos obrigados a falar de ansiedade inconsciente. ... Por conseguinte, é bastante concebível que tampouco o sentimento de culpa produzido pela civilização seja percebido como tal, e em grande parte permaneça inconsciente, ou apareça, como uma espécie de *mal estar*, uma insatisfação para a qual as pessoas buscam outras motivações.<sup>159</sup>

Podemos concluir então, que a moralidade em Freud não é apenas algo que no âmbito das relações sociais se sobrepõe aos desejos individuais, com um caráter repressivo. A moralidade surge no seio de cada um de uma gênese social progressiva, e parece não ser outra coisa que uma vaga possibilidade de ser. *"...a consciência é o resultado da renúncia pulsional, ou que a renúncia pulsional (imposta a nós de fora) cria a consciência, a qual exige mais renúncias pulsionais"*.<sup>160</sup> A moralidade atua então, como uma exterioridade face ao sujeito desejante pois, ela parece depender das vigilâncias que cada um é capaz de estabelecer e de edificar, por razões infinitamente diversas, ao grado de suas experiências sociais. Importante assinalar mais uma vez que, a consciência moral e a compreensão que cada um forja de seu comportamento ético, a faculdade que temos de pensar a moralidade e de nos conformarmos,

---

<sup>159</sup> Ibid. p.160.

<sup>160</sup> Ibid. p. 152.

tudo isto não constitui uma faculdade original do sujeito no sentido que ela resultaria de uma estrutura autenticamente pulsional da subjetividade e de sua história natural.

Ainda neste texto, Freud mostrará que uma das exigências da sociedade civilizada, *mais antiga que o cristianismo que a apresenta como sua reivindicação mais gloriosa*, é um mandamento que expressa a ordem cultural do superego e o surpreende particularmente como impossível de ser cumprido: “amar ao próximo como a si mesmo”. Para Freud, o amor é um sentimento muito valioso que não deve ser jogado fora sem reflexão e, além disso, nem todas as pessoas são merecedoras de amor. Mais do que isso, muitas têm mais direito ao ódio e a hostilidade do que ao amor. Outras não demonstram consideração, auferem vantagens, prejudicam, escarnecem, insultam, caluniam e mostram superioridade em seu poder. Como amá-las? Parece que por trás deste ceticismo está a noção de pulsão de morte, formulada em 1920, em “Além do princípio de prazer”, que aparece incorporada aqui, sob a forma de agressividade, para pensar a relação entre os seres humanos. De acordo com Freud:

...os homens não são criaturas gentis que desejam ser amadas e que, no máximo, podem defender-se quando atacadas, pelo contrário, são criaturas entre cujos dotes pulsionais deve-se levar em conta uma poderosa cota de agressividade. Em resultado disso, o seu próximo é, para eles, não apenas um ajudante potencial ou um objeto sexual, mas também alguém que os tenta a satisfazer sobre ele a sua agressividade, a explorar sua capacidade de trabalho sem compensação, utilizá-lo sexualmente sem o seu consentimento, apoderar-se de suas posses, humilhá-lo, causar-lhe sofrimento, torturá-lo e matá-lo. ‘Homo hini lupus’. Quem, em face de toda sua experiência da vida e da história, terá a coragem de discutir essa asserção?<sup>161</sup>

Para Freud, a agressividade mútua caracteriza o relacionamento entre os homens e que esse conflito inevitável se daria sempre que estes se propõem a viverem em comum. Assim, Freud abandona as metáforas biológicas e energéticas que havia utilizado em “Além do Princípio de prazer”, para definir a pulsão de morte, como uma tendência a reconduzir o ser vivo ao

---

<sup>161</sup> Ibid. p. 133.

inorgânico, e a toma como destrutividade pura, distinta e autônoma em relação à libido, manifestando-se como inclinação para a agressão. Segundo ele, a inclinação para agressão constituiria no homem, uma disposição pulsional original e auto-subsistente e que ela seria o maior impedimento à civilização.

Somente em 1930, que ele enfatizará esta face visível da pulsão de morte, que é a agressividade humana, entendida como *disposição inata, inclinação original* do homem para a crueldade e para o mal. Segundo Garcia-Roza: “a partir deste texto, a tese de uma destrutividade fundamental, de uma vontade maligna inerente ao ser humano e não tributária da sexualidade, torna-se irrecusável. Freud coloca-se assim ao lado daqueles que postulam algo a respeito da natureza moral do homem. Mais ainda, coloca-se ao lado daqueles que afirmaram uma maldade original do ser humano.”<sup>162</sup>

Mas, a noção de agressividade, enquanto expressão da pulsão de morte, que aparece como esse lugar de resistência à ordem civilizatória em “o Mal estar na Civilização”, não define, uma natureza humana maléfica, enquanto inversão de um moralismo ‘bem intencionado’. Esta concepção não está vinculada a nenhuma essência do homem, constituindo-se a partir de um vazio e operando no sentido da destruição das ligações já estabelecidas. Como vimos, o conceito de pulsão é um conceito limite porque articula o psíquico e o somático, a mente e o corpo, estando na fronteira de ambos. Quando Freud deixa claro que à diferença do instinto – onde a relação entre o corpo e os objetos do mundo externo se faz segundo esquemas inatos que pressupõem uma adequação natural - , a pulsão não tem objeto natural de satisfação. Segundo ele, o objeto da pulsão é a coisa em relação a qual ou através da qual a pulsão é capaz de atingir a sua finalidade, sendo que o objeto, como dito anteriormente, é o que é mais variável numa pulsão e, originalmente não está ligado a ele, só lhe sendo destinado por ser peculiarmente adequado a tornar possível a satisfação. Assim, não parece se tratar de nenhum princípio natural,

---

<sup>162</sup> GARCIA-ROZA, L. A. Opus cit., p. 148.

uma vez que o próprio conceito de pulsão coloca em questão o 'natural', ao se distinguir do instinto. A falta de objeto determinado faz com que se abra uma multiplicidade de vias de satisfação parciais, vias essas que são simbólicas e que são instauradas a partir de um vazio. Esse vazio é posto em destaque pela noção da pulsão de morte, em que esse 'nada', que impulsiona o desejo, que resiste ao reconhecimento na experiência, apresenta-se como estranho e hostil, impondo a separação e a diferenciação, impossibilitando a unificação pretendida pelas pulsões sexuais.

Assim, a pulsão de morte aparece como disjunção de laços, dissolução de nexos, como potência destrutiva. Essa formulação é mantida por Freud, até seus últimos escritos, como aparece em seu "Esboço de Psicanálise".

De acordo com Freud:

Depois de muito hesitar e vacilar decidimos presumimos a existência de apenas duas pulsões básicas, Eros e a pulsão destrutiva. (o contraste entre as pulsões de autopreservação e a preservação da espécie, assim como o contraste entre o amor do ego e o amor objetal, incidem dentro de Eros). O objetivo da primeira dessas pulsões básicas é estabelecer unidades cada vez maiores e assim preservá-las – em resumo, unir. O objetivo da segunda, pelo contrário, é desfazer conexões e, assim, destruir coisas.<sup>163</sup>

Então, enquanto Eros atua no sentido do reforço dos laços, da união dos indivíduos em grupos cada vez maiores, a pulsão de morte, como 'maior obstáculo à civilização', atua no sentido oposto, como disjunção dessas unidades, recusa da permanência, subvertendo a força conservadora de Eros. Assim, não se trata propriamente de 'destruir as coisas do mundo', num sentido derrotista, mas no sentido de desfazer as formas conservadas pela pulsão sexual.

Desta maneira, para Freud a civilização humana é construída sobre a repressão da natureza pulsional do homem e sua conseqüente renúncia ao princípio de prazer. Em relação ao processo civilizatório, Freud conclui que :

---

<sup>163</sup> FREUD, S. Opus cit.: esboço de psicanálise. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1970/77. v. XXIII, p. 173.

Posso agora acrescentar que a civilização constitui um processo a serviço de Eros, cujo propósito é combinar indivíduos humanos isolados, depois famílias e, depois ainda, raças, povos e nações numa única grande unidade, a unidade da humanidade. Porque isso tem de acontecer, não sabemos; o trabalho de Eros é precisamente este. Essas reuniões de homens devem estar libidinalmente ligadas umas às outras. A necessidade, as vantagens do trabalho em comum, por si sós, não as manterão unidas. Mas a natural pulsão agressiva do homem, a hostilidade de cada um contra todos e de todos contra cada um, se opõe a esse programa de civilização. Essa pulsão agressiva é o derivado e o principal representante da pulsão de morte, que descobrimos lado a lado de Eros e que com este divide o domínio do mundo. Agora, penso eu, o significado da evolução da civilização não mais nos é obscuro. Ele deve representar a luta entre Eros e a Morte, entre a pulsão de vida e a pulsão de destruição, tal como se elabora na espécie humana. Nessa luta consiste essencialmente toda a vida, e, portanto, a evolução da civilização pode simplesmente ser descrita como a luta da espécie humana pela vida.<sup>164</sup>

Podemos dizer então, que, de acordo com Freud, para se organizar uma existência aceitável, sob a forma de compromisso, tanto do ponto de vista do prazer que se pode ter, quanto do ponto de vista da moralidade ou da civilidade que esta postula, o princípio de realidade terá que se desprender do princípio de prazer/desprazer. A ética faria parte desses procedimentos de inserção do sujeito na realidade, das mediações da economia e dos avatares afetivos e sociais da existência e também das mediações que gerem as relações da vida de cada um consigo mesmo e com os outros.

O centro de gravidade dado pela psicanálise para pensar a ética é aquele em que o indivíduo deve poder organizar suas representações a partir de um sistema de valores e, para que esses valores não sejam frutos de desastrosas conseqüências psíquicas do meio civilizatório, onde estão irremediavelmente imersos todos os homens, será preciso referenciar o lugar de emergência desses valores sobre dois planos distintos: primeiro, sobre o plano do desejo que é também o de uma subjetividade pré-ética; a essência mais profunda do homem, escreve Freud, “*consiste em suas pulsões, que são de natureza elementar, idênticas em todos os homens e que tendem a satisfação de suas necessidades primevas, e que estas pulsões em si, não são nem boas nem más*”.

---

<sup>164</sup> FREUD, S. Opus cit.: o mal estar na civilização. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1970/77. v. XXI, p. 145.

Logo podemos supor, como dissemos anteriormente que, o que temos de mais primitivo e originário, em torno do qual vem se cristalizar aquilo que somos não será da ordem do sentido, nem imediatamente ligado a valores, nem mesmo será qualquer coisa, da qual poderemos dispor racionalmente ou que possamos compreender espontaneamente.

Existirá sempre um hiato fundamental entre a inteligibilidade do que somos e a inteligência que somos, pois qualquer coisa de nosso desejo, deseja, independentemente da saída que possamos encontrar. Assim, a energia libidinal em sua potência, no que há de mais primitivo, de mais complexo, constitui uma espécie de inscrição que já está presente antes do discurso, ou seja, há uma sucessão de acontecimentos psíquicos precedendo nossa capacidade de avaliação, mostrando que o homem é palco do conflito e do desejo, pois, como vimos, se há uma autonomia do sujeito desejante, ela se desenha antes de qualquer coisa e fora de qualquer relação com a moralidade.

O segundo plano, será o de reconhecimento que a subjetividade não é redutível a um nódulo pulsional, mas que ela tem uma natureza fundamentalmente dinâmica. Esta idéia aparece em “O Mal estar na civilização”, em oposição ao sentimento de ‘unidade com o universo’, sentimento este que seria uma reprodução daquilo que o ser humano foi em sua origem, um ser ilimitado em suas relações com o mundo, mostrando que o sujeito não sofre somente de um sofrimento corporal, sob o efeito conjugado das forças da natureza e da presença embaraçosa dos outros, mas que ele obstina-se principalmente contra a estrutura de seu próprio ser, sempre em tensão e governado não por um princípio de prazer, mas por um princípio de prazer/desprazer.

Entretanto, algumas das coisas difíceis de serem abandonadas, por proporcionarem prazer, são, não ego, mas objeto, e certos sofrimentos que se procura extirpar mostram-se inseparáveis do ego, por causa de sua origem interna. .... A fim de desviar certas excitações desagradáveis que surgem do interior, o ego não pode utilizar

senão os métodos que utiliza contra o desprazer oriundo do exterior, e este é o ponto de partida de importantes distúrbios patológicos.<sup>165</sup>

Desta maneira, a subjetividade é ela mesma o próprio mal estar. Excedidos por nós mesmos, somos conduzidos pela força dos acontecimentos e pelo efeito de nossa impotência intransigente com a realidade.

A ética, em suas formas culturais as mais diversas, que vão do excesso de religiosidade ao que Freud chama de seu próprio pacifismo 'orgânico', são apenas formas de buscar uma saída pragmática às contradições nas quais estamos inextricavelmente enredados.

Finalizando, podemos afirmar que a teoria freudiana das pulsões prefigurou uma verdadeira revolução copernicana na compreensão da ética, à medida que, mais que articular a objetividade de um princípio inteligível mas intangível, ela indica que será necessário depender do sujeito e de sua estrutura caótica e contraditória encarar o trágico de sua finitude e dar sentido à precariedade da existência.

Não se trata aqui de rebaixar as exigências da moralidade, mas de compreender que elas não são acessíveis a partir delas mesmas, mas a partir do sujeito encarnado em sua autonomia e idiossincrasia pulsional, ou seja, da possibilidade desse sujeito de assumir e de sustentar o seu desejo, que nunca será pleno e com isso poder fazer da potência de destruição, uma potência criadora.

Justo por não estar a serviço do Bem ou dos bens, nem articulada à ordem social, tampouco à moral das virtudes, a ética na psicanálise se orienta para uma destituição narcísica, quebrando as ilusões de completude e felicidade.

Segundo Kehl, a sociedade contemporânea tem buscado a eliminação de todo mal estar, de toda angústia de viver, partindo do pressuposto de que o psiquismo pode se libertar dos incômodos efeitos do inconsciente e servir às

---

<sup>165</sup> Ibid, p. 85.



finalidades de um eu soberano, pragmático, feliz, ajustado às aspirações dos membros da cultura do individualismo e do narcisismo. Para a autora, não se deve estranhar o fato de que a depressão seja o sintoma predominante do sofrimento psíquico desde o final do século passado.

O homem contemporâneo quer ser despojado não apenas da angústia de viver, mas também da responsabilidade de arcar com ela; quer delegar à competência médica e às intervenções químicas a questão fundamental dos destinos das pulsões; quer, enfim, eliminar a inquietação que o habita em vez de indagar seu sentido. Mas não percebe que é por isso mesmo que a vida lhe parece cada vez mais vazia, mais insignificante.<sup>166</sup>

Parece que a concepção freudiana de um sujeito do inconsciente, atormentado pelo sexo, pela morte e pela proibição, foi substituída pela concepção mais psicológica de um indivíduo depressivo, que não quer saber de seu inconsciente preocupado em que está em retirar de si mesmo toda a essência do conflito, seja ela a culpa, a angústia da perda de amor, o deixar-se afetar pelos acontecimentos de seu tempo.

Como diz Roudinesco, parece que a era da individualidade substituiu a da subjetividade, dando ao homem a ilusão de uma liberdade irrestrita, de uma independência sem desejo e de uma historicidade sem cultura.

Deste modo, o homem de hoje, longe de construir seu ser a partir da consciência das determinações inconscientes que o atravessam à sua revelia, ele se toma por senhor de um destino cuja significação reduz a uma reivindicação normativa – querer ser feliz.

Esta dissertação se inscreve, então, no contexto do debate sobre a ética, como um exame da contribuição da psicanálise, à medida que, a relação do homem com o mundo e consigo mesmo muda de perspectiva a partir da descoberta freudiana do inconsciente, da constatação de que o eu se constitui por identificações que são inconscientes, colocando assim nossa condição humana como uma dívida inefável frente ao outro e também pela constatação de que somos vividos por forças desconhecidas e indomáveis.

---

<sup>166</sup>KEHL, M. R. **Sobre ética e psicanálise**. São Paulo: Cia das Letras, 2002. p. 8-9.

Assim, concluiremos que, tanto o conceito de pulsão, como o de inconsciente vem fundar a descrição de um sujeito descentrado, fugidio, fragmentado, desamparado – o sujeito do inconsciente, que mesmo não tendo sido nomeado claramente por Freud, pode ser encontrado ali, nas entrelinhas de seus textos teóricos. Desta maneira, veremos que o sujeito freudiano é um sujeito habitado pela possibilidade de acesso à consciência de seu próprio inconsciente e só será livre quando aceitar o desafio dessa liberdade restritiva, reconstruindo sua significação.

Podemos dizer que, ao questionar o sentido da ação humana, estamos falando da ética e, reafirmar que a ética em psicanálise se distancia das regras do bem viver, se distancia de um código normativo, pois não propõe nenhum modelo de conforto, nenhum ideal de harmonia, em que cada um pudesse realizar seus desejos de felicidade e, ao mesmo tempo, cumprir suas obrigações de solidariedade para com seus semelhantes.

A ética em psicanálise pressupõe que se deva compreender a fidelidade do próprio desejo, enquanto movimento desejante e respeito ao desejo do próximo, pois não se pode curar o sujeito do conflito inerente de sua condição humana, nem eliminar os sintomas mais dolorosos do seu sofrimento psíquico, sem buscar-lhes significação.

A psicanálise oferece ao homem o desafio de pensar sobre si mesmo e sobre a alteridade, pois o sentido não é um valor inerente à própria vida. Cabe a nós dar um sentido a ela, articulando a responsabilidade como solução de compromisso entre o sujeito e seu desejo,

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSOUN, P., L. **Freud e Nietzsche semelhanças e dessemelhanças**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989.
- \_\_\_\_\_. **Introdução à Epistemologia Freudiana**. Rio de Janeiro: Imago Ed. 1983.
- \_\_\_\_\_. **Freud: A Filosofia e os Filósofos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves Ed., 1978.
- AUFRANE, A. L. et al. **O inconsciente: várias leituras**. São Paulo: Escuta, 1991.
- BEZERRA Jr. B. **Descentramento e Sujeito: Versões da Revolução Copernicana de Freud**. In Costa, J.F. (Org.) **Redescrições da Psicanálise: Ensaio Pragmáticos**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- BIRMANN, J. **Estilo e modernidade em psicanálise**. São Paulo: Editora 34, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Por uma estilística da existência**. São Paulo: Ed. 34, 1996.
- FREUD, S. **Edição *Standart Brasileira (ESB)* das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1970-1977.
- FUKS, B.B. **Freud & A Cultura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed. 2003.
- FULGÊNCIO, L. Aspectos metafísicos da teoria psicanalítica de Freud. **Anais do Congresso de Filosofia: natureza e liberdade**. Curitiba: Puc/Pr, 2005.
- GAY, P. **Freud: uma vida para nosso tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GARCIA-ROZA, L. A. **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- \_\_\_\_\_. **O Mal Radical em Freud**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- JURANVILLE, A. **Lacan et la philosophie**. Paris: Puf, 2003.
- KAUFMANN, P. **Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- KEHL, M. R. **Sobre ética e psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- LACAN, J. **Escritos**. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- \_\_\_\_\_. **Seminário: livro I**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.
- \_\_\_\_\_. **Seminário: livro II**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário de psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1970.

- LECLAIRE, S. **O país do outro: o inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- LEVIN, K. **Freud: a primeira psicologia das neuroses**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1980.
- MANNONI, O. **Freud e a psicanálise**. Rio de Janeiro: Ed. Rio, 1976.
- MEZAN, R. **Freud: A trama dos conceitos**. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- MILLER, J. A. Silet. **Os paradoxos da pulsão de Freud a Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- MONZANI, L. R. **Freud: o movimento de um pensamento**. Campinas: Editora da Unicamp, 1989.
- MOURA, A. H. (Org.). **As pulsões**. São Paulo: Escuta, 1995.
- OGDEN, T. **Os sujeitos da psicanálise**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.
- PACHECO, O.M.C.A **Sujeito e Singularidade. Ensaio sobre a Construção da Diferença**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1996.
- RICOEUR, P. **Da interpretação: ensaio sobre Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- ROUDINESCO, E. **Por que a psicanálise?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- VIEIRA, M. A. **A ética da paixão: uma teoria psicanalítica do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.